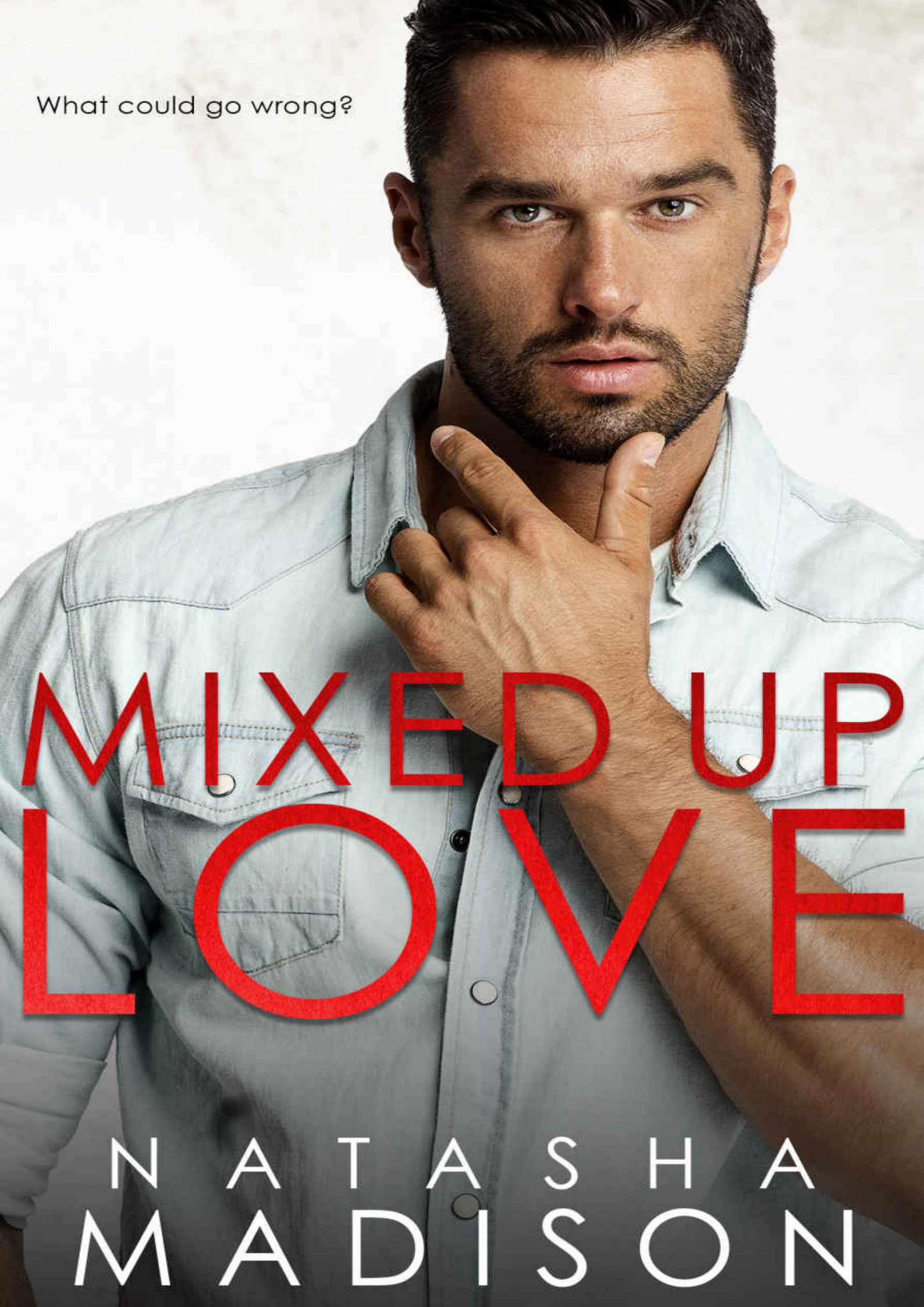

What could go wrong?
MIXED UP
LOVE
NATASHA
MADISON

MIXED UP
LOVE
NATASHA
MADISON



Trad. Mecânica: Kah

Revisão Inicial: Mika Hanazuki

Revisão Final: Lili Wings

Leitura Final: Seraph Wings

Formatação: Aurora Wings

06/2019

Aviso

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

Hunter

Quando meu sócio me pediu para lhe fazer um favor, eu não tinha ideia de que ele estava me mandando ao encontro às cegas que sua mãe tinha arranjado para ele.

Entrei no bar, vi a mulher tomando seu terceiro martini e soube que seria uma noite memorável.

Depois do segundo encontro inesperado, ela não sabia meu nome verdadeiro ou quem eu realmente era.

Por essa altura, a mentira tinha ido longe demais, e eu a queria muito para admitir a verdade.

Laney

Não é todo dia que você descobre que seu ex-namorado está noivo.

Eu não deveria ter concordado com o encontro às cegas, mas não estava em posição de recusar uma saída noturna quando minha mãe insistiu.

Eu admito, definitivamente não deveria ter pedido o quarto martini antes que meu encontro chegasse.

O homem acabou por ser de cair o queixo, bonito, condescendente - uma distração perfeita.

Então descobri que ele era um mentiroso.

Eu nunca perdi a cabeça desta forma.

Por outro lado, nunca estive tão apaixonada.

Capítulo Um

Hunter

Bip, bip. O carro me alerta que acabei de trancar as portas enquanto subo os cinco degraus até nosso escritório, o WatchOver Me Security. Há quase seis anos, Anthony e eu somos parceiros de negócios, mas em vez de alugar um escritório, decidimos que seria melhor ter nossa própria casa.

Digitando o código da tranca, abro a porta, constatando o calor no ar. Nós transformamos esta casa de três quartos em nosso próprio escritório que atende às nossas necessidades. Anthony e eu temos nosso escritório particular, e a terceira sala é compartilhada com nossa equipe - Dominic, Brian e Dante.

Entrando, não me surpreendo ao ver Rachel, nossa gerente do escritório, já aqui. Rachel está aqui desde o começo com Anthony e eu. Além de ser a recepcionista, ela é a planejadora e também a melhor técnica de informática que já conheci, o que significa que não posso demiti-la.

— Bom dia, — ela diz. Seus cabelos loiros perfeitamente ondulados até os ombros, seus óculos de armação preta escondendo seus olhos azuis cristalinos, usando uma saia lápis preta apertada que vai até logo abaixo dos joelhos e uma camisa de seda branca abotoada. Embora não tenhamos um uniforme, geralmente usamos preto e branco. Seus saltos rosa dão o único toque de cor em sua roupa. — Eu acabei de ligar a cafeteira, — ela me diz, caminhando em direção à porta, indo para o porão.

O porão é na verdade seu domínio ou, como ela o chama, seu playground. Pequenas telas de computador preenchem as quatro paredes, exibindo todas as câmeras de tráfego a que temos acesso - não que a cidade saiba. Outra razão pela qual não posso demiti-la.

Eu ando até o meu escritório e jogo minhas chaves e carteira, em seguida, tiro minha jaqueta e enrolo minhas mangas. Pegando uma garrafa de água, vou para o porão. As luzes estão acesas, e Rachel está sentada no meio da sala com seu fone de ouvido. A mesa dela é em forma de U com quatro telas de computador sobre ela. — Anthony está a caminho, — ela me diz enquanto digita. Você nunca consegue surpreendê-la. Estou convencido de que ela tem todo esse lugar grampeado e cheio de armadilhas. — Todas as tarefas foram verificadas. — Ela olha para cima. — Eu preciso do seu relatório de despesas, ou eu posso ter que atirar em sua contadora se ela me ligar mais uma vez. — Ela sorri, e eu não tenho tanta certeza se ela está brincando.

— Ei, — diz Anthony, entrando na sala. Sua enorme estrutura de quase dois metros é suficiente para assustar qualquer um; isso e ele usando o cabelo preto em um estilo moicano. Ele também está usando calças pretas e uma camisa branca de botões. — Eu trouxe alguns donuts, — diz ele, pegando uma cadeira e sentado em um lado da mesa. — Acho que estou desidratado, — diz ele, terminando uma garrafa de água em questão de segundos.

Anthony e eu nos conhecemos há muito tempo, desde o treinamento da Marinha. Claro, naquela época, ele tinha um corpo de quase dois metros e setenta quilos de um menininho. É uma loucura o que a implantação pode fazer por você. Ele trabalhou com força nos pesos, e sua estrutura preencheu dramaticamente. Fizemos duas missões juntos,

mas depois de ver tanta morte e escapar muitas vezes, sabíamos que estávamos cansados. Por sorte, recebemos a melhor recomendação de nosso sargento instrutor, e fomos jogados nos destacamentos de segurança do governo. Lenta, mas seguramente, começamos a construir uma clientela. Um político de visita no fim de semana transformou-se em seu amigo nos ligando, o que levou a alguns dos maiores nomes de Hollywood. WatchOver Me nasceu e não olhamos mais para trás.

— Você provavelmente está desidratado porque ficou acordado a noite toda derramando seu fluido corporal em outro lugar, — diz Rachel, olhando para cima com um sorriso enquanto Anthony a encara.

— Você está mantendo controle sobre mim? — Diz ele, inclinando-se para trás em sua cadeira. — Você colocou um rastreador no meu telefone? — Ele agora se endireita e pega seu telefone.

Rachel expira enquanto Anthony digita em seu telefone. — Seu Fitbit[1] é sincronizado com o meu computador. Você realmente precisa desacelerar na terceira e quarta rodada. — Ela bate o dedo na mesa.

— Privacidade. — Anthony aponta para ela. — Sigilo.

Rachel não responde. Ela apenas revira os olhos. — Um dia desses, seu pau vai cair. — Ele engasga de medo quando ela diz isso, colocando as mãos sobre si mesmo. — E o Tinder vai falir!

Ele bate a mão na mesa. — Não foda com meu aplicativo Tinder novamente.

— Novamente? — Eu pergunto, pegando minha cadeira e sentando-me. — Eu deveria perguntar?

— Não! — Anthony grita, olhando para ela.

— O quê? Ela era fofa, — Rachel contesta.

---

[1] Fitbit é uma pulseira wireless equipada com sensor capaz de obter diversas informações sobre seu usuário, como pulsação, perda de calorias, qualidade de sono,etc.

— Ela era um maldito cara. — Ele levanta a voz e depois olha para mim. — Nós não fizemos nada.

— Isso não foi o que ela, — diz ela, balançando a cabeça, — desculpe, suas mensagens disseram no dia seguinte.

— Estou mudando todas as minhas senhas. — Ele pega seu donut e dá uma mordida enquanto Rachel ri.

— É aqui a festa? — Dominic pergunta quando ele entra. Ele é o mais velho do grupo em seus trinta e tantos anos. Dominic está conosco há pouco mais de três anos. Precisávamos de homens extras quando o Serviço Secreto nos contatou sobre a estadia de uma semana do presidente aqui. Ele tem um metro e noventa e oito, e é magro, tão magro que a gordura corporal é provavelmente zero. Seu cabelo preto é raspado nos lados e mais longo no topo, mas ele o usa para o lado.

— Quem comprou os donuts? — Brian pergunta logo atrás dele, caminhando para uma cadeira vazia. Brian é menor que nós três; ele e Dante tem por volta de um metro e oitenta e oito.

— Por que você está vestido como se estivesse indo para a praia? — Anthony pergunta a Brian.

— Porque eu estou indo para a porra da praia, — diz ele, olhando para Rachel de lado. — A fodida Kardashian vai para as Ilhas Turcas e...

—Kardashian não, — diz Rachel, — Jenner.

— Isso importa? — Ele diz, e eu olho para sua roupa. Ele está vestindo calça cáqui bege com uma camisa polo branca de mangas curtas.

— Bem, pelo menos você não vai precisar de protetor solar, — diz Dominic. Quando todos nós olhamos para ele em questionamento, ele responde: — Ele é asiático.

— E? — Rachel diz, olhando para cima de seu teclado.

— Bem, eles não queimam. Você já viu um homem asiático com queimaduras solares?

— Não, — diz Brian, — porque usamos protetor solar, porra. — Ele balança a cabeça. — Idiota.

— Onde está Dante? — Eu pergunto, olhando para o meu relógio. São quase nove horas, quando todos deveriam estar nas reuniões matinais de sexta-feira.

— Ele acabou de estacionar, — diz Rachel, tocando uma das telas para a porta da frente, onde observamos a estrutura de um metro e oitenta e oito de Dante abaixando um pouco quando passa pela porta. Seu cabelo preto perfeitamente penteado e cortado curto nas laterais e longo no topo. Seus olhos verdes cobertos por seus óculos de aviador. Ele não se incomoda de ir mais longe na casa e desce os degraus.

— Na hora certa, — diz ele, sorrindo e mostrando seus dentes perfeitos. Ele é nosso menino bonito, como nós o chamamos.

— Você está dez segundos atrasado, — diz Rachel, olhando para ele e olhando para a tela.

— Eu entrei pela porta às oito e cinquenta e nove e quarenta e sete segundos, — diz ele, e eu observo Rachel.

— Permita-me discordar, — diz ela. — Eu posso puxar a evidência fotográfica, se você quiser.

— Ok, vocês dois, — eu digo, — vamos continuar com o show. — Eu pego a pilha de pastas amarelas. — Parece que temos o fim de semana mais calmo de todos os tempos. Ou os próximos fins de semana, por assim dizer.

— Exceto por mim, — diz Brian, olhando feio, e todo mundo ri.

— Temos três senadores estaduais na semana que vem para jogar uma partida de golfe. — Eu olho para eles. — Anthony, Dante e eu vamos cobrir isso.

— Brian, você tem outra celebridade vindo para a cidade, — eu digo, e ele geme. — É um cara. Ele vem aqui para umas férias de três dias. As chances são de que ele não precisará de você, mas você está de plantão apenas por precaução.

— Dante, você está no escritório na próxima semana, — digo a ele, e ele apenas balança a cabeça. — O próximo mês é importante. Temos o maior festival de música chegando à cidade. — Desta vez, todos gemem.

— Ótimo, garotos de vinte e um anos de idade, vomitando em todos os lugares, — diz Dante. — Tão elegante.

— Lembra quando aquela garota vomitou em seus novos sapatos Gucci? — Anthony ri, apontando para Dante. — Eu achei que você fosse chorar. — Todos nós rimos quando ele nos mostra o dedo.

— Eu tinha aqueles sapatos por três dias, — diz ele. — Três.

— Bem, da próxima vez, vá com um Adidas ou um Nike, — diz Rachel, encolhendo os ombros.

— Ok, acho que é tudo. Quero que todos estudem o campo de golfe, para o caso de precisarmos trocar. Além disso, quero falar sobre o layout do festival de música, — digo a eles. — Vamos nos reunir em duas horas, — eu digo, verificando o horário. — Rachel, você pode providenciar o almoço, já que provavelmente será uma coisa de tarde inteira.

Ela acena com a cabeça. — Vou pedir do Marcos, então todos me mandem os pedido, ou eu vou pedir o que acho que vocês devem comer. — Os garotos não perdem tempo pegando seus telefones e enviando mensagens com os pedidos para ela. A última vez que ela fez isso, pediu

para todos nós salada de couve com quinoa e figos. Era tão horrível. Eu tinha raminhos nos dentes.

Subo as escadas até o meu escritório em um dos quartos. É um escritório simples com uma escrivaninha, cadeira e um sofá de dois lugares. Fotos de alguns de nossos clientes estão penduradas pela sala, graças a Rachel. Sento-me e começo a estudar a configuração do terreno para a reunião em duas horas. Eu faço algumas anotações e desenho algumas rotas de saída.

No momento em que descemos novamente, temos tudo configurado. Pego uma cópia para dar uma olhada hoje à noite, me despedindo de todos, depois volto para o andar de cima. Indo para a minha mesa, coloco os arquivos nela.

— Hunter, sua mãe está na linha um. — Eu ouço Rachel dizer no alto-falante do telefone. Estou prestes a dizer-lhe para anotar o recado quando ela acrescenta: — Eu disse a ela que você estava fora da cidade.

— Obrigado, — eu digo a ela, abrindo meus e-mails.

— Não me agradeça, — ela começa. — Eu espero meu Starbucks na segunda-feira. — Eu não me incomodo em responder, porque sei que ela já está desconectada.

Abrindo o arquivo novamente, estou prestes a começar a fazer outro plano de ação quando ouço uma batida na minha porta.

— Eu preciso pedir-lhe um favor. — Eu olho para cima do meu computador para Anthony.

Ele fica lá, encostado no batente da porta. Com os braços cruzados sobre o peito, o tecido de sua camisa parece prestes a se abrir. Ele passa uma quantidade ridícula de tempo na academia.

— Eu acabei de te fazer um favor na semana passada, quando aquela cantora country veio à cidade inesperadamente para surpreender o namorado dela, e tivemos que contrabandeá-la em uma caixa, — digo a ele, recostando-me na cadeira.

— Aquilo não foi realmente para mim, — diz ele, pensando em uma certa celebridade que estava na cidade. — Ela está de volta ao jogo de namoro, e os paparazzi a seguiram até aqui. — Ele sorri. — Ela só queria ficar com o cara dela. Colocá-la naquela caixa foi genial. Ninguém sequer percebeu aquilo.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu fiz algumas coisas muito loucas na minha vida, mas colocar a garota de ouro do country em uma caixa teve que ser uma delas.

— Bons tempos. — Ele sorri, fazendo-me revirar os olhos. Não era o que eu consideraria um bom momento.

— Agora o que você precisa? — Eu pergunto a ele, cruzando os braços sobre o peito.

— Eu preciso que você finja que sou eu, — diz ele, olhando para mim, e eu o encaro. Esqueça o fato de que ele é cinco centímetros mais alto do que eu, e onde ele é pesado, sou magro. Meu cabelo é loiro, curto nos lados, mais longo no alto, e meus olhos são cinza em vez de castanho.

— Como diabos vamos fazer isso? — Eu pergunto a ele, confuso. — Claramente, somos como dia e noite. Eu sendo a parte do dia.

— Eu tenho um encontro às cegas hoje à noite, e bem, eu também tenho um encontro real hoje à noite. — Ele balança as sobrancelhas, e eu gemo internamente.

— Quem iria te arranjar um encontro às cegas? — Eu pergunto, rindo. — Você tem problemas de compromisso.

Agora, é Anthony quem me encara feio. — Eu não tenho problemas de compromisso. Eu só gosto do Tinder mais do que gosto de um relacionamento agora. — Ele levanta as mãos. — Eu não posso estar amarrado.

— Você sabe que pode ter problemas no túnel cárpico[2] por tantos deslizamentos. — Eu sorrio enquanto ele apenas olha.

— Só para você saber a garota com quem vou sair hoje à noite é alguém que conheci através do Tinder, *ontem* —, ele me diz todo orgulhoso, — o que significa dois encontros, dois dias diferentes, a mesma garota. Se isso não grita 'eu posso mudar', não sei o que vai.

— Oh, uau, — eu digo, jogando minhas mãos no ar. — Encontros consecutivos. — Eu balancei minha cabeça. — Por que você não sai com esse encontro às cegas e depois sai com o próximo?

— Não posso fazer isso, — diz ele, balançando a cabeça. — Temos um compromisso às cinco.

— São quatro, — digo a ele, verificando o horário no canto da tela do computador. — E qual encontro tem hora marcada?

— Bem, — diz ele, empurrando-se porta afora. — Eu reservei a suíte no Ritz.

— Oh, meu Deus, — eu digo, batendo minhas mãos em cima da mesa enquanto rio. — Ela é uma prostituta? Você a paga no final?

— Ela não é uma prostituta. Ela só mora com uma colega de quarto e, bem, eu não a conheço bem o suficiente para levá-la a minha casa, — ele diz, entrando em meu escritório agora. — Você vai tomar o meu lugar?

— E se ela viu uma foto sua pela pessoa que marcou o encontro de vocês?

---

[2] Síndrome do túnel cárpico é uma doença que afeta a mão, causado também por movimentos repetitivos.

— Não. Eu já perguntei a minha mãe, e ela disse que tudo o que disse à mãe dela foi que eu era solteiro e tinha um emprego estável, — diz ele. — Além disso, apenas diga que eu cortei meu cabelo.

— Sua mãe te arranjou um encontro às cegas? — Eu rio. — Por que ela faria isso? — Eu pergunto a ele. — Isto é ridículo. Basta ligar e cancelar.

— Eu não posso. Eu prometi a minha mãe que ela poderia me arranjar um encontro uma vez por ano, e este é o dia, — diz ele. — Você poderia, por favor, por favor, fazer isso por mim?

— Por que eu não vou e digo que você teve uma emergência? — Respondo. — Eu posso lhe dizer que você foi chamado em uma missão secreta e vai ligar para ela quando voltar.

Ele sacode a cabeça. — Não porque a minha mãe vai programá-lo novamente. Por favor, Hunter, faça isso por mim.

Eu me inclino para frente nos meus cotovelos. — Eu odeio mentirosos e mentir. Você sabe disso, certo? — Eu falo, levantando as sobrancelhas.

— Pare de ser tão nobre e apenas vá ao encontro. Além disso, quando foi a última vez que você realmente saiu com uma mulher? — Ele me pergunta.

— Eu acho que... — Eu paro de falar, tentando pensar. Jesus, quando foi a última vez que tive um encontro? Eu aponto para ele. — E se ela se apaixonar pelo meu charme e quiser outro encontro?

Sua cabeça inclina para trás e ele ruge com risadas. — Você? Na semana passada, a garota da Starbucks te deu seu café com o número dela, e você jogou fora sem tomar um gole. — Ele balança a cabeça

enquanto continua a rir. — Você nem sequer saiu e fez isso em segredo. Você fez isso bem na frente dela.

— Eu estava a deixando saber que não estava interessado nela, — digo a ele. — Eu não vi a necessidade de fazer rodeios.

— Oh, ela entendeu o recado, com certeza. — Ele balança a cabeça. — Sem rodeios com você.

— Eu tenho um mau pressentimento sobre isso, — digo a ele, levantando-me e indo olhar pela janela.

— Você tem um mau pressentimento sobre tudo, — diz Anthony, indo para a porta, em seguida, voltando-se para olhar para mim. — Eu vou lhe encaminhar o endereço para encontrá-la.

— Eu não posso acreditar que estou fazendo isso, — eu digo em voz baixa.

— Ah, e tente ser humano. — Ele ri. — Não só grunhidos. Use palavras.

— Eu tenho duas palavras para você agora, — eu digo a ele enquanto caminha pelo corredor até seu próprio escritório. — É uma refeição. Quão ruim poderia ser? — Eu digo a mim mesmo quando olho para baixo e vejo onde terei que encontrar essa mulher depois que meu telefone toca com o texto de Anthony.

Ivy Garden

18hs, as reservas estão em nome de Anthony.

O nome dela é Laney e ela tem longos cabelos loiros.

Te devo uma.

Fecho meus olhos e conto até dez, e depois continuo meu trabalho até a hora de partir.

Capítulo Dois

Laney

— Mãe, você tem que parar de fazer isso, — eu digo a minha mãe pelo telefone enquanto percorro minha lista de pacientes para segunda-feira. Dizer que eu estava ansiosa pelo sábado é um eufemismo. Desliguei o alarme esta manhã, e foi bom saber que não precisava estar em nenhum lugar amanhã. Recosto-me na cadeira do meu escritório e olho em volta. Meus diplomas estão pendurados na parede bem em cima do pequeno sofá que comprei para que pudesse colocar meus pés para cima quando tivesse alguns minutos. Já faz três anos, e a única vez que me sentei nele foi para trocar meus sapatos.

Quando me formei na faculdade de odontologia, sabia que queria meu próprio consultório. Pouco a pouco, abri meu negócio com uma cadeira e nenhuma recepcionista. Minha mãe apareceu e montou o escritório e ajudou a colocar anúncios em todos os lugares. As horas eram longas e árduas, mas pouco a pouco eu progredia de boca em boca, e agora tinha uma clínica renomada com cinco outros dentistas trabalhando para mim.

— Você não tem um encontro desde que Trevor terminou com você, e isso foi há dois anos, — ela diz suavemente, e eu penso no dia em que ele terminou comigo, ou melhor, ainda, no dia em que o abandonei, e ele não me perseguiu. Eu acho que surpreendê-lo no trabalho não foi uma surpresa só para ele.

O escritório estava tão quieto, mas era normal, já que era muito tarde. Ele me enviou uma mensagem dizendo que precisava ficar até mais

tarde para concluir seu mais recente acordo de fusão. Isso estava acontecendo muito ultimamente, então sendo a melhor namorada do mundo, eu peguei sua comida tailandesa favorita e pus-me a caminho, mas o que encontrei foi algo que nunca pude apagar, não importa quanta cândida eu usasse.

Eu abri a porta devagar, tentando não deixar cair à comida e as bebidas que estava carregando. Dizer que ambos ficamos surpresos era um eufemismo, porque ele estava enfiado 'fundo até as bolas', como dizem, em seu assistente Fredrick.

Meu grito nos assustou, e a comida tailandesa que eu estava segurando caiu das minhas mãos, explodindo no meu par favorito de chinelos Tory Burch seguido pelas duas bebidas que segurava na minha outra mão. Minha mão voou para o meu rosto, onde cobri meus olhos. Quando ouvi o farfalhar de roupas sendo colocadas e o som de zíperes, abri os olhos novamente. As lágrimas acumularam-se em meus olhos enquanto meu coração despedaçava-se em pequenos cacos.

— Laney. — Eu o ouvi dizer e então finalmente concentrei-me neles. Ambos estavam vestidos da cintura para baixo, mas a imagem de Fredrick inclinado sobre a mesa repetia-se na minha cabeça. Isso respondeu a todas as minhas perguntas - por que o sexo sempre foi tão sem graça, por que ele nunca me chupou, porque ele estava mais interessado em seus produtos de cuidados da pele do que no fato de eu estar sentada nua na frente dele.

— Você é gay? — Eu fiz a pergunta ridícula. — Quero dizer, obviamente. — Eu apontei para eles, e ele ainda não disse nada.

Dei de ombros e levantei ambas as mãos, esperando que ele respondesse, mas tudo o que ele disse foi: — Hum, hum, hum.

— Desde quando? — Eu fiz a pergunta estúpida. — Quero dizer, estamos namorando há quatro anos. Quatro. — Olhei em volta para ver se havia algum lugar onde eu talvez pudesse sentar. Meu coração batia mais e mais rápido, fazendo parecer que eu havia corrido uma maratona.

— Estamos juntos há sete anos, — Fredrick finalmente disse, e eu girei minha cabeça para ele.

— Sete anos! — Eu berrei ou guinchei. De qualquer forma, eu tinha certeza de que minha cabeça era como um daqueles desenhos animados na televisão, onde o vapor estava saindo dos meus ouvidos enquanto eu a agitava de um lado para o outro antes que explodisse. — Por que diabos você está namorando comigo então? — Eu gritei, jogando minhas mãos para cima.

— Meus pais nunca aprovariam, — ele finalmente disse suavemente, — então eu imaginei...

— Estamos no ano de dois mil e dezoito. — Minha voz ainda era alta e ainda histérica. — Como alguém poderia não aprovar? — Eu balancei a cabeça, fechando os olhos.

— Você sabe como é a mamãe, — disse Trevor. — Ela é toda sobre aparências, então...

— Então, você me namorou para calá-la? — Eu coloquei minha mão no meu peito. — Até onde você ia com isso? Você teria se casado comigo? — Eu balancei a cabeça, engolindo as lágrimas. De jeito nenhum eu derramaria uma lágrima na frente dele. Então fiz a pergunta que mantinha o pequeno pedaço do que restava do meu coração intacto. — Você ia ter filhos comigo?

— Eu imaginei que iríamos nos casar e ter filhos, e ninguém perceberia, — disse ele, olhando para mim. Ele deu um passo à frente, mas o som de Fredrick o impediu de vir até mim.

— Casar com ela? — Fredrick olhou para ele, colocando as mãos nos quadris. — Você ia se casar com ela? — Ele parecia chateado como se ele fosse o único que tivesse acabado de entrar e visto seu namorado transando com seu assistente.

— Ei, — eu disse, apontando para ele, — você não tem voz nisso. Você é a outra mulher, ou homem — eu disse e olhei de volta para Trevor. — Então, você estava bem com toda a minha vida sendo uma mentira? — Eu balancei a cabeça. — Eu não, — eu disse, virando-me quando comecei a sentir o formigamento de lágrimas chegando. O esmagamento do macarrão tailandês ecoando na sala. Comecei a me afastar, confusa e atordoada.

— Laney, espere. — Eu ouvi Trevor chamar e me virei para olhar para ele, nem mesmo sabendo o que eu esperava. — Você vai contar a alguém?

Balancei a cabeça e olhei para o teto. — Você é um idiota.

As últimas palavras que eu falei com ele. Entrei no meu carro e dirigi para casa no meu condomínio. O caminho de volta para minha casa foi um borrão. Joguei meus sapatos no lixo e subi as escadas de cimento até a minha porta. Eu me despi e tomei um banho quente, quase queimando, então quando saí, havia uma mensagem da irmã de Trevor. Eu não sei por que eu estava esperando talvez algumas chamadas perdidas dele ou uma mensagem de texto, qualquer coisa, mas em vez disso, eu recebi o pior texto da minha vida.

Sinto que não deu certo. Nós te amamos.

Joguei meu celular na cama e gemi.

Passei a noite de luto pelo meu relacionamento e, no dia seguinte, renunciei aos homens. Quer dizer, eu não estava mudando de lado, mas não ia apressar isso. Bem, agora aqui estou dois anos depois, e minha mãe está me arranjando um encontro às cegas. Fiquei tão mal por ela ter que me arranjar um encontro.

— Você sabe que ele está noivo, certo? — A voz de minha mãe tirou-me do meu devaneio, ou pesadelo do dia.

— Quem é? — Faço a pergunta mesmo que tenha medo da resposta. Meu pescoço fica quente e minhas mãos ficam úmidas. Eu abro meu Facebook, indo direto para a irmã de Trevor, Nikki, e bem no meio de seu perfil no Facebook está uma foto do meu ex-namorado gay babaca dissimulado Trevor, e uma loira sorrindo para a câmera, esticando o dedo para mostrar o anel. — Oh meu Deus, — eu digo, sussurrando alto enquanto leio a legenda. — Não poderíamos estar mais felizes. Parabéns, Trevor e Cassy. — *Como isso está acontecendo?* Eu me pergunto. — Eu não posso acreditar nisso.

— Eu sei, querida, — minha mãe diz suavemente. — Deve ser um choque.

— Você não tem ideia, mãe, — digo a ela. Fecho os olhos e, sacudindo a cabeça, tomo uma decisão da qual posso arrepender-me, mas, que diabos. — Envie-me as informações sobre o encontro às cegas, — digo a ela quando a ouço gritar e bater palmas.

— Você não vai se arrepender, — diz ela e desliga.

— Oh, isso pode acontecer de todas as maneiras, — eu digo para mim mesma. Eu inalo e exalo enquanto meu telefone toca com uma mensagem.

Ivy Garden

18:00h

Seu nome é Anthony, a reserva também está em seu nome!

Você não vai se arrepender, e divirta-se.

— Eu já estou me arrependendo disso, — eu digo para mim mesma quando me viro e olho pela janela. — Qual é a pior coisa que pode acontecer? — É uma pergunta capciosa, eu sei, mas estou pensando que não pode ficar pior do que já está, certo?

Capítulo Três

Laney

— Você pode acreditar que ele está noivo? — Eu digo para minha melhor amiga, Sandy, enquanto subo as escadas para o meu apartamento na praia.

— O que eu não posso acreditar é que você nunca contou a ninguém que ele joga no outro time, — diz ela quando ouço uma buzina ao longe. — Você poderia ter chamado a mãe esnobe dele e dito "senhora, está faltando uma peça na minha vagina." — Eu rio. Sandy e eu somos melhores amigas desde que a família dela se mudou para a casa vizinha quando nós duas tínhamos oito anos de idade.

Vi o grande caminhão de mudanças enquanto estava na sala de estar, correndo para a cozinha e dizendo à minha mãe que as pessoas estavam no vizinho. Nós duas olhamos pela janela enquanto eles descarregavam o caminhão, e quando eu finalmente vi a cama rosa, sabia que havia uma garota na porta ao lado. Eu peguei minhas bonecas Barbie e as coloquei em sua sacola plástica e fiz a caminhada. Foi amizade à primeira vista. Também ajudou que nós éramos as únicas meninas no quarteirão e as únicas crianças em nossa família.

Quando tínhamos treze anos, acampamos no quintal em nossa primeira noite de férias de verão e lá, sob o luar, espetamos nossos dedos indicadores e nos tornamos irmãs de sangue. Fizemos tudo juntas - até perdemos a virgindade ao mesmo tempo, mas em quartos diferentes. Fomos para a faculdade juntas, voltamos para casa juntas e agora vivíamos ao lado uma da outra. Nós também éramos opostas. Eu

sou loira com cabelos longos e ela tem um corte Joãozinho preto. Eu não tenho uma tatuagem no meu corpo, e ela é coberta do pescoço para baixo.

— Você pode imaginar? Ela provavelmente teria se cagado, — eu digo e depois ouço outra buzina. — Onde você está?

— Eu estou indo para o meu encontro, — diz ela, e eu rio. Outra coisa sobre a qual somos opostas - eu namoro e ela não.

— Você não namora, usa Tinder, — digo a ela, e ela ri.

— A culpa não é minha, — ela canta, — é da sociedade.

— Eles têm uma expressão para mulheres como você; é chamado de devoradora-de-homens.

— Oh, por favor, fique sabendo que este é o segundo encontro com o mesmo cara, — diz ela, orgulhosa de si mesma. — O mesmo cara em sequência.

— Realmente? — Eu pergunto, chocada. Ela não faz repetições. Nunca.

— Sim, — ela diz, e eu a imagino sentada em seu carro com um enorme sorriso no rosto.

— Então, você vai trazê-lo para casa? — Eu pergunto, segurando o telefone com o meu ombro enquanto coloco minha chave na porta. Eu abro a porta do meu apartamento e entro.

— Êpa, — ela diz, — calma lá, borboleta. Não, ele reservou um quarto no Ritz.

— Nível extravagante, — digo, e ela ri. — Ele pode até fazer chover.

— Você está se esforçando para ser legal. — Eu rio, sabendo que é a verdade.

— Então por que você decidiu ir a um segundo encontro com ele? — Eu pergunto, chutando meus sapatos na porta, então me inclino para pegá-los e levá-los para o meu quarto. Minha cama king size desarrumada fica no meio. Eu tenho cerca de oito travesseiros fofos por toda a minha cama, e os lençóis foram as coisas mais caras que comprei, mas era uma coisa que eu não renunciaria.

— Um, ele é lindo; dois, ele é construído como um boi; e três, é de longe o melhor sexo que já tive na minha vida. E eu tive muito disso, — diz ela. — Tipo bastante mesmo.

— Oh, ele soa como alguém especial, — eu a provoco.

— Morda a sua língua, — diz ela. — Eu tenho que ir. Acabei de chegar aqui. Se eu acabar morta, seu apelido é Mohawk[3]! — Ela se desconecta antes que eu possa lhe dizer para ter cuidado. Saio do meu quarto e abro a porta do pátio. Ao sair, deixo o som das ondas quebrando na praia me trazer de volta ao meu lugar feliz.

Eu ando até o corrimão e olho para a praia, onde as famílias estão empacotando suas coisas para ir para casa. Eu me viro para sentar no enorme sofá de pelúcia sob o meu toldo. Recolhendo meus pés embaixo de mim, observo as pessoas por cerca de trinta minutos, depois levanto e entro para trocar de roupa.

Voltando para dentro de casa, jogo minhas roupas no cesto de roupa suja no canto do meu armário e, em seguida, entro no banheiro adjacente. Os ladrilhos cinzentos parecem frios aos meus pés enquanto passo pela minha bancada branca com pia dupla e me inclino no vidro do chuveiro para ligar a água. Eu gostaria de ter mais tempo, porque tomaria um bom banho na banheira profunda que fica ao lado do chuveiro. Tomo

[3] Mohawk significa moicano.

banho rapidamente e depois vou até o meu armário, indo direto para os meus vestidos de verão. Depois das notícias tristes, preciso usar algo que me faça sorrir. Pegando meu vestido de verão curto azul, eu entro nele, levantando e amarrando-o atrás do meu pescoço. O vestido de frente única deixa meus ombros e braços nus. O elástico na cintura faz com que ele flua em volta das minhas pernas. Eu pego um cinto branco e também algumas pulseiras de pérolas. Calçando minhas plataformas bronze, eu pego minha pequena bolsa Coach champanhe, minhas chaves e óculos de sol quando saio. Chego ao restaurante cinco minutos antes das seis, o Uber me deixa no estacionamento ao lado da hera, então contorno o canto de tijolos até a porta da frente. Eu atravesso o pátio ao ar livre, que é feito para parecer que você está sentado em um jardim. As mesas pretas de ferro fundido com cadeiras combinando ficam sobre plataformas de cimento branco. Penduradas na marquise há trepadeiras com rosas brancas e alaranjadas. Parece mágico.

Entrando no restaurante, a recepcionista fica lá com um sorriso no rosto enquanto olho ao redor e vejo se talvez haja um cara sentado sozinho. Eu noto alguns caras no bar, mas eles parecem estar juntos. A maioria das mesas está ocupada, mas nenhuma delas com um único homem. — Boa noite. Como eu posso ajudá-la? — Ela diz.

— Eu deveria encontrar alguém, mas não o vejo, reservas em nome de Anthony, — eu digo, ainda olhando ao redor. O barulho de pratos e talheres enche a sala junto com música suave saindo do alto-falante. Ela olha para o bloco na frente dela.

— Sim, Anthony, mesa para dois? — Ela pergunta, e eu olho para ela e assinto. Ela pega dois menus e outro que suponho seja a lista de vinhos. — Se você puder me seguir, — diz ela e caminha para a direita do

restaurante. Passando algumas mesas, ela me acomoda em uma mesa para dois perto do bar e de frente para o pátio ao ar livre. — Aqui está. Seu garçom logo estará aqui com você. — Eu tomo o assento diante da porta da frente para que possa ver todos entrando e saindo. Pego o guardanapo de linho na mesa debaixo dos meus talheres e coloco no meu colo. Eu pego o cardápio marrom e abro, meus olhos examinando para ver o que servem aqui.

Não estou sentada aqui por mais de um minuto quando o garçom se aproxima da mesa, servindo água nos dois copos sobre a mesa. — Meu nome é Henry e serei seu atendente esta noite. Posso começar com um coquetel enquanto espera?

— Oh, isso soa tão bem. Eu vou querer dois. — Eu rio, sem brincadeiras. — Dê-me dois martinis, duas azeitonas com um cubo de gelo.

— Muito bem, — diz ele e acena para mim. Eu rio para mim mesma, examinando o restaurante e observando as pessoas. Eu vejo dois homens sentados no bar de frente para mim enquanto conversam. Eu olho para a rua e vejo carros aproximando-se e circulando outros carros. Henry volta alguns minutos depois com dois martinis na bandeja. Ele coloca os dois na minha frente. Eu sorrio e levanto um copo para ele, então tomo um longo gole. Sim, não estou bebericando aqui, não depois das notícias que acabei de receber. — Isso está fantástico, — eu digo. — Eu vou querer outro. — Ele apenas balança a cabeça e se afasta, sem dúvida, me julgando em pensamento. Mas não é todo dia que você descobre que seu ex-namorado gay está noivo de outra mulher. Eu nem sequer acho que há um cartão de felicitação para essa merda, mas posso estar errada.

Eu termino o primeiro martini em tempo recorde. O calor do álcool lentamente se arrasta, fazendo minhas bochechas ficarem coradas. *Estou feliz por ter pegado um Uber,* penso, enquanto pego o segundo martini e o levo aos lábios. Estou dando um gole no meu segundo martini quando vejo um homem entrar pela porta, e o copo para no ar. A única coisa que passa pela minha cabeça é *puta merda*.

Seu terno preto molda-se ao seu corpo com uma camisa branca social embaixo, e ele deixou os dois primeiros botões abertos, mostrando uma sugestão de sua pele bronzeada. Seus óculos aviador pretos escondem seus olhos, mas isso não importa. Seu cabelo é curto, seu rosto está bem barbeado e seus lábios – oh, meu Deus, seus lábios são tão cheios, que evoca uma imagem minha sugando seu lábio inferior percorrendo minha mente. Eu sacudo minha cabeça; deve ser a vodca. — Sem mais bebidas para mim, — eu digo baixinho, olhando para a bebida na minha mão. Então eu cometo o erro de olhar de novo, e vejo a mulher no posto da recepcionista virar e olhar ao redor da sala.

Seus olhos param quando ela aponta para mim, sorrindo para o homem que nem presta atenção a ela. Ele acena a cabeça para ela e encaminha-se para mim. Ainda não consigo ver seus olhos, mas não há como negar que sinto seu olhar fixo. — Oh, merda, — eu sussurro para mim mesma, e quando ele se aproxima, vejo que sua mandíbula é quadrada, seu peito é mais largo do que eu pensava. Eu não acho que inalei ou exalei um suspiro enquanto ele caminha ao redor das mesas, finalmente parando na minha. Ele tira os óculos e eu finalmente vejo seus olhos cinza esfumaçados. — Você é Laney?

Eu não sei o que acontece, mas minha garganta se fecha. Eu tento falar, mas nenhuma palavra sai da minha boca, então não digo

nada. Minha boca abre e depois fecha novamente, mas nenhum som é formado. Em vez disso, o garçom volta sorrindo. — Aqui estão mais dois. — Olho para quem eu acho que é o meu encontro às cegas enquanto ele olha para o homem, e rio nervosamente.

— Não é o que parece, — digo ao homem em pé ao lado da mesa.

— Mesmo? Acho isso difícil de acreditar. Parece que você está sentada aqui esperando que algo ruim aconteça. — Ele então olha em volta, olhando para todos no lugar, e é uma coisa boa eu não estar de pé, porque minhas pernas cederiam.

Capítulo Quatro

Hunter

Entro no meu Range Rover e pego meus óculos, deslizando-os enquanto espero o ar-condicionado ligar. Saindo, encaminho-me para o Ivy Garden. Assim que Anthony saiu, eu entrei no Google e procurei saber por quanto tempo alguém deveria ficar em um encontro às cegas. A resposta foi direta - deveria ser para uma bebida ou café - então estou pensando em trinta minutos se eu pedir algo que é servido imediatamente como água. Sendo alguém que não arrisca, programei meu telefone para tocar trinta minutos depois que eu chegar por precaução.

Encosto na porta da frente, e o manobrista encontra-me na porta logo que eu paro. — Boa noite, senhor, — diz ele quando eu abro a minha porta.

— Sim, eu não ficarei aqui por muito tempo, — eu digo a ele quando saio, não me incomodo em tirar meus óculos de sol quando entrego as chaves para ele.

— Não se preocupe, senhor. Estará aqui quando você terminar, — diz ele, entregando-me o bilhete para mais tarde. Eu coloquei no bolso interno do meu paletó. Eu entro e vou para a mesa da recepcionista, onde uma mulher que parece ter dezoito anos está sorrindo.

— Como posso ajudá-lo? — Ela pergunta docemente. Paro e olho em volta para ver se posso reconhecer a mulher que estou aqui para encontrar, embora nunca a tenha visto. Eu localizo algumas mulheres no bar, mas instintivamente sei que não é ela. Eu também verifico saídas. Não é minha culpa; está apenas incutido em mim.

Olhando para a esquerda, não vejo ninguém sentada sozinha, mas olho para a direita e a vejo. Não sei por que eu sei que é ela, mas apenas sei. Com longos cabelos loiros encaracolados, ela engole um martini, depois pega outro e leva até a boca. Vejo um garçom andando com mais dois martinis em sua bandeja, e não me surpreendo quando vejo-o aproximando-se da mesa dela. — Ótimo, — eu digo em voz baixa. — Eu a encontrei, — digo à recepcionista e começo a andar em direção à mesa. Ela me vê e observa cada movimento meu. Por sorte, os óculos que estou usando a impedem de ver meus olhos.

Quanto mais me aproximo dela, mais minha pulsação acelera. Que porra é essa? Isso é estranho. Olho ao redor, talvez, para ver se alguma coisa está despertando meu interesse, ou talvez eu tenha visto algo para elevar minha pulsação, mas não, é ela. O fato de uma mulher linda estar sentada sozinha e bebendo como um peixe é o suficiente para estimular a adrenalina de qualquer homem. Não é?

— Você é Laney? — Eu pergunto, tirando meus óculos, e meus olhos cinzentos finalmente encontram os azuis dela. Ela abre a boca esperando algo sair, eu acho, mas nada acontece. Eu continuo olhando em volta para ver se alguém está olhando para ela, e sem surpresa localizo dois caras no bar avaliando-a.

— Aqui estão mais dois. — O garçom sorri para ela, colocando mais dois copos sobre a mesa e levando os dois agora vazios para longe. Ela ri nervosamente e quero estender a mão e pegá-lo quando ele se afasta.

— Não é o que parece. — Sua voz suave me tira do meu plano, e eu viro para ela enquanto ela sorri para mim, fazendo meu coração disparar. A gola da minha camisa de repente parece apertada, mas nem está abotoada.

— Mesmo? Eu acho difícil de acreditar, — finalmente digo. Olhando em volta novamente, vejo os mesmos dois caras de terno sentados no bar observando-a. Desta vez, um deles me vê e olha para sua bebida. — Parece que você está sentada aqui esperando que algo ruim aconteça. — Eu puxo a cadeira e sento na frente dela.

— Ahn. — Ela ainda não diz nada.

— Como é uma boa ideia uma mulher solteira e linda estar sentada sozinha, se afogando em martinis? — Eu pergunto-lhe, e ela finalmente fala.

— Eu não costumo beber. — Eu não tenho certeza se acredito nela ou não, e eu não dizendo nada a deixa um pouco atrevida. Ela cruza os braços sobre o peito. — O quê? Uma garota não pode ter um dia ruim? — Ela diz, sua voz ficando mais alta. — Isso nunca, jamais aconteceu?

Agora é minha vez de gaguejar. — Ahn. Você sabe que beber dois ou mais drinques para uma mulher do seu tamanho... — Eu olho para ela de cima a baixo, e é a minha perdição naquele momento. — Seus reflexos são cortados pela metade, talvez até mais, — eu digo, finalmente fazendo contato visual com o cara no bar novamente. Eu não tenho que dizer nada porque ele se vira para o amigo e começa a falar com ele.

— Você acha que só porque estou sentada aqui sozinha esperando por um encontro às cegas... — ela diz e então toma outro gole de seu martini. — Você acha que só porque não estou com ninguém, eu não posso beber? — Eu não respondo a ela. Ela claramente precisa discutir o que quer que esteja em sua mente. — Você acha que, porque minha mãe arranjou-me este encontro, eu não posso cuidar de mim mesma? Que eu, uma mulher independente que possui seu próprio negócio, não pode sentar em uma mesa e tomar uma ou duas bebidas, ou três?

Eu levanto minha mão e chamo o garçom. Ele corre com um sorriso que vai embora rápido quando meu tom sai menos que amigável. — Traga-nos água e pão, — digo a ele, — e sem mais martinis.

— Ahn, — diz Laney, inclinando-se e virando-se para o garçom, — ele não é o meu chefe. Se eu quiser outro martini, você me trará outro. — Suas bochechas estão rosadas, e eu me pergunto se é porque ela está furiosa ou se é do álcool. De qualquer forma, eu gosto disso.

— Vamos apenas querer a conta, — digo a ele, e enfio a mão no bolso do casaco. Pegando minha carteira, eu a abro e pego o cartão AmEx preto. Eu olho para ela. — Você vem aqui frequentemente?

— O que acontece agora? — Ela diz, virando-se para olhar em volta.

Eu olho para o meu carro lá fora, depois me viro para olhar para ela. — Isso é o que vai acontecer. — Me inclino para frente me aproximando dela. — Eu vou pagar a conta. Vamos levantar e ir embora e vou levá-la para casa.

Ela se recosta em sua cadeira, cruzando os braços sobre o peito e revirando os olhos. — Isso é loucura, — diz ela, mas não me incomodo em responder, porque o garçom se aproxima com a conta.

— Sessenta e sete dólares por quatro martinis, — murmuro baixinho enquanto assino meu nome, em seguida, levanto-me e estendo a mão para ela. Ela olha para a minha mão, debatendo se a toma. — É uma mão amiga. Se não quiser pegar, então não pegue, mas ainda estamos indo embora. — Coloco minhas mãos nos bolsos. — A escolha é sua.

Ela pega o guardanapo que estava no colo e joga na mesa, depois se levanta de repente. Os martinis devem bater nela porque ela balança um pouco e agarra a mesa para se firmar. Levanto a minha mão para agarrá-la, mas quando ela vira a cabeça e olha para mim, eu recuo, apontando

com a mão para ela andar na minha frente. Ela anda de cabeça erguida, colocando um pé na frente do outro, e eu vejo sua bunda balançar. Eu aceno para a recepcionista que sorri para nós e, felizmente, vejo que meu carro não foi movido. O manobrista sorri para mim, pegando minhas chaves. — Você não estava mentindo sobre demorar, — diz ele. Laney olha para mim e murmura, — Uau.

Pego as chaves e vou até o lado do passageiro do carro para abrir a porta para Laney. — Você sabe que posso simplesmente colocá-la sobre o meu ombro e empurrá-la para dentro — Ela anda até o carro e entra. O tempo todo, ela parece estar me matando em pensamentos, e as chances são, que provavelmente está.

Eu fecho a porta e caminho para o lado do motorista e entro. Ligo o carro e, finalmente, volto a olhar para ela. Estou prestes a dizer alguma coisa, mas o perfume dela agora encheu o carro, e não tenho certeza do que queria dizer. O cheiro cítrico me atinge, e eu olho para ela. — Onde você mora? — Eu lhe pergunto e espero que ela se vire para olhar para mim. Cruzando os braços sobre o peito, ela se recosta na porta.

— Você acha que vou dar a um estranho meu endereço de casa? — Ela bufa. — De jeito nenhum. Mas boa tentativa.

Eu rio e me viro para olhar para ela, copiando sua postura com um sorriso. — Você não vai me dar o seu endereço, um perfeito estranho, mas entra no meu carro? — Eu balanço minha cabeça.

— Oh, meu Deus! — Ela grita. — Isso não está acontecendo comigo. Não hoje, — ela diz, tentando abrir a porta, mas eu coloco o carro em movimento. Ela só olha para mim enquanto sorrio e me afasto do meio-fio. — Você acabou de me sequestrar, — diz ela.

— Vê o que beber pode causar? Você não está em alerta, não está concentrada. — Digo a ela enquanto vou para a praia, onde eles têm um pequeno restaurante que eu amo. — Você entrou em um carro com um completo estranho. Agora eu posso te levar aonde eu quiser.

— Você não é um completo estranho, — diz ela, e eu a olho. — Nossas mães se conhecem. Então, se alguma coisa acontecer comigo, ela sabe onde procurar.

— Sim, mas sua mãe não me conhece, — digo a ela. — Você conhece quaisquer assassinos em série que realmente tenham contado as suas mães que eram assassinos em série? — Eu lhe pergunto e espero ela me responder. — Você acha que Jeffrey Dahmer[4] chegou em casa e disse: 'Ei, mãe, eu acabei de comer um humano hoje, posso comer arroz com frango?'

— Bem, pode haver. Quem sabe, talvez ele tenha dito, e ela achou que ele estivesse brincando, — ela diz, e eu apenas balanço minha cabeça.

Quando chegamos ao estacionamento, estaciono e olho pela janela para a água. Do nosso ponto de parada, você não pode ver onde o caminho te leva.

— Aqui está o que vai acontecer. Vamos sair, vou comprar algo para você comer e ficar sóbria o máximo que puder, depois te levarei para casa.

Ela grunhe e abre a porta. — Prometo dizer à minha mãe como você é legal, — ela diz e bate a porta. Ela contorna o carro e eu saio, encontrando-a na parte de trás do carro.

— Por aqui, — eu digo enquanto a conduzo pelo cotovelo até o pequeno restaurante isolado. Nós caminhamos pela trilha de seixo polido, as árvores sombreando o pôr do sol e nos aproximamos da entrada do

[4] Jeffrey Dahmer foi um serial killer americano, matou, estuprou e canibalizou 17 pessoas.

pequeno restaurante isolado. A menos que você saiba que está aqui, nunca pararia.

— Que lugar é este? — Laney pergunta. Ela olha em volta, os olhos indo para a direita e para a esquerda enquanto absorve tudo. Eu sei que o restaurante parece mais um barraco com seu revestimento de alumínio amarelo e tinta lascada. O telhado azul parece que vai voar com uma rajada de vento, e as duas mesas de plástico brancas do lado de fora já viram dias melhores.

— Aqui é onde eu trago minhas vítimas, — eu digo, sorrindo para ela. Ela me empurra para longe, murmurando — Idiota — baixinho enquanto caminha para frente. Eu chego à porta antes dela, então estendo a mão e a abro, o rangido mais alto que as ondas. O cheiro de especiarias nos atinge imediatamente quando entramos.

Eu sigo os olhos de Laney enquanto ela olha em volta do restaurante. Um bar em forma de L cor verde-água fica no meio do salão com seis bancos de madeira. As cores da bandeira mexicana decoram a parte de trás do bar, e as prateleiras de vidro contém garrafas de tequila e rum.

Do lado do bar há quatro mesas como as do lado de fora, mas com toalhas de mesa vermelhas e verdes. Mas ela não está olhando para aquilo; ela está olhando para a parede de janelas na parte dos fundos que levam ao terraço coberto a poucos passos da praia. — Vamos sentar lá fora, — sugiro, e ela apenas acena para mim, caminhando em direção às portas de vidro.

Quando entramos mais no restaurante, Guadalupe sai da cozinha e nos encontra. — Oh, olhe quem voltou para me ver. — Ela sorri para mim, e eu avanço, inclinando-me para beijar a senhora de cinquenta anos de

idade e um metro e meio que possui este restaurante. — Esta é uma boa surpresa, — diz ela, olhando além de mim e direto para Laney.

— Vamos nos sentar lá fora, — digo, e ela apenas sorri para mim e acena com a cabeça, voltando para a cozinha. Quando ando até a porta de trás e a abro, a primeira coisa que se ouve são as ondas quebrando na praia. Eu espero que Laney saia e olhe em volta. A beleza apenas te congela de surpresa. A área da varanda externa é sombreada por árvores, e as lanternas penduradas nos galhos emitem um brilho suave. As mesmas lanternas cobrem o caminho que leva até a praia.

— Isso é tão lindo, — ela diz suavemente, e me viro para olhá-la. Suas bochechas rosadas se foram, substituídas por uma suavidade em seu rosto. Ela arranca suas plataformas e sai do terraço de madeira para a praia. Eu não a sigo. Em vez disso, observo enquanto ela desce a areia até a praia e espera que a água suba a seus pés. Ela só fica lá, o vento soprando o cabelo para o lado e o vestido voando com ele.

— Eu trouxe-lhe algo para beber, — diz Guadalupe. — Mas sem álcool para você, — ela diz para mim quando pousa dois jarros de vidro de margaritas. — Este tem tequila nele, — diz ela, apontando para o outro jarro com os limões em torno dele.

— Você pode levar esse de volta? — Eu digo a ela, e então eu ouço Laney ao meu lado.

— Oh, não, você não pode, — diz ela, passando por mim para sua cadeira. Seus pés molhados cobertos de areia, ela puxa uma das cadeiras de madeira e senta-se, de frente para o oceano. Ela olha para Guadalupe. — Posso ter sal extra no meu?

— Claro, minha querida. — Ela sorri para Laney, e então olha para mim. — Se ela não está segura com você, então com quem estará segura?

— A pergunta me balança enquanto eu olho para Laney, que olha para mim como se ela tivesse acabado de ganhar a guerra.

Capítulo Cinco

Laney

Eu o observo, quase como se estivesse provocando-o para me dizer não, mas ele não o faz. A veia em sua cabeça parece que vai explodir, sua mandíbula tão rígida que parece que vai estalar, mas ele apenas acena para Guadalupe, e ela afasta-se, tentando esconder seu sorriso.

Eu reviro meus olhos quando ele se aproxima e finalmente tira seu casaco. Merda, talvez isso não seja uma boa ideia. Minha boca fica seca quando seus dedos soltam o botão em seu pulso. Meu coração bate um pouco mais rápido quando ele arregaça as mangas, e vejo o relógio dele e os braços bronzeados e macios. Ele senta-se na cadeira na minha frente, meus olhos ainda estão em seus braços e na maneira como seus músculos aparecem quando ele dobra os cotovelos. Seu corpo está voltado para a porta e para a praia enquanto ele observa o lugar ao nosso redor.

— Só porque somos apenas nós dois, não pense que você vai encher a cara, — diz ele, e naquele momento, qualquer feitiço sob o qual eu estava de que ele era quente desapareceu. Ok, ele ainda é gostoso, mas é um idiota.

— Eu posso ver, — eu digo a ele, pegando o jarro e me servindo uma margarita. Tomando um longo gole, tenho certeza de que ele me encara, mas seus óculos escuros mais uma vez protegem seus olhos. — Mmm, isso está bom, — eu digo, pousando-o e, em seguida, olhando para ele. — Como eu estava dizendo, eu vejo isso.

Ele coloca um pé no joelho e recosta-se, apoiando as mãos na barriga, os dedos entrelaçados. Uma barriga que eu tenho certeza que não

contém um grama de gordura. — O que você pode ver? — Ele pergunta enquanto apenas olha para mim.

— Porque sua mãe tem que arranjar-lhe encontros, — eu digo a ele e tomo outro gole até que nada seja deixado. Guadalupe aparece enquanto estou servindo outra margarita, colocando duas pequenas tigelas na mesa. Uma com salsa e a outra com queijo. Então ela coloca uma tigela maior no meio com tortilhas chips.

— Aqui, isso é para começar, — diz ela, agarrando o jarro e me servindo outro. Ela pisca para mim e sorrio para ela. Eu pego um pedaço de tortilha e ainda está quente. — Eu acabei de fazer.

Eu mergulho o chip no queijo, pegando um pouco do queijo e coloco na minha boca. Os sabores infiltram-se na minha língua, o molho de queijo quente com as especiarias me fazendo fechar os olhos e gemer. — Esta é a melhor coisa que eu já provei na minha vida.

— Eu gosto dela, — diz ela, olhando para Anthony, e afasta-se.

— Viu, pelo menos alguém gosta de mim hoje, — digo a ele. Eu pego outro chip, nem mesmo me importando se não é refinado a esta altura, mergulho-o e jogo-o na minha boca. Está muito claro que não teremos um encontro número dois. Isso é certo.

— Então, você acha que eu não consigo encontros? — Ele pergunta, e me irrita que seus óculos ainda estejam colocados, e eu não possa ver seus olhos.

— O que há com o traje dos *Homens de Preto*? — Eu pergunto a ele. — Nem mesmo está ensolarado, então você pode tirar os óculos.

— *Homens de Preto*? — Eu não sei se ele está me fazendo uma pergunta ou não, então apenas dou de ombros.

— Eu realmente espero que você tenha a coisa da caneta e possa apagar esta noite da minha mente, — digo a ele, e ele coloca a cabeça para trás e ri, o som me fazendo sorrir.

— Entendi agora, — ele finalmente diz. Quando ele tira os óculos, tenho que dizer que gostaria que ele não tivesse feito. Seu olhar me atinge bem no estômago e as borboletas começam. Balanço a cabeça porque não acho possível; é provavelmente a tequila. Quero dizer, tem que ser, certo? Eu olho para baixo e, em seguida, olho para ele novamente, e lá está novamente, o brilho em seus olhos cinzentos. — Então, por que você acha que minha mãe precisa me arranjar encontros? — Pergunta ele. Ele endireita-se, pegando um chip e mergulha na salsa.

— Bem, — eu começo. No início, tento escolher minhas palavras com cuidado, mas depois me dou conta que quem se importa com o que digo. — Além do fato de você não ser tão amigável, é definitivamente rude e condescendente. — Ele sorri para mim, e eu continuo: — E irritante. Então, irritante pra caralho.

— Isso é tudo? — Ele me pergunta, quase como se estivesse me provocando. Esperando que eu perca a cabeça. Em vez disso, eu balanço minha cabeça. Algo sobre a maneira como ele olha para mim me faz baixar a guarda.

— Eu tive um dia de merda, — digo a ele, embora saiba que não deveria. — Eu descobri que meu ex está noivo hoje.

— Por que você se importa? — Pergunta ele, e tento não jogar algo nele. Eu realmente procuro ao redor por algo, mas a única coisa que acho que posso jogar é a margarita, e bem, não vou desperdiçar isso com ele. — Por que você deveria se importar? Ele é seu ex por uma razão, — ele cutuca.

— Eu não me importo, — eu digo mais alto do que esperava e bato minha mão na mesa. — Estou pouco me lixando se ele vai se casar.

— Então, por que é uma merda? — Ele pergunta, pegando outro chip e mergulhando-o na salsa.

— Porque ele é gay! — Eu grito; seus olhos arregalam-se e sua boca cai aberta e depois se fecha. — Sim, e então? — Eu inclino minha cabeça para o lado. — Sem retorno? — Ele não diz nada. Ele apenas espera que eu termine meu discurso. — Eu o flagrei fodendo seu assistente, que era um homem, no caso de você não colocar dois e dois juntos.

— Ele é gay? — Ele finalmente diz, chocado.

— Quem sabe? — Eu digo. — Talvez ele seja bi. — Eu tomo outro longo gole da minha margarita. — Talvez minha vagina o tenha empurrado além do limite.

— Eu não acho que sua vagina teve algo a ver com isso, — diz ele, olhando para a porta enquanto Guadalupe sai com mais duas tigelas.

— Guacamole caseiro, espesso e macio, — diz ela, pousando-o sobre a mesa e completando minha margarita novamente. Eu pego um chip e mergulho no guacamole. Colocando na minha boca, eu gemo. A suavidade do abacate com a acidez do limão e o sabor do coentro faz com que este guacamole seja sem dúvidas o melhor que já comi.

— Eu menti, — eu digo a ela. — Esta é a melhor coisa que já provei em toda a minha vida. — Ela ri de mim e dá um tapinha na minha mão, depois se afasta. — Como não há uma fila para entrar neste restaurante? — Eu olho ao redor do restaurante vazio.

— Ele não está listado nas Páginas Amarelas, — ele me diz e toma um gole de sua margarita sem álcool. — Então, seu ex-namorado gay vai se casar?

— Sim, — digo a ele, comendo outro chip. — E com uma mulher, nada menos.

— Ela sabe? — Ele me faz a mesma pergunta que fiz a mim mesma mil vezes desde que descobri.

— Eu não tenho ideia. — Eu dou de ombros. — Eu não falo com ninguém de sua família. Sua irmã manteve contato comigo quando nos separamos, mas depois foi estranho, então parei de falar com ela.

— Você vai dizer a ela? — Ele pergunta.

— De jeito nenhum. — Eu nego. — Sem chance nenhuma.

— Então, e se fosse você? — Ele me pergunta, e eu olho para ele. — E se você estivesse se casando com esse homem, pensando que ele seria seu para sempre, mas em vez disso, ele está vivendo uma mentira e agora você também está, — ele aponta. — Você não iria querer que alguém lhe contasse?

— Sim, — eu digo, inclinando-me para trás na minha cadeira, — mas eu não acho que tenho o direito.

Ele ri. — Eu acho que a ex-namorada que o flagrou fodendo seu namorado é a pessoa perfeita. Pelo menos na minha opinião.

— Ele realmente estava fodendo com ele. — Eu rio do jeito que ele disse isso. Olho para ele enquanto pega outro chip. O pôr do sol faz as luzes penduradas iluminarem um pouco mais. Seus olhos cinzentos quase parecem mais escuros. — Então, por que você ainda está solteiro? — Eu me endireito, cruzo os braços sobre a mesa e o observo.

— Nem cinco minutos atrás, você acabou de me dizer por que eu ainda estava solteiro. Acredito que você disse que eu não era amigável. — Ele ri, recostando-se na cadeira.

— Sim, — eu concordo, bebendo mais um gole da minha margarita interminável, graças a Guadalupe completando-a cada vez que ela retorna. — Embora ache que não usei a expressão “não amigável”. — Eu sorrio para ele. — Poderíamos adicioná-la à lista.

— Rude, — diz ele. Sua voz ficando mais suave, ou eu posso estar ficando bêbada.

— Sim, e não se esqueça de condescendente, — Aponto para ele — e irritante. — Eu rio. — Irritante deve ser listado duas vezes.

— Como posso esquecer isso? — Ele sorri suavemente no início e depois totalmente, seus olhos brilhando na penumbra do pátio. Ele não diz mais nada, nem eu, porque Guadalupe sai com bandejas de comida.

— Cheira tão bem, — eu digo enquanto ela coloca os pratos em outra mesa ao lado da nossa. Anthony levanta-se e afasta as cadeiras da mesa, pegando-a e colocando-a ao lado da que estamos sentados.

Guadalupe sorri para ele e lhe dá um tapinha nas costas quando ele volta a sentar-se. — Eu fiz três tacos diferentes, — diz ela, apontando para os três pratos com cinco tacos macios em cada um. — Carne de porco, — diz ela, apontando para a carne que parece ter sido desfiada com um garfo, pequenos cubos de cebola e algumas fatias de limão ao lado deles. — Boi, — diz ela, apontando para a carne moída com queijo cheddar ralado, um pouco de salsa e um pouco de creme azedo. — E peixe. — Peças douradas de peixe branco com pico de gallo[5] e o que parecia com pequenos pedaços de manga. Minha boca está cheia d’água enquanto olho para a comida. — Tamales... — E eu paro de ouvi-la, meus dedos coçando para pegar um daqueles tacos de peixe.

— Já posso comer? — Eu pergunto a ela, e ela apenas ri, assentindo.

[5] Pico de gallo é similar ao vinagrete brasileiro, acrescido de azeite, coentro e pimenta jalapeño.

Eu pego um dos tacos de peixe e o como, os sabores de limão e cominho batendo nos meus lábios. — Eu vou voltar aqui amanhã, — eu digo, mastigando. — Juro por Deus. — Bebo outro gole. — Esta é a melhor refeição que tive em toda a minha vida.

Ele olha para mim, mastigando seu próprio bocado de taco. — De nada. — Ele sorri enquanto mastiga, e não dizemos nada enquanto comemos. Eu só gosto porque o que começou como um dia de merda não acabou tão mal. Eu não diria isso a ele, mas não foi tão ruim.

Eu me recosto na minha cadeira. — Estou tão feliz por não ter usado calças hoje à noite, — eu digo, rindo enquanto tomo outro gole da minha margarita. Percebendo que meu jarro está vazio, olho para ele. — Eu acho que estou bêbada. — Ele olha para cima, levantando uma sobrancelha. — Estou fora do cardápio, seu cretino. — Eu rio de sua expressão. — É seguro dizer que você não vai me atacar e comer minhas entranhas.

— Como você sabe? — Ele diz. — Talvez eu esteja criando o cenário?

— Oh, por favor. — Eu reviro meus olhos. — Você me descartou no minuto em que entrou e viu dois martinis na minha frente. — Olho para a porta quando ela se abre e vejo Guadalupe sair com uma jarra fresca na mão. Jogo minha mão para cima vitoriosa, enquanto ele joga a cabeça para trás e geme. Ela pega o jarro vazio, balançando a cabeça e sorrindo para nós enquanto volta para dentro.

— Eu não descartei nada, — diz ele, esperando a porta se fechar. Endireito-me nesse momento, pegando o jarro e servindo outra bebida. Desta vez, bebo mais devagar.

Pode ser a tequila falando, ou pode ser o fato de que esta noite eu não me importo, mas digo: — Eu poderia estar sentada aqui

completamente nua, e você ainda não me tocaria. — Seus olhos entrecerram-se. — Deixe eu me divertir, está bem? Esta é minha comemoração 'meu ex-gay vai se casar e meu encontro às cegas foi um fracasso'. — Eu me levanto, pegando o novo jarro que Guadalupe colocou sobre a mesa, e saio para a praia. Meus pés batem na areia fria e me concentro em caminhar até a praia sem cair. Eu coloco o jarro na areia e então seguro minha saia enquanto me sento na areia fria. Nem preciso olhar para trás para saber que ele me seguiu. — Você pode ser um neandertal, mas pelo menos o seu cavalheirismo não está morto, — eu digo, trazendo meus joelhos no meu peito enquanto observo o oceano azul escuro agora passar por sua própria luta quando as ondas quebram na areia fazendo barulho.

— Que tipo de acompanhante eu seria se deixasse meu encontro se afogar? — Ele diz, sentando ao meu lado. Eu olho para ele e rio. Ele está sentado na praia com terno, meias e sapatos sociais.

— Você nem tirou os sapatos. — Eu jogo a cabeça para trás enquanto meus pés escorregam, e eu seguro meu estômago enquanto rio, e ele revira os olhos. — Este acabou por ser um bom encontro, Anthony, — eu digo, observando-o, e ele olha para mim.

— Me chame de T, — ele me diz secamente, então se vira e olha para o oceano, e eu o observo.

— Oh, isso é um apelido? — Eu pergunto, e ele apenas balança a cabeça, ainda sem olhar para mim.

— Sim, — ele diz uma palavra, uma sílaba.

— Está bem, T, — digo a ele e depois volto a olhar para a água. Nós ficamos sentados pelo que parece uma eternidade quando eu finalmente

me levanto e pego o jarro e o copo. — Eu acho que trouxe isso aqui para nada, — eu digo, olhando para o jarro ainda cheio.

Ele se levanta, tirando a areia das calças e depois pega o jarro de mim, e eu o sigo de volta. Percebo que as luzes internas estão apagadas. — Onde está Guadalupe? — Eu me viro e pergunto a ele.

— Ela fecha às oito. — Ele coloca o jarro em uma pia que eu não reparei no canto, em seguida, liga a água e enxágua. Ele pega uma toalha pendurada ao lado da pia para secar as mãos.

— Eu nem sequer a paguei, — digo a ele, pegando minhas sandálias e sentando-me para tirar a areia dos meus pés.

— Eu paguei, — diz ele, e não estou nem um pouco surpresa. Ele pode ser rude, mas é respeitoso. Assim que calço minhas sandálias, levanto e vou até ele. — Você está com frio? — Ele me pergunta quando uma rajada de vento passa e eu tremo. Eu apenas aceno.

Ele pega o paletó e o envolve nos meus ombros. Estendo minha mão para segurar o casaco fechado enquanto ele segura meu braço e nós caminhamos pela trilha de volta para seu carro.

Ele me leva para o lado do passageiro e abre a porta para mim, e enquanto eu entro, nenhuma palavra é pronunciada. Observo-o andando até o lado dele, meu ventre dando um salto repentino. Ele abre a porta. — Então, onde você mora? — Ele pergunta, olhando para mim.

Eu inclino minha cabeça para trás no assento. — Eu não deveria dar o meu endereço para estranhos. — Eu rio quando ele sorri. — Alguém que eu conheço ficaria mesmo muito louco se eu lhe desse meu endereço.

— Você deveria ouvir esse cara. Ele parece mesmo muito esperto, — ele diz, ligando o carro enquanto eu rio e lhe dou meu endereço. Eu viro minha cabeça para o lado, observando a paisagem lá fora enquanto

ele dirige para o meu condomínio. Eu vejo as pessoas andando na rua e vejo as ondas batendo na praia, o oceano parece negro. O piscar das luzes de um navio à distância é tudo o que posso ver.

Ele estaciona em frente ao meu complexo de apartamentos e eu solto o cinto de segurança. Minha mão alcança a maçaneta da porta enquanto me viro e olho para ele. — Esta noite acabou surpreendentemente melhor do que eu esperava, — digo a ele enquanto tiro seu casaco dos meus ombros. — Obrigada, T.

Eu puxo a maçaneta, abro a porta e dou uma última olhada nele. — Foi realmente divertido, — eu digo, saindo e me afastando dele. Eu me viro para acenar para ele, e não me surpreendo ao encontrá-lo em pé na frente de seu carro, recostado no capô. — Você também é irritante, — digo-lhe por cima do ombro, e ele sorri com os braços cruzados sobre o peito. Eu entro no meu apartamento e fecho a porta, ouvindo a porta do carro dele fechar, depois ele ir embora. Eu não acendo nenhuma luz. Eu só tranco a porta da frente e dou uma segunda conferida se a porta dos fundos está trancada. Indo para o meu quarto, eu vou direto para o banheiro, balançando meus pés na banheira e tirando minhas sandálias. Os grãos de areia caindo com pequenos tinidos na banheira. Eu ligo a água, checo a temperatura com a mão, em seguida, coloco meus pés sob a água quando está na temperatura certa. O tempo todo, minha mente repete o encontro ou não-encontro na minha cabeça.

Eu seco meus pés e tiro meu vestido, puxando a manta e deslizando para a cama. Arrumo meus travesseiros ao meu redor, afundando em um, e enquanto minha mente relembra uma e outra vez, adormeço com a imagem dele recostado no carro e me beijando.

Capítulo Seis

Hunter

Entro em minha casa e a quietude me acolhe quando jogo minhas chaves na mesa ao lado da porta. Eu chuto meus sapatos e caminho diretamente para o andar de cima.

Um banho frio é exatamente o que preciso. Colocando minhas mãos no mármore do chuveiro, abaixo minha cabeça para que a água possa correr sobre os músculos do meu pescoço. Um encontro com aquela mulher me deixou tão tenso que achei que meu pescoço ia arrebentar.

O modo que ela me pressionou de todas as maneiras, tive que me segurar para não jogá-la por cima do meu ombro e amarrá-la até que cedesse. Enquanto isso, adoraria o seu corpo. — Foda-se, — eu digo quando meu pau, que finalmente desceu depois de duas horas, está de pé novamente e se estirando. Eu envolvo minha mão em torno dele, a água ficando mais e mais fria, mas eu não paro até que gozo com o rosto dela em minha mente.

Assim que entro na minha cama, levo dois segundos para adormecer, entretanto o sono me embala por apenas algumas horas. Pelo resto da noite, me reviro na cama. Quando chega às cinco horas e já estou acordado há uma hora, desisto. Visto meu short e desço as escadas. Sentado do lado de fora, vejo o sol nascer enquanto trabalho.

Às sete horas, levanto-me e visto uma camiseta, minhas meias e meus tênis de corrida. Entrando no carro, dirijo até a praia onde gosto de correr. Depois de estacionar minha caminhonete, saio e seguro cada pé para alongar. Então disparo, forçando-me todo o trajeto, mas

especialmente a última milha apenas por diversão. Normalmente, quando corro, todos os meus pensamentos estão enterrados. Eu limpo minha mente, e não há nada além do esforço para correr. Desta vez, na praia, cada vez que meu pé batia na areia dura e molhada, eu ouvia sua risada soar em minha cabeça. Eu ouvi seu atrevimento, sua maldita ousadia, e ouvi a suavidade em sua voz quando não a irritava. Não importa quantas vezes tente limpar minha mente, ela continua repetindo a noite anterior com Laney e sua ousadia. Eu não me diverti tanto com uma mulher... bem, desde nunca.

Eu finalmente volto para o meu carro, meu peito arfando quando paro e sento na areia porque o sol nascente está começando a aquecer rápido. Eu olho em volta enquanto as famílias começam a ir para a praia. A mãe carregando as crianças enquanto o pai puxa as cadeiras e os guarda-sóis, sem dúvida amaldiçoando em sua mente.

Paro na pequena barraca na praia e pego duas garrafas de água gelada, drenando uma antes de entrar no carro e outra assim que me sento no carro e abro as janelas para deixar o calor sair. Meu peito ainda arqueia enquanto trabalho meu coração a voltar ao normal. Estou prestes a apertar o botão ligar quando ouço um zumbido vindo de algum lugar do carro. Eu tiro meu celular do bolso e olho para ele, mas não é surpresa que ninguém tenha ligado ou enviado uma mensagem. Coloco meu telefone no porta-copos e ligo o carro, abaixando as janelas e deixando um pouco de calor sair.

Espero alguns minutos para que o ar-condicionado esfrie o carro e fecho a janela. Saio do estacionamento, mas depois ouço o zumbido novamente. Eu olho ao redor, incerto de que diabos está acontecendo,

mas então ouço um sinal sonoro e percebo que está vindo por entre os assentos.

Deslizo minha mão entre os assentos e pego um enorme iPhone branco com uma capa marmorizada e um botão brilhante atrás. Eu nem preciso me perguntar a quem pertence. Eu olho para baixo e vejo que já tem dez chamadas perdidas e uma mensagem de texto. *Que diabos?* Toco para verificar a notificação e, quando pressiono o botão do meio, o telefone abre automaticamente com uma imagem da praia ao fundo. Eu clico na caixa de mensagem verde com um número vinte em vermelho no canto. Vejo um monte de mensagens: algumas da mãe dela, um de uma Sandy, mas a que está no topo está sob o nome EU.

Se você está lendo isso, pode, por favor, devolver meu telefone no seguinte endereço. RECOMPENSA SERÁ DADA!

— O que há de errado com ela? — Eu me pergunto em voz alta, balançando a cabeça. Ela simplesmente só passou o endereço dela.

Eu vou para casa tomar banho, vestindo jeans e pegando uma camiseta branca simples. Calçando meu tênis branco Adidas, pego meus óculos escuros e o telefone em questão. Eu olho para baixo e vejo que ela enviou outro texto. Desta vez, tudo em maiúsculas, como se estivesse gritando com essa pessoa que encontrou seu telefone.

MESMO QUE VOCÊ NÃO O DEVOLVA, PODE, PELO MENOS, ME RESPONDER SE O TEM?

Esta mulher está fora de si, penso ao trancar minha casa. Entro no meu carro e vou até a casa dela. Estaciono exatamente onde parei ontem à noite, saindo e trancando o carro por sobre meu ombro. Subindo as escadas para o seu apartamento, eu bato uma vez. Espero que ela

pergunte quem é, mas ela não pergunta. Em vez disso, ela abre a porta e fico boquiaberto.

Ela está lá, com o longo cabelo loiro pendurado no ombro, os olhos azuis cristalinos. Sem um traço de maquiagem; ela não precisa de nada. Meus olhos vagam por seu corpo de cima e a baixo enquanto ela fica lá em shorts rosa pálido e uma blusa com renda branca. O robe rosa pálido combinando está aberto, cobrindo nada. — Que diabos você está vestindo? — Pergunto, e ela olha para mim e depois para a minha mão e grita, pulando para cima e para baixo. — Você pode parar de fazer isso? — Peço a ela entre dentes.

— Você encontrou meu telefone, — diz ela, estendendo a mão para ele, e vejo que é da mesma cor que sua roupa. — Muito obrigada. Onde você o achou? — Estou prestes a responder quando ela diz: — Oh, espere, entre. Eu estava prestes a fazer o café da manhã. — Ela nem sequer espera que eu responda antes de afastar-se da porta, deixando-a aberta. Observo-a descer o corredor branco, colocar o telefone no balcão, depois pegar o cabelo e prendê-lo no alto da cabeça. Tenho um debate interno comigo mesmo sobre entrar ou não, mas meus pés movem-se antes que minha cabeça possa acompanhar a discussão.

— Alguém precisa discutir os perigos de hoje em dia com ela, — digo em voz baixa. Eu sigo na mesma direção que ela e vejo o sofá branco felpudo contra a parede com duas cadeiras felpudas cinza de cada lado. Procuro pela televisão, mas não vejo uma.

Continuo e vejo que ela está em sua cozinha, no fogão fazendo quem sabe o que. — O que você está fazendo? — Eu olho para a cozinha dela, e não é surpresa que também seja branca. A única cor é no balcão bege. A cozinha é um pequeno quadrado quando você entra nela. O

balcão percorre tudo, só parando no fogão de aço inoxidável à esquerda, e depois a pia fica bem embaixo da pequena janela, que tem um pequeno vaso de flores no peitoril. O balcão continua até chegar na geladeira de aço inoxidável.

Do meu lado do balcão, vejo que ela está usando duas frigideiras. — Estou fazendo ovos fritos mexicanos, — ela me diz. Virando-se para abrir um dos armários, ela tira dois pratos brancos quadrados. — É uma coisa boa que você apareceu porque fiz demais. — Ela coloca os pratos no balcão, em seguida, pega uma das frigideiras e começa a distribuir a comida. Ela carrega meu prato com mais comida que o dela, pegando a segunda frigideira e colocando o que parece ser bacon de peru em seu prato. Então ela abre o forno e pega uma luva, tirando uma pequena bandeja com bacon e linguiça. Ela coloca três fatias de bacon no meu prato e coloca duas salsichas no seu.

— Laney, — eu digo, colocando minhas mãos nos meus quadris. Minha boca enche d'água e meu estômago ronca. — Precisamos discutir algumas coisas. — Estou tentando manter a calma, mas quando ela olha para mim e sorri, minha mente fica vazia. Cada parte minha, determinada a dar-lhe um sermão rigoroso, quase desaparece.

— Você quer uma mimosa? — Ela me pergunta enquanto pega os pratos. — Você pode pegar o suco de laranja e o champanhe? — Ela dá de ombros, inclinando a cabeça para a geladeira. — Encontro você lá fora no pátio.

Eu a vejo sair para o pátio, colocando os pratos na mesa, e então ela se vira e volta. — Eu vou pegar os talheres. — Ela passa por mim, seu robe sedoso voando um pouco enquanto ela anda, e toca na minha mão, meus dedos se movem quando ela se afasta. — Você quer pimenta? — Ela

pergunta quando volta para a cozinha, abrindo a gaveta para pegar garfos e facas. Então ela inclina-se, sua blusa subindo um pouco para revelar um pouco de pele, e estou sem palavras. — Não se esqueça das nossas bebidas, — diz ela, passando por mim, ainda sorrindo. Eu apenas olho para cima e penso que esta é a maneira de Deus punir-me por algo. Talvez porque nunca liguei de volta para minha mãe. Mas seja o que for, por favor, me perdoe.

— Tem que haver uma razão, — eu sussurro, entrando na cozinha. Abrindo sua geladeira, pego o suco de laranja e champanhe. — Você precisa de copos? — Eu grito, esperando que ela me ouça, e quando não obtenho uma resposta, abro os armários até encontrar os copos e levo dois para fora.

Eu não tenho ideia do que vou encontrar, mas não estava esperando que o pátio dela fosse tão acolhedor. Ela tem um pequeno pátio em forma de L com enormes almofadas de veludo. Uma pequena mesa na frente dela tem duas velas. Olho para Laney e ela está sentada à pequena mesa quadrada com duas cadeiras, olhando para o oceano. — Está um dia tão bonito, — diz ela, olhando para mim. — Vai ser bem quente, eu acho.

Eu me sento na frente dela, examinando o local e observando a porta novamente. — Laney, — eu digo, então vejo como ela pega o champanhe e serve-se um pouco e, em seguida, completa com suco de laranja. — Eu nem sei por onde começar com você, — eu digo honestamente.

Ela ri de mim, jogando a cabeça para trás. Seu pescoço nu livre para eu me inclinar e morder, então lentamente chupar. — Bem, — ela pega o copo e levanta-o — considerando que este é o nosso segundo encontro,

você deveria começar com a noite passada foi incrível. — Ela leva o copo à boca e toma um gole.

Eu olho para ela e sinto minha pressão arterial subir. Coloco minhas mãos abertas na minha frente sobre a mesa. — Você deu a um completo estranho seu endereço. — Eu balanço minha cabeça.

Ela olha para mim confusa. — Quando eu fiz isso?

— Você enviou seu endereço para o seu telefone, — digo a ela. — Por quê?

— Bem, para começar, meu telefone está bloqueado, então ninguém pode roubar minhas informações, — diz ela, tomando um gole de sua bebida.

— Não está bloqueado. Eu entrei simplesmente pressionando o botão. Belo protetor de tela, — digo e espero que ela fique chocada ou talvez surpresa, mas ela não faz nenhuma dessas coisas.

Em vez disso, ela encolhe os ombros e pousa a bebida. — Bem, eu não sabia onde o havia deixado, então pensei que talvez se mandasse uma mensagem, a pessoa que o encontrou poderia trazê-lo de volta para mim, — ela diz, abrindo as mãos na frente dela em um gesto de "obviamente, eu tinha um plano".

— E se eu fosse um assassino em série? — Eu pergunto a ela novamente. — Ou eu estivesse traficando mulheres?

— Oh, meu Deus. — Ela revira os olhos. — Sério, eu sabia que devia tê-lo deixado no carro ou no restaurante de Guadalupe.

— Como você tinha tanta certeza? — Eu lhe pergunto, e ela ri de mim novamente.

— Porque mandei um texto para minha melhor amiga quando entrei em seu carro, — ela me diz, e não sei o que dizer. — Sabe, depois que você entrou no restaurante e ficou todo louco comigo por beber?

— Eu não fiquei louco com ninguém. Eu simplesmente... — Ela levanta a mão, parando-me.

— Você estava louco, — diz ela e depois continua. — De qualquer forma, enviei a minha localização para ela quando chegamos ao restaurante. Você sabe, no caso de você ser um serial killer de verdade, — ela diz rindo.

Eu pego meu garfo e aponto para ela. — Você é uma maluca, sabe disso, certo? — Ela apenas dá de ombros.

— Posso ser, mas o que isso diz sobre você, voltando para um segundo encontro? — Ela aponta enquanto pega uma garfada de ovos, comendo e dizendo: — Eu tenho que dizer que gosto mais dessa aparência do que do terno. — Ela move o pulso para cima e para baixo, apontando para mim com o garfo.

— É bom saber, — digo, pegando uma garfada do meu próprio ovo e comendo-o antes de lhe dizer que eu também gostava mais dela nessa roupa do que na de ontem. Estou tentando ser um cavalheiro e não reparar que os mamilos dela estão duros e esperando para serem beliscados. Eu sacudo minha cabeça.

— Então, o que você quer fazer hoje? — Ela me pergunta, depois continua a falar. — Há um festival de trailers de comida ao qual nunca fui. Você quer ir?

Tudo está me dizendo para recusar e ir embora. Ela nem sabe meu nome verdadeiro porque pensa que sou Anthony. Vim para devolver seu telefone e dizer-lhe como era estúpido compartilhar suas informações

com um estranho. Ela podia dizer à mãe que teve um encontro meio agradável e que eu fui um cavalheiro. — Claro, — minha boca diz antes do meu cérebro possa acompanhar.

— Ótimo. Vou me trocar, e nós podemos ir. — Ela sorri para mim, e uma vez que a vejo sorrir, não tenho coragem de dizer a ela que não posso ir.

Ela se levanta e pega seu prato, colocando seus talheres no meio e levando-o para dentro. Ela sai novamente. — Eu pego, — eu lhe digo, e ela apenas assente para mim.

— Vou me vestir e volto já, — diz ela, virando-se e entrando.

Pego os pratos e levo-os para a cozinha, enxaguando-os e colocando-os na máquina de lavar louça enquanto combato os pensamentos dentro de minha cabeça. Por um lado, estou pensando, *por que não posso ir? Eu não sou Anthony*. Enquanto, por outro lado, penso em como isso vai parecer ótimo quando a mãe de Anthony receber o telefonema de que saímos em encontros consecutivos.

— Estou pronta. — Eu a ouço dizer, entrando na sala. Eu olho para ela, e nada, eu quero dizer *nada*, me impediria de levá-la para sair hoje. Ela está vestindo shorts brancos recortados, deixando suas longas pernas bronzeadas em plena exibição. Sua camisa é solta mostrando os ombros, com decote em V com alças finas, mas também mangas compridas. Seu cabelo cai até a cintura em longos cachos. Sandálias douradas com tiras completam o visual. — Está tudo bem? — Ela diz, e eu apenas concordo.

— Sim, tudo bem, — digo a ela. — Você pode ficar com calor, — eu digo, olhando para as mangas longas.

— Tudo bem. Estou usando um top de biquíni por baixo dessa camisa. — Ela pega sua bolsa enorme. — Vamos? — Ela diz, deslizando seus grandes óculos de sol. Ela parece uma modelo saindo da revista.

Eu deixo-a liderar o caminho para fora, virando-me para vê-la trancar a porta. — Vê? Estou segura, — ela diz, colocando as chaves na bolsa e vindo para o meu lado.

Eu rio enquanto descemos os degraus juntos e entramos no carro. Ligo o ar condicionado. — Está muito quente, — diz ela, esticando a mão atrás dela e pegando o cinto de segurança. — Eu sempre quis ir para essa coisa de trailer de comida, — diz ela com um sorriso, — mas ninguém nunca quis ir comigo.

— Eu nunca sequer ouvi falar sobre isso, — digo a ela. — Onde é este lugar? — Eu pergunto. Ela pega o telefone para verificar o endereço, depois eu o coloco no GPS e espero que ele calcule a rota. Eu saio do estacionamento e sigo as instruções. Quando olho para ela e vejo-a olhando pela janela, faço a pergunta em que estive pensando o tempo todo. — Como você mandou mensagem a si mesma esta manhã sem telefone?

— Meu iPad, — diz ela, olhando para mim. — Eu tenho iMessage configurado lá também, então me mandei uma mensagem.

— E se você tivesse deixado cair na rua por acidente? — Eu pergunto-lhe. — E se eu não fosse a pessoa que estivesse com ele? Você sabe o que poderia ter acontecido?

Ela encolhe os ombros. — Eu estava esperando que fosse você.

Eu me viro e olho para ela. — O quê? — Eu pergunto a ela, chocado. — Você me odiou ontem à noite, — digo a ela, rindo.

— Eu não te odiei no final da noite. Sua cisma me conquistou, — diz ela, olhando pela janela novamente.

— Laney. — Eu digo o nome dela suavemente, e ela se vira novamente, seus lábios formando um sorriso tímido. — Não acho que seja uma boa ideia.

— Anthony, — ela começa a dizer, e eu balanço a cabeça. *Foda-se não.* De maneira nenhuma que ela vai me chamar de Anthony.

— Se fizermos isso hoje, você me chama de T, — digo-lhe. Eu prefiro que ela me chame de idiota do que pelo nome de outra pessoa.

— Certo. T, — ela diz, — que tal isso? Eu nem vou contar para minha mãe sobre esse segundo encontro. Vou lhe dizer que tomamos um café e decidimos conversar em outra ocasião.

Eu quero dizer não. Minha cabeça está dizendo que isso não é uma boa ideia, mas meu carro apenas nos leva a esse festival. Sigo o grupo de carros até a área de estacionamento. Estaciono o carro, e então, tão rápido quanto estaciono, outro carro estaciona ao meu lado. Eu saio do carro, tranco a porta e a encontro na parte de trás do carro. Olho em volta, examinando as rotas de saída. — Você faz isso o tempo todo. — Eu a ouço dizer enquanto olho para o estacionamento gigante.

— Vamos lá, vamos, — diz ela enquanto pega minha mão na dela e lidera o caminho. Quando passamos pelos portões, uma mulher nos entrega um mapa do festival. Eu olho para baixo e vejo que há mais de cem trailers de alimentos. — Eu nem sei por onde começar, — digo, e olho para ela.

— Você sempre começa de um lado e vai para o outro. — Eu olho para o mapa. Nós caminhamos para a direita do mapa e verificamos o caminho, trailers de comida em cada lado de nós. Cada trailer de comida

tinha um toldo sobre a janela de pedidos e três mesas de plástico branco na frente para as pessoas se sentarem. Nós seguimos o caminho, olhando para os diferentes alimentos. Ela não soltou minha mão e eu não liberei a dela enquanto caminhamos de trailer em trailer.

— Devemos provar pelo menos uma coisa por fileira, — diz ela, olhando para o mapa com a mão que não está segurando a minha. — Oreos frito é a minha escolha, — diz ela, dobrando o mapa e colocando-o em sua bolsa. — Você pode escolher o seu.

Eu olho para baixo e examino as duas primeiras fileiras. — Se nós vamos provar Oreos fritos, acho que devemos tentar o macarrão com queijo. — Eu olho do menu para o trailer de comida com macarrão e queijo. — Vamos pegar pequenas porções, certo? — Pergunto-lhe, e ela apenas concorda.

— Então, o que você acha? — Ela pergunta enquanto estamos na fila. — Tradicional ou lagosta? — Ela me olha, e eu olho para ela, e a brisa suave sopra seus cabelos. Com a mão dela na minha, sou tentado a inclinar-me e beijar seus lábios. Fico só parado olhando para ela, e ela inclina-se um pouco. Estou prestes a jogar a toalha e inclinar-me para frente quando ouço o homem.

— Próximo! — Ele grita, e olho para ele. — O que vocês vão querer?

— Nós vamos querer uma porção pequena de macarrão e queijo com lagosta, — responde Laney e abre a bolsa para tirar seu dinheiro, e eu olho para ela.

Solto a mão dela e pego minha carteira, tirando uma nota de vinte. — Nem pense nisso.

Eu não preciso ver seus olhos para saber que ela está revirando-os. — Tenha calma, — diz ela, colocando a mão no meu peito.

O homem devolve-me o troco com um número. — Você é o número setenta e cinco, — diz ele, e eu aceno.

— Pode me dar duas garrafas de água, por favor? — Pergunto a ele, devolvendo o dinheiro. Ele estica a mão atrás dele e me entrega duas garrafas de água gelada. — Vá encontrar uma mesa, — eu lhe digo e observo enquanto ela caminha para uma das três mesas e pega a que está na sombra.

— Setenta e quatro e setenta e cinco! — Grita a mulher, e dou um passo à frente.

— Sou setenta e cinco, — eu digo, e ela me entrega um pequeno recipiente de papelão branco com dois garfos de plástico espetados nele. Eu sorrio para ela e então viro para ir à mesa onde Laney está sentada.

Sento-me ao lado dela e meus olhos vão para a entrada enquanto vejo as pessoas indo e vindo. — Ok, lá vamos nós, — diz ela, pegando um garfo e, em seguida, levando-o à boca. — Oh. Meu, — ela diz, mastigando e pegando mais, — esse é sem dúvidas o melhor macarrão com queijo que eu já comi na vida.

Eu pego meu próprio garfo e concordo, comendo uma garfada. — Sim, é muito bom, — eu digo. Eu pego outra garfada e paro de comer.

Recosto-me na minha cadeira e observo-a comer outro bocado. — Isso está tão bom, — diz ela, e eu olho dentro e vejo que nós comemos metade.

— Resta a metade, — digo-lhe, e ela se reclina em sua própria cadeira, pegando a garrafa de água e bebendo.

— Bem, então, vá em frente, — ela me diz, apontando para ele. Ficamos na mesa mais alguns minutos, depois me levanto, pego o

prato de papelão e levo para o lixo. Ela junta-se a mim e depois me olha. — Agora, para os Oreos, — diz ela, apontando para o trailer e a pequena fila formando-se na frente dele. — Eu só quero um, — diz ela, embora quando chegamos à frente, ela pede três.

— Eu achei que você tinha dito que só queria um? — Eu digo depois que nos afastamos para esperar o pedido.

— Eu me senti estranha ao pedir apenas um quando somos duas pessoas, — ela diz, inclinando-se e eu rio para ela. Quando o nosso número é chamado, ela aproxima-se e pega outro recipiente de papelão branco e volta. Olho para dentro e vejo três Oreos dourados e fritos com açúcar de confeiteiro branco. — Ok, aqui vai, — diz ela, pegando um e mordendo metade. Eu pego um, e meus dentes mordem a massa folhada e afundam na maciez do biscoito lá dentro. O centro do Oreo é derretido e escorre nos meus lábios. — Agh, — eu digo. Ela ri e inclina-se para limpar meu lábio, e então faz a coisa mais erótica que eu já vi, bem, ao menos hoje. Ela pega o polegar que ela usou no meu lábio e leva para a boca e chupa. Meu pau entra em ação antes que o polegar esteja a meio caminho dos lábios.

— Eu acho, — ela diz assim que ela tira o dedo da boca, — que se você comer mais de um desses, você pode ter um ataque cardíaco grave. — Eu ainda estou olhando para os lábios dela. — Você está bem? — Ela pergunta, e eu apenas aceno. — Vamos caminhar, para que possamos digerir as sete mil calorias que acabamos de comer.

Eu aceno com a cabeça novamente, e ela pega minha mão e me puxa. Nós fazemos as mesmas coisas na próxima fileira, experimentando coisas diferentes.

Quando chegarmos à terceira fileira, acho que vou vomitar. — Eu não posso comer mais nada, — eu digo, dando a última mordida na costela que estava comendo.

— Você disse isso um pouco antes de pedir as costelas, — diz ela, rindo de mim quando meu pedaço de costela cai, e eu tiro meu pé do caminho para que ele caia no chão em vez do meu sapato. Eu pego o guardanapo, depois me abaixo e pego a costela, caminhando até o lixo onde a jogo. Pego o lenço úmido que eles nos deram e limpo minhas mãos. Ela anda ao meu lado, colocando uma mão no meu quadril quando se inclina para jogar suas próprias coisas fora. Seus pequenos toques me enlouqueceram o dia todo e, se achei que estava tenso ontem, hoje bateu o recorde.

Ela é delicada, engraçada e sarcástica, e me faz rir. Eu coloco minhas mãos em seus quadris, puxando-a para perto de mim. *Não faça nada estúpido.* Eu ouço minha voz interior, mas inclino minha cabeça um pouco. Sua respiração fica presa, e estou prestes a beijar seus lábios, mas seu telefone zumbindo em seu bolso arruína o momento.

— Olá, — ela diz, atendendo ao telefone. — O quê? — Ela olha para mim. — Quão ruim?

Eu olho para ela, agora preocupado. — Você pode me levar para o meu consultório? — Ela pergunta, e eu aceno imediatamente, pegando a mão dela e nos conduzindo ao carro. — Ok, eu estarei lá em cerca de vinte minutos.

— Qual é o problema? — Pergunto a ela quando entramos no carro, e ela me dá o endereço do seu consultório.

— Minha melhor amiga, Sandy, — ela começa e, em seguida, olha para baixo e balança a cabeça. — Ela e seu novo namorado estavam

experimentando um balanço erótico. — Ela olha para mim. — Era um desses portáteis, e bem, quebrou e...

Eu coloco minha mão na minha boca — Oh, meu Deus. Ele quebrou o pau dele? — Eu pergunto, colocando minha outra mão na minha própria virilha.

— Não, — diz ela, rindo. — Ele caiu e bateu um dente. Antes que ela subisse nele.

— Você é uma dentista? — Eu pergunto a ela e percebo que nunca falamos sobre o que ela faz ou o que eu faço.

— Sim, — diz ela quando eu paro em um estacionamento e vejo a pequena casa. — Esta é a minha clínica, — diz ela com um sorriso no rosto, estendendo a mão e abrindo a porta do carro.

Eu saio com ela, parado ao seu lado quando um carro entra no estacionamento e para ao nosso lado.

Ficamos ali esperando, e fico chocado quando vejo Anthony contornando a traseira do meu carro. Olho para ele e ele olha para mim, e eu olho para Laney. — Eu posso explicar, — eu digo a ela antes de todo o inferno se soltar.

— Hunter, que diabos você está fazendo aqui? — Ele diz, segurando um saco de gelo na boca.

— Hunter? — Laney olha para mim, sua voz vai suave. — Espere. O quê?

— Laney, graças a Deus você pôde nos encontrar aqui, — diz sua amiga, que eu acho que é Sandy, ao lado de Anthony. Eu olho para a menina com o corte joaõzinho vestindo shorts e uma camiseta. Anthony está vestindo jeans e uma camiseta branca com o que parece sangue na

frente. — Anthony, esta é a Laney. — Ela apresenta os dois e Anthony olha para mim e depois para Laney, seus olhos arregalam-se.

— Puta merda, você é Laney? — Anthony diz. — Era para ser um encontro. — Ele olha para mim, depois de volta para Laney. — Jesus, foda-se. Minha mãe vai me matar, — ele diz.

— O quê? — Meus olhos nunca deixam Laney quando ela olha de mim para Anthony e depois de volta para mim.

— Eu posso explicar. — Eu vou até ela e coloco minha mão em seu braço quando ela me ignora.

— Você mentiu para mim, — diz ela, e finalmente, Sandy grita.

— Que diabos está acontecendo agora? — Ela vai para o lado de Laney. — Quem é esse? — Ela pergunta, e eu juro que quero rebobinar o dia e dizer a verdade quando apareci na porta da frente dela.

— Este é o meu encontro às cegas, Anthony, — diz Laney, balançando a cabeça, — ou quem eu pensei que era o meu encontro às cegas, mas ele é apenas um mentiroso. — Eu fui para a guerra e fui baleado mais vezes do que gostaria de admitir, e quebrei ossos, mas essas quatro palavras me machucaram mais.

Capítulo Sete

Laney

Estou no estacionamento da minha clínica odontológica depois de um dos melhores encontros em que já estive, e tudo desaba, pois tudo foi uma brincadeira e uma mentira. — Ele não passa de um mentiroso, — eu digo, e seus olhos se fecham e depois se abrem. Eu vejo o conflito acontecendo lá e quero estender a mão.

— Vamos, — eu digo para Anthony e depois olho para Sandy, dando a volta. Caminhando para os degraus da minha clínica, tiro as chaves da minha bolsa, destranco a porta e desligo o alarme. — Leve-o para a segunda sala, e eu estarei lá, — eu digo, indo para o meu escritório para pegar minhas coisas.

— Laney, espere. — Eu ouço Anthony, ou Hunter, como é o seu verdadeiro nome, chamando.

— Eu não tenho tempo para isso, — eu digo a ele, despejando minha bolsa na mesa e pegando meu jaleco e os óculos com a lupa. Eu me viro e o vejo de pé na porta. Por que ele tem que ser tão perfeito quando eu deveria odiá-lo? — Mova-se, — digo a ele, tentando passar por ele, mas ele apenas fica parado, bloqueando o caminho.

— Laney, deixe-me explicar. — Ele tenta de novo, e eu apenas balanço minha cabeça.

— Não, — eu esbravejo e, em seguida, fecho os olhos. Lágrimas ameaçam, mas estou tão zangada agora que as mantenho afastadas. Eu abro meus olhos e olho para ele. — Explicar o que exatamente? — Pergunto a ele. — Como você me enganou fingindo que era outra pessoa?

— Ele apenas olha para mim, e eu não lhe dou uma chance de falar. — Como você fingiu importar-se com o encontro, sabendo muito bem que nunca mais me veria? Como você chegou lá fingindo que era outra pessoa, provavelmente morrendo de rir da pobre garota que não sabia de nada?

— Não é assim, — diz ele, e eu jogo minhas mãos para cima.

— É exatamente assim, — digo a ele. — Você me levou em um encontro às cegas que ele nem teve coragem de cancelar. Você sentou à mesa comigo e fez cerca de quatorze refeições, se contarmos toda a comida que comemos hoje, e nem uma vez você disse: 'Laney, então tem uma história engraçada que quero contar para você.' Não, nada disso.

— Laney! — Ouço Sandy gritar, e quando ele abaixa a guarda por um momento, eu passo por ele, indo para a sala e vendo aquele homem na cadeira. — Ele vai quebrar essa cadeira? — Ela me pergunta, e vejo que seus pés estão para fora. — Quero dizer, ele não é do tamanho normal.

— Não, mas precisamos de raios-X antes mesmo de começarmos, — digo a ela, e ele balança a cabeça, tentando levantar-se. — Fique sentado. Eu tenho máquinas de raios-X em todas as salas, — digo a ele, preparando os raios-X e deixando-o a espera. Eu pego o pesado colete azul, depois vou até ele e coloco nele.

— Então, — ele começa a dizer, — isso é estranho. — Eu olho para ele.

— Você nem sequer teve a decência de cancelar o encontro ou mesmo aparecer e apenas me dispensar, — eu digo para ele, pegando os bocais brancos. Eu coloco luvas e volto para ele. — Morda isso. — Ele morde, e eu pego a máquina para tirar o seu raio-X, colocando o círculo da máquina na frente de sua boca.

— Oh, meu Deus! — Sandy finalmente diz em voz alta. — Este é o encontro às cegas que você teve ontem? — Ela aponta para Hunter, que ainda está aqui, sorrindo. — Toca aqui.

— Não, sem toca-aqui, — eu digo, afastando sua mão quando passo por ela. — Ele, — eu digo, apontando para Anthony, que está sentado na cadeira com a boca pressionada no mordedor para os raios-X, — deveria ser meu encontro às cegas. Ele, — eu digo, apontando para Hunter, que está lá com os braços cruzados sobre o peito, — apareceu e me enganou fingindo ser ele, — eu digo, apontando para Anthony, que olha para Sandy e encolhe os ombros. — Todo mundo fora da sala enquanto faço os raios-X, — eu digo, e eles saem. Eu os sigo para fora da sala e aperto o botão na parede do lado de fora.

— Puta merda, — diz Sandy, olhando para Anthony quando entra e depois para Hunter. — Isso é confuso, mesmo para mim.

— Não foi assim, — diz Hunter finalmente. — É tudo culpa dele. — Ele aponta para Anthony. — Esse cara tinha um encontro quente, — ele diz e depois olha para Sandy, — que eu realmente espero que seja você e não outra pessoa.

Ela sorri para ele e pisca os olhos. — Culpada.

— Nunca foi minha intenção mentir para você, — ele me diz e então olha de volta para Anthony. — Idiota.

— Mas você mentiu, — eu indico.

— Por que eu sou o idiota? — Anthony murmura.

— Sim, — Hunter finalmente diz: — Eu menti para você, mas era para ser um encontro às cegas, e bem, deveria ser só uma maldita bebida, então eu apareci e você estava de porre.

— Você ficou de porre antes mesmo de seu encontro às cegas chegar? — Sandy pergunta ao lado de Anthony.

— Eu não estava de porre! — Eu grito. — Eu bebi dois martinis.

— Então, quase de porre, — diz Anthony, depois que eu tiro a peça da boca. O olhar que lhe dou o impede de falar, e ele balança a cabeça. — Sem porre. — Então ele olha para Hunter, apontando para mim. — Ela não estava de porre.

— Então você perdeu seu telefone, — diz Hunter, — e eu não tive escolha a não ser devolvê-lo a você. Mas juro que quis te contar o tempo todo.

— Olha, podemos só consertar meu dente primeiro, e então podemos pegar algo para comer e resolver tudo? — Anthony diz, e Hunter apenas olha para ele. — Não olhe desse jeito. Eu lhe disse para tomar uma bebida com ela, não ter dois encontros.

— Chega! — Eu grito. — Você — eu aponto para Hunter — precisa sair para que eu possa me concentrar. Você — eu aponto para Sandy — vai ser minha assistente se eu precisar de alguma coisa, e você... — Eu aponto para Anthony. — Vou contar para a minha mãe.

— Eu vou esperar lá fora, — diz Hunter e afasta-se antes que eu possa discutir com ele.

— Eu acho que ele gosta de você, — diz Anthony com um sorriso, mas eu olho para ele. — Você realmente não vai contar para nossas mães, vai? — Ele reclina-se na cadeira. — Não é justo.

Eu respiro fundo, olho para o teto e faço uma pequena oração. — Isso foi sacanagem. — Eu ouço Sandy dizer.

Eu os ignoro pelos próximos quarenta e cinco minutos enquanto trabalho em seu dente quebrado. — Precisamos prepará-lo para um dente postiço.

Eu digo a ele, tirando meus óculos e abaixando-os. — A boa notícia é que a raiz do dente será anexada ao osso, — eu digo, levantando e tirando minhas luvas.

— Obrigado, — diz ele, tentando sorrir e babando pelo lado de sua boca.

— Eu quero que você volte segunda-feira à tarde e tiraremos as medidas para o dente postiço, e pelo amor de Deus, sem mais sexo agressivo neste fim de semana, por favor, — eu digo a eles, e ambos jogam a cabeça para trás e riem.

— Acabou? — Eu ouço Hunter dizer do lado de fora da sala.

— Por que ele ainda está aqui? — Eu digo em um sussurro, olhando para baixo e soltando um suspiro que não sabia que estava segurando.

Anthony ri, levantando-se da cadeira. — Esse cara nunca desiste quando quer alguma coisa. — Ele coloca a mão em volta dos ombros de Sandy. — E pelo que parece, ele a quer.

— Sim, bem, eu não o quero, — eu digo. Agarrando meus óculos, saio e vejo-o encostado na parede com os pés cruzados nos tornozelos. Por que ele tem que ser tão bonito? Por que seus lábios têm que ser tão perfeitos? Por que seus bíceps têm que preencher a camisa tão bem? Por quê?

— Laney, — diz ele, e eu me viro na sua direção prestes a surtar.

— Você pode simplesmente parar, por favor, — digo-lhe, e ele se endireita. — Só por um segundo, me dê uma chance de pensar. — Ele vai dizer alguma coisa, mas eu o paro, erguendo minha mão. — Por favor. —

Minha voz fica mais suave e baixa. — É muita coisa agora. Eu só... — Eu balanço minha cabeça. — Eu só preciso clarear a mente.

— Tudo bem, — diz ele e olha para Anthony. — Certifique-se de que ela chegue em casa. — Ele vira-se e passa por mim, parando ao meu lado, sua voz baixa. — Me desculpe se menti para você, mas eu tive um dia incrível hoje, — diz e inclina a cabeça para beijar minha bochecha. Eu não digo nada; só fico parada e deixo seu beijo perdurar em minha bochecha.

— Que merda você fez? — Anthony diz, e eu olho para ele confusa. — Parece que você acabou de chutar seu filhote de cachorro e jogou fora seu gatinho.

Sandy ri ao lado dele. — Essa é uma imagem vívida.

Eu sacudo minha cabeça. — Vocês não precisam ficar. Tenho algum trabalho que estava adiando que preciso terminar, e então chamarei um Uber.

— Tem certeza? — Sandy diz.

— Se Hunter descobrir que saí sem te levar para casa, terei que pedir um novo conjunto de dentes, — diz Anthony.

— Eu não vou lhe dizer se você não disser, — digo a ele, olhando para Sandy. — Vou lhe prescrever uma receita para analgésicos. Uma vez que o efeito passar, ele pode sentir um pouco de dor. — Ela apenas concorda e olha para Anthony.

— Ela está bem, — diz, e Anthony olha para ela. — Ela só precisa processar as coisas, e não vai ser fácil fazê-lo sentada aqui com a única pessoa culpada, — diz Sandy.

— Isso não é culpa minha, — diz ele, e Sandy cruza os braços sobre o peito. — Ok, posso ser um pouco culpado por não ter sido honesto com ela, mas... — Ela levanta a sobrancelha, e ele para de dizer o que ia dizer e

depois olha para baixo. — Tudo bem, vamos deixá-la em paz, mas eu juro por Deus se ele descobrir...

— Ele não vai descobrir, — diz Sandy. Ela finalmente o convence a sair e eu tranco a porta da frente do consultório atrás deles. Voltando para o meu consultório, começo com os prontuários que estava adiando.

Minha mente vagueia toda vez que tento escrever alguma coisa. Depois de duas horas olhando para o espaço, escrevendo e depois apagando tudo, desisto, jogando a caneta na minha mesa exatamente quando meu celular toca. Eu olho para baixo e vejo que é a minha mamãe. Eu penso em não atender, mas sei que se não fizer, ela pode mandar uma equipe de busca à minha procura.

— Olá? — Eu digo, atendendo.

— Oh, meu Deus, eu sinto muito, muito mesmo, — ela começa dizendo, e eu a ouço respirando pesadamente. — Maureen acabou de me ligar.

— Quem é Maureen? — Pergunto, confusa, recostando-me na cadeira.

— A mãe de Anthony! — Ela grita. — Anthony ligou para ela e contou tudo.

— Esta é a sua lição para nunca mais me arranjar encontros, — digo a ela, rindo em vez de chorar. — Você nunca vai me arranjar encontros de novo.

— Defina nunca, — minha mãe opõe-se. — Quero dizer, não devemos descartar isso assim de imediato.

— Mãe, você me arranjou um cara que enviou outro cara em seu lugar, — eu observo. — Então, certamente isso significa que nunca mais irei a um dos seus encontros às cegas novamente. Nunca.

— Tudo bem, — ela finalmente diz, expirando, — mas isso não é culpa minha.

— Não é culpa de ninguém. Vamos apenas listá-lo como uma daquelas coisas engraçadas das quais vamos rir daqui a dez anos, — eu digo, recostando-me na minha cadeira.

— Você tem certeza de que está bem? — Ela pergunta seriamente. — Esse outro garoto... Ele não se aproveitou de você, não é?

— Mãe, — eu digo, rindo, — ele definitivamente não é um garoto, e não, ele não se aproveitou. Quando ele chegou ao Garden, eu tinha bebido dois, quase três martinis.

— Oh, meu Deus, — diz ela, ofegando em choque. — Você não se aproveitou dele, não é?

— Mãe! — Eu grito. — Pelo amor de Deus.

— Não é não, Laney. Homem ou mulher, — afirma.

— Ninguém se aproveitou de ninguém. Ele pagou a conta e me levou ao melhor restaurante mexicano que já estive. Eu tenho que te levar lá em breve, — eu digo a ela, e nós conversamos pelos próximos cinco minutos sobre o nosso almoço em família amanhã.

— Ok, eu tenho que ir e começar a me preparar. Sua tia Martha está chegando, e todas nós sabemos como ela é mal-intencionada, — ela me diz. Eu ri. Desde que ela se casou com papai, ela odiava a tia Martha. — Da última vez, eu a vi arrastando o dedo sobre a lareira procurando por poeira, aquela bruxa.

— Tenho certeza que ela não fez isso, — digo a ela, revirando os olhos.

— Ela fez, — diz minha mãe. — De qualquer forma, tenho que ir. Vejo você amanhã e se vista para impressionar.

— SEM ENCONTROS ÀS CEGAS, MÃE! — Eu grito, mas isso não importa desde que a linha emite um sinal sonoro. — Maldito inferno.

Levanto-me, pego minha bolsa e saio do consultório, trancando a porta atrás de mim. O sol já se pôs há muito tempo, e a noite caiu. Eu viro-me para descer os degraus e levo um susto quando vejo uma pessoa sentada no último degrau. — Hunter? — pergunto.

— Você sabe os perigos de uma mulher solteira andando no escuro em uma área deserta? — Pergunta ele, levantando-se.

— Eu não tenho ideia, mas tenho certeza que você sabe, — eu digo, cruzando os braços sobre o peito. — Eu não ia andar em lugar nenhum. Eu ia sentar na varanda e chamar um Uber.

— A cada quatro segundos, um roubo acontece, — diz ele, levantando-se. Com ele parado no degrau inferior, e eu em pé no degrau mais alto, estamos ao mesmo nível. — A cada dezenove segundos, um crime acontece.

— Ok, tudo bem, — digo a ele, mas ele não para.

— A cada vinte e nove segundos, alguém é agredido, — diz ele, inclinando-se um pouco mais para frente. Eu sinto o cheiro dele, seu cheiro amadeirado me cercando. Seus olhos, um cinza escuro agora que o sol se pôs. — A cada dois minutos e meio, ocorre uma agressão sexual.

— Ok, — eu digo, finalmente jogando minhas mãos para cima. — Tudo bem! — Eu grito. — Entendi. Cuidado com estranhos.

Ele balança a cabeça, tentando esconder o sorriso. — Sinto muito, — ele diz suavemente. — Podemos começar de novo? Meu nome é Hunter. Eu sou rude e condescendente.

— Você esqueceu irritante, — eu digo a ele, olhando para baixo e depois para cima. — Eu sou Laney, — eu digo, estendendo a mão, mas ele

não a pega. Em vez disso, ele agarra meu rosto em suas mãos e aproxima-se.

— Diga meu nome, Laney. — Sua voz é suave, e minhas mãos vão até sua cintura para me impedir de inclinar para frente.

— Hunter, — eu digo quase num sussurro, mas parece mais uma pergunta.

— Meu nome pode ter sido uma mentira, — diz ele, lambendo os lábios. Estou literalmente segurando minha respiração enquanto ele continua. — Mas nada do que fizemos foi uma mentira. A conversa na praia, o café da manhã, os trailers de comida.

— Eu deixei meu telefone em seu carro de propósito, — eu finalmente digo-lhe a verdade. Quando ele deu a volta no carro depois que saímos do restaurante de Guadalupe, tirei meu celular da bolsa e coloquei-o entre os assentos.

Seus lábios curvam-se em um sorriso, e embora eu não o conheça tão bem, sei que se as luzes estivessem acesas, seus olhos estariam brilhando. — Eu espiei seu Facebook e Instagram no meio da noite, — diz ele, e agora, eu sou a única que está surpresa.

Jogo minha cabeça para trás e rio, suas mãos caindo e indo para a minha cintura. Eu envolvo minhas mãos em volta do seu pescoço, me empurrando para frente. — Você estava fascinado por mim?

— Sim, eu acho que você pode dizer isso, — diz ele, e então o sorriso deixa seus lábios, seus dedos me segurando. — Hoje, enquanto você segurava minha mão, a única coisa em que eu conseguia pensar era beijá-la. Quando você pegou o seu polegar e colocou na sua boca, eu queria jogá-la por cima do meu ombro e arrastá-la para algum lugar que ninguém pudesse ver por que eu queria prová-la. A única coisa em que eu

conseguia pensar — sua voz fica baixa — era saboreá-la. — Ele não diz mais nada. Ele apenas inclina-se e, lentamente, bem lentamente, seus lábios encontram os meus. Meus braços ficam flácidos ao redor de seus ombros e minhas costas arqueiam-se em direção a ele. Meus lábios abrem e sua língua desliza para dentro. Eu gemo em sua boca enquanto nossas línguas se movem lentamente. Suas mãos nunca deixam meus quadris, e quando ele finalmente deixa meus lábios, estamos ambos sem fôlego.

— Você quer jantar comigo? — Ele pergunta, e eu apenas aceno quando ele se vira e pega a minha mão. Eu o sigo até o carro e, o tempo todo, o sorriso nunca sai do meu rosto.

Capítulo Oito

Hunter

Quando saí da clínica dentária, sentei-me no carro e repassei o dia todo na minha cabeça, sabendo que tinha fodido tudo.

Liguei o carro e saí do seu estacionamento, mas só consegui ao cruzamento da rua antes do meu carro virar e voltar. Desta vez, estacionei do outro lado da rua do prédio dela. Ela me pediu para sair, mas não me disse que eu não poderia segui-la ou me certificar que ela chegaria em casa em segurança. Eu observei a porta abrir e vi Anthony sair com o braço em volta dos ombros de Sandy e entrar no carro dela. A fúria me encheu por ele deixá-la sozinha e não se certificar de que ela chegasse em casa bem.

Peguei meu telefone imediatamente, ligando para ele. — Você está sentado do outro lado da rua, não é? — Ele responde ao telefone. — Olha, ela queria espaço, e eu sabia que você estaria à espreita nas sombras então...

— Ela me odeia, — eu digo, observando a porta o tempo todo. — Você me deve.

— Acredito que paguei na íntegra, — diz ele, rindo.

— Como você acha isso? — Eu pergunto a ele.

— Eu vi o jeito que você olhou para ela. Eu não vi corações em seus olhos antes. — Ele ri e eu reviro os olhos. — Combina com você.

— Eu não tenho corações em meus olhos, — digo a ele, desligando na sua cara e cortando sua risada.

Eu fico no carro até o sol se pôr. Vendo que as luzes de seu consultório estão apagadas, saio do carro e atravesso a rua para me sentar em seus degraus. *Eu só vou me certificar que ela está bem*, continuo dizendo a mim mesmo. É só para ter certeza de que ela está segura.

Eu não estava esperando que ela saísse quando o fez, e não estava esperando que ela me desse uma chance para explicar. Eu não esperava que ela concordasse em jantar comigo. Eu passei pelo Five Guys[6]* para pegar hambúrgueres e, em seguida, voltei para seu condomínio. Exceto que quando chegamos lá, saí e abri o porta-malas para pegar um cobertor. Entreguei a ela o cobertor enquanto ela me olhava confusa. Com a comida em uma mão, minha outra mão agarrou a dela e eu atravessei a rua até a praia. Nós caminhamos pela praia mal iluminada até que estávamos quase no mar.

— Segure isso. — coloco o saco de comida em suas mãos, pegando o cobertor e abrindo-o na areia. — Eu sei que isso não era o que você estava esperando, mas... — Eu começo a dizer, e ela sorri.

— Eu amo piqueniques na praia, — diz ela, abaixando e soltando os sapatos. Ela pisa no cobertor e senta-se de pernas cruzadas. Ela põe a mão na sacola e pega um hambúrguer embrulhado em papel alumínio. — Seu número dois, — diz ela, entregando-me meu hambúrguer e depois pegando o dela. Ela rasga a sacola marrom ao meio e derrama as batatas fritas sobre ela. Nós comemos enquanto falamos sobre a comida que experimentamos hoje.

— Então, aquele era Anthony? — Ela diz, olhando para mim quando termina seu hambúrguer e faz uma bola de seu invólucro.

[6] Five Guys é uma rede de fast food, focada em lanches.

— Aquele era Anthony, — digo a ela. — E aquele era seu encontro do Tinder.

— Oh, Sandy é a melhor cliente do Tinder. — Ela ri e estica as pernas na frente dela, inclinando-se para trás em seus braços.

— Oh, eu não penso assim, — digo, colocando meus pés para fora e cruzando-os nos tornozelos. — Anthony tem muito orgulho em deslizar a torto e a direito.

Ela ri, jogando a cabeça para trás e eu olho para ela. — Hoje foi um dia legal, — diz ela, — menos todo o fiasco do balanço erótico.

— Bem, se ele não tivesse quebrado o dente, eu ainda estaria tentando descobrir como dizer o meu nome verdadeiro, — digo, olhando para baixo e vendo-a bocejar. — Vamos te levar para casa, — eu digo, levantando e pegando o saco de lixo. Ela se levanta, limpa a calça e depois se inclina para pegar o cobertor, sacudindo-o e dobrando-o.

Eu a levo escada acima, parando na frente da porta dela. Ela pega as chaves e vira-se para mim. Eu me inclino para frente e a empurro contra a porta, minhas mãos em cada lado da sua cabeça. — Você quer almoçar amanhã? — Eu pergunto enquanto inclino-me mais perto dela, nossos rostos quase se tocando.

— Vou almoçar com minha família, — diz ela, colocando as mãos no meu peito. Eu sinto o calor penetrando no algodão. — Você quer ir? — Ela pergunta sem fôlego.

— Claro, — eu digo, e nem eu acredito na palavra que saiu da minha boca. Mas depois de ver o sorriso que ela me deu quando falei, eu faria isso de novo e de novo. Eu me inclino para frente, ouvindo-a ofegar uma vez e depois prendo a respiração. Lambo meus lábios, olhando em seus olhos, e então lentamente abaixo meus lábios nos dela. Suave, doce,

perfeito. Eu dou um passo para trás antes que a de beije profundamente, antes de colocar minhas mãos em seu rosto e devorá-la, ou chutar a porta aberta e literalmente provar cada centímetro dela.

— Tranque, — digo a ela, observando seu peito subir e descer. Ela ergue a mão segurando as chaves e coloca no meio do peito. — Me ligue mais tarde.

Eu me viro para ir embora e ouço sua voz. — Você não me deu seu número.

Um degrau abaixo, com a minha mão no corrimão, olho para ela, sorrindo. — Verifique seus contatos. — Eu pisco para ela e desço as escadas antes que ela veja que meu pau está pronto para sair e brincar.

Eu ouço sua porta bater antes de entrar no carro, então ligo e me dirijo para casa. O telefone toca e eu pressiono o botão de atender na tela. — Olá?

— Sério? — Sua voz enche o carro. — Você se nomeou como serial killer. — Ela ri, e eu ouço armários batendo.

— Oh, você descobriu isso, não é? — Eu digo, rindo, então ouço os copos tinindo. — O que você está fazendo?

— Estou descarregando minha máquina de lavar louça, — diz ela e depois para de falar e fazer barulho. — Então, escute, sobre amanhã, eu sei que conhecer os pais depois de dois encontros é loucura, então vou livrá-lo disso.

— Laney, — digo, entrando na minha rua, — somos dois adultos namorando. Isso aconteceria eventualmente.

— O quê? — Ela sussurra, e eu continuo falando para que ela não diga mais nada.

— A que horas é o almoço amanhã? — Pergunto a ela, pegando meu telefone e mudando para o Bluetooth.

— É a uma, — diz ela, e agora a ouço movendo-se ao redor. — Eu costumo chegar lá ao meio-dia.

— Ok, então a que horas eu devo estar em sua casa? — Pergunto a ela, entrando na minha casa, o ar frio me batendo.

— As onze e trinta é o suficiente, — diz ela.

— Ok, estarei aí então, — eu digo, caminhando para a sala e sentando no meu sofá. — Você trancou?

Eu a ouço exalar. — Acredite ou não, — ela começa, — eu tenho feito muito bem sem você.

Eu rio alto. — Sim, eu vi isto.

— Ok, eu vou desligar agora, — diz ela, bufando. — Te vejo amanhã.

— Tranque, — eu lhe digo, e ela desliga. Levanto-me do sofá e subo as escadas repetindo exatamente o que fiz ontem, mas desta vez, quando durmo, durmo a noite inteira.

Então agora eu estou no meu armário na manhã seguinte, bebendo meu café enquanto escolho uma roupa para conhecer a família de Laney. Acho que nunca fiz essa coisa de “conhecer os pais”. Quer dizer, talvez eu tenha feito no baile de formatura, mas fora isso, eu nunca fui por esse caminho. Especialmente com minha família.

Eu pego minha calça azul com uma camisa azul-bebê e depois um cinto marrom com sapatos combinando. Eu enrolo as mangas até os cotovelos e corro minhas mãos através do topo do meu cabelo, empurrando-o para trás. Entro no carro e paro na floricultura no caminho. Entrando, olho em volta para todas as flores diferentes. Meus olhos param em um buquê de rosas brancas.

— Como posso ajudá-lo? — A mulher atrás do balcão de madeira me pergunta.

— Posso ficar com aquele buquê lá? — Eu aponto para ele.

— Eles têm duas dúzias de rosas, — ela me diz, virando para agarrá-lo.

— Isso deve ser bom, — eu digo a ela, entregando-lhe o meu cartão.

Ela concorda e vira-se para a mesa atrás dela para envolvê-los em celofane transparente. Eu os pego dela e vou até Laney.

Subindo rapidamente os degraus até o apartamento dela, bato na porta. Quando ela abre, minha boca de repente fica seca. Se eu achei que os pijamas de seda rosa eram sensuais, hoje ela parece uma deusa do sexo. E ela está completamente vestida.

Ela está na minha frente com as laterais do cabelo loiro amarrado para trás hoje. Usando uma camisa solta com ombros de fora, de mangas longas, por dentro de uma saia que termina no meio da coxa. As mangas estão amarradas no pulso e ela usa um monte de braceletes.

Meus olhos percorrem seu corpo, passando por suas pernas assassinas, até as sandálias de penas roxas que cruzam seus dedos e estão amarrados em seus tornozelos. — São penas? — Eu pergunto, olhando para as sandálias dela, e de repente, estou pensando nela usando nada além dessas sandálias enquanto eu pego-a contra a parede.

— Essas flores são para mim? — Ela pergunta com uma risada. Olho para cima e depois de volta para a minha mão. Com uma sacudida de cabeça, eu estendo a mão, dando-lhe as duas dúzias de rosas que comprei para ela.

— Obrigada, — diz ela, agarrando-as. Ela vira-se e caminha até a cozinha, pega um vaso vazio, enchendo-o de água. — Cheiram tão bem, —

diz ela, inclinando-se e cheirando-as. Eu não posso fazer nada além de olhar para ela. Ela é realmente uma beleza natural. Quase não usa maquiagem, e eu amo isso nela. Que eu possa colocar minhas mãos no rosto dela sem que metade manche minhas mãos é tudo.

— Você está linda, — eu finalmente lhe digo. Ela pega sua bolsa do balcão, parando na minha frente. O perfume cítrico me enche, acordando meu pau.

— Você também não está mal, — ela me diz, ficando nas pontas dos pés. Minha mão sobe e cobre seu pescoço, trazendo-a para mais perto. Seu sorriso ilumina seus olhos azuis e me inclino e beijo seus lábios. Desta vez, eu pressiono um pouco e minha língua esgueira-se e mistura-se com a dela. — Nós precisamos ir, — diz ela, uma vez que deixo seus lábios.

Eu assinto para ela e saímos de mãos dadas. Enquanto vejo-a trancar a porta, digo: — Você precisa de um alarme, — e ouço-a gemer. — Eu tenho que repassar as estatísticas novamente? — Pergunto a ela quando descemos as escadas. Eu ando até o lado do passageiro e abro a porta para ela.

Ela para na minha frente. — Por favor, pelo amor de Deus, você pode moderar o 'todo mundo está esperando para ser morto ou roubado'? — Ela diz, beijando meus lábios e entrando. — É uma coisa boa que você é gostoso, — diz ela, e eu rio, fechando a porta. Dando a volta, eu deslizo para o lado do motorista.

— Eu nunca disse 'todo mundo', — digo a ela, fechando a porta e ligando o carro. — Eu estou dizendo que você precisa estar ciente do perigo à espreita em torno de você. — Coloco meus óculos de sol e olho para ela.

— Como eu disse. — Ela afivela-se. — Modere a coisa do perigo desconhecido na frente da minha mãe, por favor.

— Tudo bem, — digo a ela. — Eu entendo isso como se estivéssemos adiando essa conversa para outra hora. — Dou as costas para a porta e a olho, e ela copia minha postura.

— Se isso fizer você calar a boca, então nós vamos adiar o papo louco para outra hora, — ela me diz, sorrindo.

— Consegui o que quero de novo. — Eu pisco para ela. Perguntando-lhe pelo endereço dos pais, digito no GPS e avanço. Eu dirijo para a casa dos pais dela enquanto ela fala.

— Minha tia Martha estará lá, — diz ela. — Ela é casada com o irmão do meu pai e ela e mamãe são como óleo e água. Os irmãos deixam-nas em paz, ou, como dizem, a família é mais densa que a água. Então, as ocasiões são memoráveis. Desde que me lembro, elas sempre bateram cabeças.

— Ok, — eu digo, olhando para ela.

— Minha mãe não se dá bem com ela, então porque estamos namorando — ela se vira para olhar para mim — você está no time dela.

— Existem times? — Eu pergunto a ela. Eu nunca conheci a família de outra pessoa antes, então não sei se isso é realmente importante. — Temos uniformes e tal?

— Não, não tem, — ela ri — mas eu sou filha dela. Portanto, estou no seu time, e você está comigo, então você a leva por padrão. — Ela bate as palmas das mãos. — Ei, você. — Ela sorri para mim. — Você não está feliz por ter dito sim?

Eu concordo. — Faz sentido, — eu digo enquanto nos aproximamos da casa, e eu estaciono. — Merda, eu deveria ter comprado flores para sua mãe. — Eu olho para ela.

Laney solta uma risada. — Oh, que homem bobo. — Ela balança a cabeça e estende a mão pondo-a na minha perna. — Você vai comparecer a um almoço em família num domingo, — ressalta. — Você sabe a alegria que ela vai sentir nesse momento? — Eu balanço minha cabeça, não tendo certeza sobre nada disso. Quer dizer, eu sei o que minha mãe estaria fazendo: certamente dando piruetas. — Ela vai começar a planejar nosso casamento antes de voltarmos para o carro.

— De jeito nenhum, — eu digo, abrindo a porta e saindo para encontrar Laney no seu lado da rua. — Você está brincando, certo? — Eu lhe pergunto, e ela dá de ombros para mim. Pego a mão dela enquanto subimos a entrada da garagem até a casa. Arbustos alinham o caminho até a entrada.

É uma casa de dois andares com tijolos marrons. Subimos os quatro degraus até a porta da frente vermelha e ela entra. Ouvimos risos vindos de algum lugar dentro da casa. Então eu ouço um menino gritar: — Você afundou a bola oito.

— Eu acho que os filhos do meu primo estão aqui. Eles devem estar lá embaixo jogando sinuca. — Passamos pela entrada, ela caminha para a esquerda e entramos no que parece ser um escritório. Sofás de couro marrom de frente a uma lareira, e prateleiras embutidas estão por toda a sala. Olho rapidamente, vendo algumas fotos da família. Ela caminha até o lado onde fica uma escrivaninha de madeira, e coloca a bolsa nela, virando para mim e sorrindo. — Vamos enfrentar os lobos? — Ela ri, caminhando mais para dentro da casa. A escadaria à nossa frente vai para a

esquerda. Um carpete corre no meio de cada degrau, e fotos de família decoram a parede que leva ao andar de cima. As fotos têm molduras diferentes e vão desde quando Laney era bebê até agora.

— O seu quarto fica lá em cima? — Eu pergunto a ela com um sorriso, de repente, querendo saber tudo sobre ela.

— Sim, — diz ela, puxando-me, e passamos pela sala de jantar que já está pronta para a nossa refeição. A mesa marrom tem jogos americanos e pratos brancos preparados. Eu vejo um corredor que leva a esquerda. — Esse é o quarto principal. — Ela aponta para ele e, em seguida, aponta para uma porta branca aberta, de onde as vozes das crianças ainda estão vindo. — Essa leva ao porão.

Entramos na sala de estar, onde uma enorme televisão de tela plana, passando um jogo de futebol, paira sobre a lareira.

— Ei, todo mundo, — diz Laney.

Um homem sentado no sofá felpudo longo e grosso olha e sorri. — Ei, cupcake, — diz ele, erguendo a mão, mas sem levantar-se.

O outro homem sentado no pufe levanta-se e vem até ela. — Laney, — diz ele baixinho, chegando até ela e tomando-a em seus braços. — Você está linda, — diz ele, beijando sua bochecha enquanto segura os braços dela em suas mãos.

— Papai, — diz ela, olhando para ele, — este é Hunter. Hunter, este é meu pai, Gary.

Estendo minha mão. — Senhor, é um prazer conhecê-lo.

— Por favor, me chame de Gary. — Ele sorri para mim. — Aquele é o meu irmão, Norman. — Ele aponta para o cara que não se incomodou em se levantar.

Eu ando até ele e estendo minha mão, assentindo. — Prazer em conhecê-lo, — eu digo enquanto ele aperta minha mão e depois volta para o jogo.

— Vá se certificar de que sua mãe não matou sua tia, — diz Gary em voz baixa.

Andamos pelos sofás até o corredor que leva à cozinha. Eu olho em volta, assimilando a maior cozinha que já vi na minha vida.

Os armários pretos cobrem todo o cômodo, e tem a forma de U. Balcões brancos ao longo das três paredes. Uma enorme ilha branca fica no meio do ambiente com uma pia ao lado dela que fica em frente de outra pia sob uma janela. Uma pilha de pratos está em um lado da ilha, e três cestas de pães estão ao lado dela.

— Estão limpos? — Eu ouço uma mulher com cabelo encaracolado curto perguntar, segurando a porta do armário. Ela está esticando-se para pegar um e, em seguida, o tira, soprando dentro dele.

— Martha, tudo em meus armários está limpo. — Eu ouço uma mulher dizer enquanto tira algo do forno e coloca-o em cima do fogão. Eu sei imediatamente quem é a mãe de Laney, mesmo sem ela dizer o nome de Martha. Ela é da mesma altura de Laney. Seu cabelo é um pouco mais curto, mas são muito parecidos.

— Querida, — diz Gary, e ela se vira para nos olhar e sorri. Ela caminha até nós, tirando as luvas que estava usando para retirar o prato quente e as coloca na ilha.

— Oh, olhe para você, — ela diz, vindo até mim e me abraçando. — Você é tão bonito. — Ela vira-se para Martha. — O namorado de Laney não é bonito? — Ela pergunta, segurando meu braço.

Eu olho para Martha, e ela está me olhando da cabeça aos pés, balançando a cabeça e murmurando. — Hunter, esta é minha mãe, Corina, — diz Laney, e eu olho para ela.

— Senhora, — eu digo, e ela ri.

— Não me chame de senhora, — diz Corina. — Eu vou te dar umas palmadas por me dizer isso. — Eu pressiono meus lábios, tentando não rir quando ela vira-se para Laney. — É assim que você diz isso? Palmadas? Eu usei certo?

— Sim, — diz ela, pressionando seus próprios lábios. Balançando a cabeça, ela vai até sua tia Martha e beija-a na bochecha para dizer olá. — Cheira incrível. O que você fez? — Diz Laney, indo até o fogão.

— Ensopado de carne, — diz ela. — Está quase pronto. Eu estou apenas deixando esfriar um pouco. Por que não apressamos todos para a mesa? Martha — ela olha para a cunhada — tire as crianças do andar de baixo.

— Onde está Rebecca? — Laney pergunta sobre sua prima, a filha dela.

— Todd levou-a para um fim de semana romântico para comemorar sua grande promoção no trabalho, — diz Martha, sorrindo. Ela caminha até a porta e grita lá embaixo: — A comida está pronta, venham e lavem suas mãos!

Corina revira os olhos. — Cadela, — ela murmura bem baixinho. Eu tento não rir e observo tudo, quando duas crianças aparentando nove ou dez anos entram. Ambos têm cabelos castanhos e olhos castanhos e parecem gêmeos, mas um é mais alto que o outro.

— Ei, Laney, — diz um dos rapazes, aproximando-se dela e abraçando-a. Ela o abraça e beija o topo de sua cabeça enquanto o aperta.

— Justin, — diz ela, olhando para aquele em seus braços e para o outro, que está na pia lavando as mãos. — Este é Hunter, — diz Laney para eles, e eles olham para mim. — Esse é Colton, — diz ela.

— Ooohhh, Laney tem um namoraaaado, — diz Justin. Laney empurra o garoto para longe e ele parece chocado.

— Eu troquei sua fralda quando você era bebê, e eu tenho fotos, — diz ela, e ele encolhe os ombros e vai embora, mas não antes de pegar um pedaço de pão. Ela caminha até mim e eu coloco meu braço em volta do ombro dela, beijando sua cabeça.

— Você realmente tem as fotos no seu telefone? — Eu sussurro, inclinando-me para ela. — Você sabe que é considerado pornografia infantil.

Ela revira os olhos. — Eu não tenho as fotos. Eu apenas os ameaço. — Ela me empurra e aponta para mim. — E se você começar com as leis e tudo mais, eu juro por Deus... — Eu sorrio para ela, e estou prestes a inclinar-me e beijá-la quando sua mãe grita.

— Vamos comer! — Sua mãe grita, entrando da sala de jantar. — Hunter, você pode trazer as cestas de pães para mim?

— Claro, — digo a ela, e ela se vira para Laney.

— Você pode pegar o vinho branco da geladeira? — Diz ela, e Laney vai para a geladeira, abrindo-a e pegando duas garrafas. Indo para o balcão e caminhando até as gavetas, ela pega o saca-rolhas. — Isso é para Martha, — ela diz baixinho, distribuindo o ensopado de carne em dois pratos profundos. — Se a rolha quebrar, não faz mal. — Ela encolhe os ombros, pegando uma tigela cheia e virando-se para voltar para a sala de jantar, enquanto eu a sigo. — Coloque uma cesta em cada extremidade e

depois uma no meio, — ela me ordena, e vejo que Norman e Gary já estão sentados.

Gary está na cabeceira da mesa e Norman está ao lado dele. Justin se senta ao lado de Norman e Colton senta do outro lado de Gary. — Tem um cheiro incrível, — Norman diz, olhando para a tigela que ela acabou de colocar na frente dos homens.

— Corina, — diz Martha, entrando na sala de jantar, — Eu acabei de jogar a toalha que estava no lavabo na máquina de lavar porque cheirava a mofo, — diz ela, e seu rosto faz uma careta. — Tão ruim.

Corina endireita-se ao meu lado, e eu olho para as mãos dela para ver se ela tem alguma arma ou qualquer coisa que possa usar como arma. — É a toalha branca com os quadrados na parte inferior?

— Sim, — diz ela, indo para o seu lugar ao lado de Justin.

— Oh. — Corina ri. — É a sua toalha com a qual Justin entrou quando chegou aqui. — Agora é a vez de Corina fazer uma careta. — Pode ser sua lavadora. — Ela vai para a cabeceira da mesa, colocando a mão na cadeira vazia em que se senta. — Você sabe, agora que penso nisso, você cheirava um pouco engraçado quando entrou.

A expressão de Martha desmorona, e Justin inclina-se e cheira sua avó, que olha para ele e puxa a mão para trás.

— Eu cheiro bem, — diz ela quando Justin inclina-se e cheira seu avô do outro lado.

— Vovô cheira estranho, — diz ele, e Laney finalmente sai da cozinha.

— Aqui está o vinho, — diz ela, colocando-o na frente de Martha e depois caminhando para o outro lado para colocar uma garrafa na frente de seu pai. Ela deve sentir algo e apenas olha para todos. — Vamos

comer? — Ela diz. Apontando para a cadeira ao lado de Colton, ela diz: — Você pode sentar-se aqui. — Eu pego minha cadeira e ela senta-se ao meu lado. Sua mãe volta para a sala com a segunda tigela de ensopado.

Ela senta-se à cabeceira da mesa no meio de Martha e Laney. — Gary, sirva as crianças e seu irmão, — diz Corina, e quando ele agarra a tigela ao lado dele, ela pega a tigela na frente dela. — Martha, diga-me quando parar, — diz ela, servindo-lhe uma colherada. Quando seu prato está quase cheio, Marta a manda parar, então ela faz o mesmo com Laney, e então Laney faz meu prato.

— Podemos comer agora? — Colton pergunta, seus dedos batendo ao lado de seu prato cheio.

— Sim, — diz Martha, e todos nós começamos a comer. — Então — Martha olha para mim em meio as mordidas — em que você trabalha? — Eu olho para ela e depois olho para baixo. Eu não digo nada quando ela grita de novo. — Oh, me desculpe. Você não trabalha? — Ela diz, quase sorrindo e pronta para olhar para Corina.

Eu ri um pouco. — Eu trabalho, — eu digo, e de repente, sinto todos os olhos em mim, e não estou errado. Olhando para cima, vejo que todo mundo está olhando para mim. — Eu tenho uma empresa de segurança, — eu digo.

— Oh, — diz Norman, — como a ADT[7] e tal? Eu acho que vejo seus anúncios na televisão.

Eu discordo. — Não, quero dizer, eu tenho uma empresa de segurança privada, — eu digo e vejo suas sobrancelhas franzirem. — Nós lidamos com funcionários públicos quando eles vêm à cidade, ou quando

[7] ADT é uma empresa que fornece sistemas de alarme eletrônico para empresas e residências.

há uma celebridade de grande visibilidade visitando a cidade, nós fazemos sua escolta.

— Você tem uma arma? — Colton me pergunta, seus olhos arregalados.

— Sim, — eu respondo honestamente.

— Você a tem aí com você? — Justin pergunta.

— Ah. — Eu olho para eles e seus olhos ficam enormes. — Não, — eu minto.

— Você já atirou em alguém? — Ambos perguntam ao mesmo tempo, e eu apenas assinto.

— Eu estive em duas missões nas forças armadas, — eu digo a eles, e eu realmente espero que alguém mude de assunto logo. Minha perna começa a saltar para cima e para baixo enquanto me sento à mesa.

— Bem, agradecemos pelo seu serviço, — diz Corina, e eu apenas aceno, grato quando a conversa avança para a política. Eu não contribuo com nada, apenas como minha refeição.

Eu não falo muito e apenas ouço. Laney inclina-se, sussurrando em meu ouvido: — Você realmente tem uma arma com você?

Eu viro-me e sussurro: — Se você encontrá-la, pode ficar com ela. — Eu pisco para ela.

Ela ri e olha para mim de cima a baixo, usando a mão para esfregar minhas costas. Eu rio quando me levanto para ajudar a limpar, e ela vem e agarra minha cintura, esfregando a mão em torno dela. — Nada aí, — eu digo, rindo, enquanto ando até a cozinha com os pratos. Sua mãe está na pia, enxaguando os pratos e colocando-os na lava-louças. — Você gostaria que eu terminasse? — Eu pergunto-lhe, e ela apenas balança a cabeça e inclina-se para mais perto de mim.

— Não, porque se eu não estiver fazendo isso, terei que sentar à mesa com Martha, — diz ela, piscando. — Eu ainda não digeri minha comida.

Eu aceno com a cabeça. — Entendi, — eu digo, colocando os pratos no balcão, depois me virando para sair. Quando vejo Laney voltar com pratos em suas mãos, eu os pego e viro para colocá-los no balcão, quando olho para baixo e a vejo tentando sentir meu tornozelo. — Nem mesmo perto.

— Agh, realmente? — Ela diz, levantando-se, e então ela dá um tapinha no meu peito. Da esquerda para a direita, ombro a ombro, descendo. — Você está bem? — Ela pergunta enquanto olho para ela, e apenas aceno com um sorriso enquanto volto para a sala de jantar para ajudar a limpar a mesa.

No momento em que deixamos os pais dela com abraços e prometemos visitá-los em breve, ela apalpou toda a metade superior do meu corpo e os dois tornozelos. Entramos no carro e me afasto do meio-fio. — Isso está me matando, — diz ela, frustrada, batendo as mãos no colo. — Você tem uma arma?

— Sim, — eu digo a ela honestamente, — e eu também tenho uma licença para carregá-la.

— Oh, meu Deus, — diz ela com os olhos abertos e a boca também. — Está na sua virilha? — Ela pergunta com um suspiro. — Tipo perto do seu pau? — Diz ela com a mão como se estivesse espetando coisas no ar.

Nós dois rimos enquanto dirijo de volta para a casa dela. — Você quer subir para o café? — Ela me pergunta. — Quero dizer, se você não está ocupado e não tem outros planos.

— Eu adoraria, — eu digo, estacionando o carro e saindo. Eu seguro sua mão enquanto subimos e ela destranca a porta. Entramos e ela joga a bolsa no balcão. Então ela entra na cozinha.

— Você realmente quer café? — Ela me pergunta, e eu olho para ela.

— "Você quer café" era código para "vamos subir para que eu possa te dar uns amassos e ver onde você guarda sua arma"? — Eu brinco, caminhando até ela.

Ela coloca as mãos nos quadris. — Ah, não, — diz ela, e eu levanto uma sobrancelha, olhando para ela. — Ok, tudo bem, era, mas eu não ia te dar uns amassos. Eu ia derramar o café em suas calças e ver quando você as tirasse.

Eu suspiro, colocando minhas duas mãos na minha genitália. — Você ia queimar meu pau? Que tipo de monstro doente você é? — Pergunto, e ela joga a cabeça para trás e ri. Seu pescoço me chama, e não perco um segundo a mais antes de atacá-la. Ela não tem a menor chance, e quando finalmente saio do seu apartamento, ela certificou-se de verificar que não havia armas na área da minha virilha. Sorrio o tempo todo enquanto dirijo, e ainda estou sorrindo no dia seguinte, quando entro no trabalho.

Indo para o meu escritório, largo minhas chaves e óculos de sol e ligo meu computador. Depois de pegar as pastas, vou até a cozinha e começo a fazer café. Abro a geladeira para tirar o creme e adicioná-lo ao meu café. Recolhendo minha caneca, pego-a e desço as escadas. Os sons das unhas de Rachel no teclado me permitem saber que ela já começou às tarefas esta manhã.

— Bom dia, — eu digo, sorrindo, e ela me olha, sorrindo e inclinando-se para trás em sua cadeira.

— Bom dia para você também, Romeo. — Ela bufa quando olho para ela com uma sobrancelha levantada. — Oh, não fique todo tímido comigo agora.

— Eu não tenho ideia do que você está falando, — eu digo, trazendo a caneca quente aos meus lábios e queimando minha língua com o primeiro gole.

— Oh, ok, é assim que você quer jogar? Tudo bem, — ela diz. Ela clica em algumas teclas e depois vejo a mudança na tela grande. Estou prestes a olhar quando Dante e Brian entram na sala.

— Bom dia, — diz Dante, e Rachel rapidamente o cala.

— Como eu estava dizendo, — diz ela, olhando para a tela cheia.

— Senhores, mostro-lhes a evidência número um. Seu alarme esteve ligado todo o fim de semana, só desarmado quando você chegou em casa para dormir.

— Então? — Eu pergunto a ela.

— Então, se você verificar isso, — diz ela, pressionando mais um par de botões. — Esta é a atividade em sua casa no mês passado. Você verá o mesmo padrão de segunda à sexta-feira, mas sábado e domingo são muito diferentes. Você vê, no mês passado, a única vez que você ligou o alarme foi quando estava indo para a Whole Foods ou para a academia.

Eu reviro meus olhos. — Eu não faço compras no Whole Foods, — eu a informo, e então Dante solta uma risada quando olha para mim com os braços cruzados sobre o peito.

— Você teve sorte, — diz ele, agora batendo palmas.

— Por que todos estão batendo palmas? — Eu ouço Anthony dizer, entrando na sala.

— Que diabos aconteceu com você? — Brian pergunta quando Anthony sorri, e se nota o dente da frente faltando.

—Balanço erótico, — diz ele, indo para uma cadeira no canto, em seguida, olha para Rachel. — Eu tenho uma consulta no dentista as duas hoje. Você pode se certificar de me lembrar?

— Perdão, — diz Dante, — um balanço erótico tirou o seu dente da frente?

— Não, — ele diz e depois olha para nós. — Bem, tipo isso. Era um daqueles portáteis que você pendura em um batente de porta. Vocês sabem do que eu estou falando, certo? — Ele olha para cada um de nós enquanto todos negamos.

— Eu não tenho ideia do que diabos você está falando, — diz Dominic, respondendo por todos nós.

— De qualquer forma, eu subi, e ela subiria a bordo pelo suporte, e bem, quando ela estava se aproximando, ele quebrou, e como minhas mãos estavam nos arreios, eu não consegui bloquear meu rosto, e caiu na minha cara. Eu tive muita sorte que foi apenas o meu dente, e não quebrei meu nariz.

— Seu nariz parece quebrado para começar, — diz Dante ao mesmo tempo em que Rachel engasga.

— Oh, meu Deus, — diz Rachel, — quando acho que já ouvi tudo vindo de você, então bum, você entra e me deixa completamente sem palavras novamente.

Ele acena novamente. — De nada. — Ele olha por cima do meu ombro para a tela. — O que estamos estudando?

— Padrão do alarme de Hunter, — diz Dante. — Aparentemente, é estranho.

— Isso não foi o que eu disse, — Rachel adverte. — Eu disse que era um comportamento anormal.

Dante revira os olhos. — Como eu disse... estranho.

— Não é estranho, — eu esbravejo. — Agora, podemos esquecer e seguir em frente?

— Espere, — diz Anthony, — estamos falando de você pegando meu encontro às cegas?

— Eu não peguei ninguém, — eu digo para eles quando todos engasgam em choque. — E cuidado com a boca. — Eu aponto para ele.

— Oh, Hunter tem uma namorada, — diz Rachel. — Ela é fofa?

— Eu não vou responder isso, — eu digo ao mesmo tempo em que Anthony diz: — Ela é gostosa pra caralho.

— Espere um segundo, — diz Brian. — Ela era o encontro às cegas de Anthony, e você a pegou? — Ele balança a cabeça. — Jesus, amigos antes das vadias.

— Ela não é uma vadia, — eu digo com os dentes cerrados.

— Ele está apaixonado, — diz Dante. — Eu nunca pensei que veria o dia, mas...

— Oh, pelo amor de Deus, podemos parar com as fofocas do ensino médio e trabalhar por aqui? — Eu digo. Agarrando meu café e subindo as escadas, deixo os quatro rindo e gritando. Quando entro no meu escritório, meu telefone toca na minha jaqueta, então eu tiro e o sorriso se forma.

Obrigada pela rosa. Tenha um ótimo dia.

É de Laney. Esta manhã, a caminho do trabalho, parei na floricultura e comprei-lhe uma única rosa. Deixei-a no para-brisa com uma nota desejando um bom dia.

Estou prestes a responder quando ouço a voz de Anthony explodir no alto-falante do interfone. — Isso, meu amigo, é o olhar do amor.

Eu olho para a câmera no canto do meu escritório e dou o dedo. — Vá se foder, — eu digo e volto para responder a Laney.

Meu dia só pode melhorar se eu te ver de novo.

Eu não tenho que esperar muito antes que ela me responda.

OK!

Capítulo Nove

Laney

— Então, quais são seus planos neste fim de semana? — Minha higienista oral, Teressa, me pergunta quando o último paciente sai do consultório na tarde de sexta-feira.

— Eu não acho que temos planos concretos. — Eu sorrio quando ela se vira para colocar nossas ferramentas no esterilizador.

Ela ri. — Você acha que o homem que para em uma loja de flores todas as manhãs e deixa uma rosa para você não tem planos? — Diz ela, apontando para o pequeno buquê de rosas que eu coloquei em um dos gabinetes.

— Ok, tudo bem. — Eu reviro meus olhos. — Vamos fazer um piquenique na praia, — digo a ela. — Estamos só esperando para ver a previsão do tempo.

— Oh, isso soa romântico, — diz ela, sorrindo, e eu apenas aceno. — E ouvi dizer que ele é gostoso pra caralho, — diz ela, fechando a porta do esterilizador.

Minhas sobrancelhas franzem. — Quem te disse isso?

— Sandy, quando chegou segunda-feira com seu homem, — diz ela, e eu aceno, lembrando-me de quando ele veio.

Eu balanço minha cabeça, pensando em como esta semana inteira foi como nenhuma outra.

Todo dia eu saio e há uma rosa no meu carro com uma pequena nota, seja ele me desejando um bom dia, ou dizendo o quanto gostou na noite anterior. Eu sempre sorrio, levando a rosa ao nariz e sentindo o seu

frescor. Ele teve que trabalhar alguns dias esta semana, mas quando não trabalhou, passamos juntos. Seus beijos me deixam sem fôlego; Seus abraços me fazem sentir segura.

— Bem, eu nunca vi você assim, — diz ela e sai da sala. Ao entrar no meu consultório, penso *que* nunca me vi assim antes. Eu também nunca me senti assim antes, e não posso deixar de pensar que é um pouco estranho sentir tanto assim, tão rápido.

Fechando o consultório e caminhando até meu carro, ligo o rádio e dirijo para casa. Meu telefone toca na minha mão antes de eu colocá-lo para baixo. — Olá.

— Ei, linda. — Eu sorrio quando ouço sua voz, e todos os pensamentos, dúvidas e perguntas simplesmente desaparecem. Eu vivo esse momento. Eu quero viver esse momento. Eu não quero analisar demais o que quer que seja essa coisa.

— Ei, você, — eu digo, a chamada muda para o Bluetooth enquanto dirijo para casa.

— Entãããão... — Ele prolonga a palavra. — Eu estava pensando que talvez pudéssemos jantar na minha casa, — diz ele.

— Sério? — Eu digo, sorrindo. — Eu estava imaginando se você teria uma casa ou uma bat caverna?

— Bat caverna autêntica, — diz ele, — mas Alfred limpou e reformou.

— Bem, então, se ele teve todo esse trabalho — eu rio — como eu poderia dizer não?

— Eu poderia passar por aí e buscá-la, — diz ele e, em seguida, sua voz abaixa. — Talvez você possa passar a noite?

Eu rio. — Esta é a sua maneira de me dizer que você quer fazer sexo comigo? — Meu estômago está dando cambalhotas e saltos mortais, minha vagina acordando do nada.

— Não, — ele diz em voz alta. — Quero dizer, eu gostaria, não me interprete mal, mas só quis dizer que podemos jantar, beber um pouco.

É a minha vez de lhe dar o troco. — Você sabe os perigos de beber? — Eu digo a ele, e ele dá gargalhadas.

— Muito engraçado. Pode me informar sobre todos os perigos, se quiser, mas que tal eu passar aí em trinta minutos e você pode me dizer?

— Tudo bem, — eu concordo, — mas pode ser uma hora? Ainda não estou em casa e gostaria de tomar banho.

— Sim, uma hora está bem, — diz ele. — Vejo você então. Dirija com segurança.

Corro para casa e ligo para Sandy enquanto atiro minha mala na cama. Olho para ela e percebo que é a mesma mala que eu levava para a casa de Trevor e, de repente, eu a odeio. Pego a mala e lanço-a de volta no armário. — Olá, querida, — diz ela, atendendo ao telefone depois de dois toques. — O que está rolando?

Eu coloco o telefone no alto-falante enquanto vasculho o armário em busca de outra mochila. — Quanto tempo é cedo demais para dormir com alguém? — Eu pergunto-lhe, e ela ri.

— Você está perguntando à mulher que deveria comprar ações da Tinder, — diz ela.

— Eu não faço sexo desde Trevor, e mesmo isso era no máximo, aceitável, — digo a ela. — E bem, com Hunter, você sabe que tem que ser bom.

— Oh, — ela diz, concordando, — você sabe que o homem é bem dotado na área do pau apenas pelo jeito que ele anda.

— Como ele anda? — Eu pergunto a ela, abrindo minha gaveta de lingerie, jogando e movendo-as ao redor, não exatamente certa do que estou procurando.

— Ele caminha com o passo 'meu pau é grande', — diz ela. — Tipo com arrogância.

Eu paro, embaralhando minhas calcinhas por toda parte, enquanto penso tentando me lembrar de seus passos. — Quero dizer, você chupou o pau dele, certo?

— Hã, não, — eu digo a ela, e ela engasga em choque. — Nem perto.

— Já faz uma semana, — diz ela. — Se você não está chupando o pau dele, outra pessoa está.

— Nem todo mundo é tão sexual quanto você, — indico, pensando que não o vi todos os dias, então talvez ele tenha outra pessoa chupando o pau dele.

— Permita-me discordar, — diz ela. — Uma vez que você consegue o P, e ele abala seu mundo, você o anseia. É como uma droga.

Eu pego uma calcinha de renda preta — Bem, e se o seu P for bom, — eu começo, e ela geme, — tipo tão bom que realmente vou querer o tempo todo?

— Sim, — diz ela, — continue.

— E depois nos separarmos? — Eu digo.

— Desmancha-prazeres, — diz ela, seu riso me fazendo rir.

— Eu realmente não tive um P tão bom que pensaria em almejá-lo. Trevor era agradável. Pelo menos ele fazia as coisas, mas eu não pararia de assistir televisão para saltar sobre ele.

— Ok, em primeiro lugar, isso deveria ter sido um sinal, — diz ela. — A vida é muito curta para o sexo ser apenas agradável. — Ela ri. — Quero dizer, em suma e no pior dos cenários, nós criamos uma conta para você no Tinder.

Eu sacudo minha cabeça. — Ok, estamos saindo do assunto aqui. — Eu pego a renda rosa e coloco de volta na gaveta. — Devo ir preparada para fazer sexo ou não devo me depilar e automaticamente riscar isso da lista?

— Laney, eu te amo, — ela começa e bufa, — mas ouça-me, e ouça-me com cuidado. Você sempre, sempre, sempre se depila. — Ela geme, e eu sorrio enquanto ela continua falando, e continuo minha busca para encontrar algo sexy. — E se algo acontecer com você no carro? Acidente de carro, presa dentro; estamos falando de qualquer coisa em que os bombeiros tenham que usar as serras hidráulicas para tirá-la do carro. E com todo o tumulto para ter certeza de não mexer o seu pescoço, eles acidentalmente arrancam sua saia, ou têm que cortar suas calças porque ela está presa nos escombros. E enquanto fazem isso, eles olham para baixo porque são caras, e você sabe que eles olharão para baixo quando você parece tão gostosa, e então olham, e é como a pornografia dos anos 70 lá embaixo? — Ela engasga. — Eles voltarão para o posto de bombeiros 51 [8], e as chances serão nulas de eles estarem pensando se você está bem ou não, porque estarão muito ocupados criticando sua vagina peluda.

[8] Chicago Fire é uma série televisiva de bombeiros, onde Kelly Severide é um dos atores, e trabalha no posto 51.

Eu reviro meus olhos. — Você sabe que *Chicago Fire* não é real, certo? Que Kelly Severide não existe e, além disso, minha vagina não é peluda. Estou bem preparada, — digo a ela. — Eu não sou uma virgem solteirona, Sandy. Eu já fiz sexo antes.

— Eu discordo, — diz ela. — De qualquer forma, tenho que ir. Anthony está vindo novamente, e bem, nós vamos tentar estabelecer um recorde da quantidade de sexo que teremos desta vez. — Ela grita. — Mal posso esperar.

— O quê? — Eu grito.

— Chegamos a seis horas. Acho que podemos alcançar sete, — ela diz seriamente. — Tudo depende das posições e da velocidade. Estou pensando em devagar e firme. — *Ela está falando sério agora?*

— Quem diabos faz sexo por seis horas? — Eu pergunto. — Sério, quem?

— Pessoas que conseguem um bom P, Laney! — Ela diz, e eu desligo.

Eu embaralho as coisas na minha gaveta, e minhas mãos pousam na lingerie de renda preta que eu comprei depois que terminei com Trevor. Eu pego e levanto; essa seria minha lingerie "tenha sexo imprudente com alguém para superar seu ex-namorado gay traidor que não saiu do armário". — Sim, isso vai ser perfeito, — eu digo. — Você vai deixá-lo de queixo caído.

Eu ando até o chuveiro e me certifico de que tudo esteja bem depilado, então aplico meu creme corporal de champanhe com morango e coloco a lingerie peça única de renda preta e malha. Olho-me no espelho e adoro o jeito que se ajusta melhor do que antes. O sutiã é meia taça, e o aro embaixo dele empurra levemente para cima. Renda cobre minha

barriga até embaixo. Virando-me para verificar a parte de trás, revela as costas toda de malha e uma tanga. — É hoje.

Eu pego um vestido preto sem mangas inteiriço e coloco. A cintura é elástica, então pressiona, e a parte de cima é fluida. Eu pego meus saltos pretos e os calço, amarrando-os ao redor do meu tornozelo. Eu deixo meu cabelo solto. Quando o ouço bater na porta, sorrio para mim mesma, aliso minha saia para certificar-me de que está tudo bem, e vou até a porta. Balanço meus quadris mesmo que ninguém esteja assistindo. Isso me faz sentir sexy. Ou pode ser porque eu saiba que estou usando algo sexy sob meu vestido. É surpreendente como a lingerie pode te fazer pensar que de repente é uma modelo da Victoria's Secret com as asas na passarela.

Eu abro a porta e, em vez de ele ficar com a boca aberta, sou a única boquiaberta. Ele está lá em seu terno preto, que deve ter sido feito sob medida porque se ajusta perfeitamente. Sua camisa social branca está aberta na gola, mas não é apenas sua roupa; É a postura dele e o jeito que ele está parado lá. Então continuo e penso sobre o que Sandy disse, e meus olhos têm uma mente própria enquanto vagam pelo seu corpo, finalmente chegando na área da virilha. Ele tem que estar carregando um grande P lá dentro. Seu cabelo está penteado pra cima. Sua mandíbula é quadrada, e seu sorriso é mais que um sorriso, mas são seus olhos que me pegam. Eles estão quase cristalinos hoje.

— Puta merda, — diz ele, dando um passo à frente e envolvendo o braço ao redor da minha cintura para me aproximar dele enquanto o cheiro. — Você parece... — Ele não termina; apenas bate os lábios nos meus e com apenas um beijo eu me derreto em seus braços. Meus braços

envolvem seu pescoço enquanto viro minha cabeça para o lado e aprofundo o beijo.

— Você está pronta para ir? — Ele pergunta quando finalmente deixa meus lábios.

— Sim, só tenho que pegar minha bolsa, — eu digo a ele e caminho até o balcão, pegando uma bolsinha clutch.

— É isso? — Ele me pergunta, olhando para a minha mão. A bolsa só é grande o suficiente para um batom e um cartão de crédito.

— Sim, acho que se eu passar a noite, farei isso nua. — Eu sorrio enquanto passo por ele até a porta. — Então, eu não tenho que levar nada. — Sua mandíbula fica tensa, a veia em sua testa inchada, e agora vejo o quão rápido seus olhos mudaram de cristalinos para sombrios.

Ele vira-se e caminha até mim, pegando a minha mão e a chave da outra enquanto tranca a porta. Ele não diz nada quando me leva até o carro, fechando a porta depois que eu entro. Então, apenas olho pela janela e sorrio.

Quando chegamos a casa dele, observo as casas que ficam lado a lado. O tijolo cinza realmente não revela nada, exceto as quatro janelas, duas em cima e duas em baixo. Eu saio do carro e espero Hunter me encontrar. — Bem-vinda à minha casa. — Ele sorri.

Agarrando minha mão, ele me leva até a porta da frente preta. Usando o polegar, ele desbloqueia. — Oh, isso é interessante, — eu digo, — para eu te roubar, tenho que cortar o seu dedo. — Eu assinto, sorrindo. — É bom saber. — Ele empurra a porta aberta, e eu entro e paro no caminho. Eu simplesmente olho porque não há luzes acesas na casa, mas você não precisa de nenhuma luz porque toda a parede traseira são janelas, e tudo que posso ver é um oceano sem fim.

— Vamos, — diz ele com um sorriso, andando ao meu redor e puxando-me para dentro. O ambiente é completamente aberto, então você vê sua sala de jantar, sala de estar e cozinha.

A parede à direita é em tijolo todo branco, com as escadas levando a duas portas no andar de cima. O corrimão é todo de vidro. — Isso é de tirar o fôlego, — digo a ele, colocando minha bolsa na mesa perto da porta.

— Oh, você não viu nada ainda, — diz ele, pegando um controle remoto. Ele aperta um botão e toda a parede de janelas se abre lentamente, mostrando o pátio do lado de fora. O som das ondas agora enche a casa. — Venha comigo. — Ele estende a mão para mim. Eu a pego, nossos dedos unidos e saímos para o terraço, ou pelo menos um deles.

Existem três áreas separadas. A mesa do lado de fora está embaixo de um toldo ou o que parece um toldo, mas quando avanço para o meio do terraço, vejo que é a sacada do andar de cima. Eu olho para o andar de cima e vejo outro terraço, onde vejo uma banheira de hidromassagem e uma área de estar.

À minha esquerda cinco degraus levam para uma área de bronzeamento com duas espreguiçadeiras de frente para a praia, e depois à minha esquerda três degraus abaixo há um conjunto de sofás. — Isso é quase como uma casa de veraneio, — digo a ele, e ele apenas coloca as mãos nos bolsos e dá de ombros.

— Eu trabalho duro, então pensei, por que não gastar um pouco, — ele me diz, e eu apenas aceno com a cabeça.

— Você quer comer aqui fora? — Ele me pergunta, e eu apenas sorrio, assentindo. — Vou pegar algo para você beber, — diz ele, entrando

novamente. Eu observo-o quando ele tira a jaqueta e joga em um banquinho no balcão. Ele arregaça as mangas e vai para trás do balcão. Volto a olhar para o oceano e desço os degraus até o sofá externo em forma de L e me sento. O pufe no meio tem duas lâmpadas que estão acesas. Observo as ondas batendo na praia, esperando que ele volte e, quando o faz, está com duas margaritas em suas mãos. Ele me entrega uma com o limão. — Esta é sua.

— Oh, meu Deus, — eu digo, pegando o copo. — Você tem grandes expectativas a superar. Não consigo tirar o gosto do da Guadalupe da minha cabeça desde a semana passada.

— Bem, então terei que dizer que ela fez esses para mim, — ele diz, e eu o olho chocada. — Hoje faz uma semana do nosso primeiro encontro. — Ele se senta ao meu lado. — Então, fui até a casa dela, e ela me fez a mesma coisa que bebemos na semana passada.

— O quê? — Eu digo, chocada, pensando que ninguém nunca fez nada tão doce.

— Feliz uma semana, — diz ele, erguendo seu copo de margarita, sem dúvida sem tequila, mesmo que ele não esteja dirigindo. Eu levanto minha mão e sorrio para ele. Quando olho em seus olhos, ele bate seu copo no meu, mas beija meus lábios antes mesmo que eu possa tomar. Uma vez que levo o copo aos lábios, o sal bate na minha língua e o gosto cítrico do limão imediatamente complementa isto.

Eu bebo metade e depois olho para o oceano. — Eu acho que não iria a parte alguma se morasse aqui, — digo a ele quando coloco meus pés sob mim, e ele se reclina no sofá, seu braço deslizando sobre as minhas pernas.

— É engraçado, mas eu raramente venho aqui fora, — ele diz, — estou tão ocupado que nunca tiro um tempo para apreciar, eu acho.

— Bem, então é uma coisa boa que nos conhecemos, — digo a ele, inclinando-me para beijá-lo. Seus lábios têm gosto de limão.

Ouvimos um temporizador soar na casa; sua mão vem e cobre meu rosto, seu polegar esfregando meus lábios molhados agora. — Isso é o queso, — diz ele, levantando-se. — Você precisa de alguma ajuda? — Eu pergunto a ele, inclinando-me para frente, pronta para me levantar, mas ele apenas balança a cabeça.

— Eu preciso que você fique sentada aqui e aprecie a vista, — diz ele, inclinando-se para me beijar suavemente nos lábios e depois saindo. Eu observo o jeito que a bunda dele tem um ajuste perfeito em suas calças pretas.

— Oh, eu definitivamente estou apreciando a vista agora, — eu digo, e ele para em seu caminho para me olhar por cima do ombro. Eu trago minha margarita para minha boca escondendo meu sorriso. Em seguida, abaixo novamente olhando para ele.

— Essa boca vai te colocar em apuros hoje à noite, — diz ele, e eu sei que não é uma ameaça vazia.

— Promessas, promessas, — eu digo com um sorriso, trazendo a margarita de volta aos meus lábios para terminá-la enquanto ele vira-se e entra na casa.

Ele volta com uma bandeja e a coloca no meio da mesa. — Temos queso e guacamole, — diz ele, — e eu te trouxe outra margarita e água.

Eu ri. — Vou tomar um pouco de água, — digo a ele. Eu não quero estar doidona na primeira vez que fizermos sexo. Puta merda, vamos mesmo fazer sexo. Mas e se ele não quiser fazer sexo comigo?

Eu pego um chip e mergulho no queso. — Eu tenho que dizer, isso pode estar ainda melhor do que na semana passada.

— Realmente? — Ele diz, provando. — Tem o mesmo gosto de todas às vezes, — diz ele, olhando para mim.

— Sim, — eu concordo com ele e, em seguida, acrescento: — exceto na semana passada, eu saí com um babaca. Mas agora estou sentada com um homem que me deixa nervosa, — eu digo, movendo um ombro e sorrindo timidamente.

— Nervosa? — Ele sorri para mim, recostando-se novamente e colocando o braço sobre minhas pernas enfiadas debaixo de mim.

— Bem, você é um sonho, — digo a ele, desenhando um S com o dedo em seu braço nu. — Você ainda é irritante. — Eu rio quando suas sobrancelhas se franzem. — Com suas listas e tudo.

Ele sacode a cabeça. — Eu estou tentando mantê-la segura, — diz ele a sério. — Há tanto perigo que você não conhece.

Eu fecho meus olhos, o ouvindo continuar. — Você faz sexo com frequência? — Eu o interrompo e abro os olhos.

— O quê? — Ele pergunta como se não tivesse certeza de que me ouviu bem.

— Você faz sexo com frequência? — Eu faço a pergunta novamente. — Tipo você fez sexo na semana passada desde que estivemos juntos?

— Um, eu não faço sexo tão frequentemente, e dois, definitivamente não fiz sexo na semana passada. — Ele se vira para olhar para mim. — Você fez?

— Não! — Eu grito. — Claro que não. Mas alguém me disse que se eu não estou chupando seu pau, então outra pessoa está. Assim…

Ele se endireita, me entregando uma garrafa de água. — Beba água, — diz ele, — muito disso.

— Eu não estou bêbada, seu imbecil. Estou tentando conversar com você. — Pouso meu copo de margarita, tirando uma perna de debaixo de mim.

— Uma conversa sobre alguém chupando meu pau? — Ele aponta.

— NÃO! — Eu digo em voz alta e, em seguida, viro-me, olhando para ele. — Eu já fiz sexo; você já fez sexo — aponto para ele e depois para mim —, mas não fizemos sexo um com o outro. — Eu estendo minhas mãos. — Então, eu pensei que poderíamos falar sobre isso antes de realmente partir para a ação.

Ele joga a cabeça para trás e ri. — Baby, quando fizermos sexo, não haverá conversa sobre isso. — Ele inclina-se para o meu espaço agora, com as mãos envolvendo meu rosto. — Eu também não quero falar sobre alguém com quem você fez sexo. — O sorriso dele desapareceu e, em seu lugar, está um homem que parece pronto para explodir.

— É só que... — Eu começo, e ele apenas balança a cabeça.

— Não, não é só que, Laney, — diz ele, agarrando-me e arrastando-me para ele. Agora estou montada nele no sofá. Ele geme quando minha boceta se alinha no seu pau.

As roupas entre nós são repentinamente demais. Ele empurra meu cabelo para longe do meu rosto. — Eu nunca tive uma namorada, — ele começa. — Eu fiz sexo. — Balançando a cabeça, ele diz: — O que não vamos discutir agora ou nunca. Isso entre você e eu veio do nada, e me derrubou.

— Sério? — Eu pergunto, minhas mãos agora subindo em seu peito até seu colarinho enquanto corro um dedo dentro de sua camisa ao longo de sua clavícula.

— Realmente, — diz ele. — Eu não te convidei aqui esta noite esperando sexo. — Eu começo a dizer alguma coisa, mas ele coloca o dedo na minha boca. — Não estou dizendo que não quero fazer sexo com você. Estou dizendo que não era minha intenção.

— Ma..., — eu digo, e ele me cala novamente.

— Mas se isso acontecer, eu serei um filho da puta feliz, — diz ele, e eu rio. — Então, que tal entrarmos, pegarmos nossos tacos e comermos?

Ele tira o dedo da minha boca. — Que tal, — eu digo, — você me mostrar o andar de cima primeiro, e podemos comer tacos mais tarde? — Eu saio dele e estendo minha mão. — Tipo muito, muito mais tarde. — Ele levanta a sobrancelha para mim enquanto olha para a minha mão e depois para o meu rosto. — Mostre-me lá em cima, Hunter.

Ele pega minha mão e nós entramos. Nenhum de nós diz nada enquanto subimos as escadas. Ele aperta alguma coisa no teclado ao lado do interruptor de luz, e ouço as janelas do andar de baixo começar a fechar.

Eu olho para dentro de uma das duas portas, e ele me leva para a da esquerda. Eu suspiro quando vejo seu quarto porque não são dois ambientes; é um quarto enorme.

À esquerda, há um sofá bege que fica de frente para a televisão na parede acima da lareira. Almofadas decoram cada extremidade e uma manta bege está jogada sobre o encosto do sofá. O pufe do meio é do mesmo tecido. Entretanto a direita é a parte do quarto.

Sua enorme cama king-size está no meio do cômodo com uma cabeceira bege e marrom escuro. Ao entrar no quarto, meus pés afundam no tapete branco macio. Eu olho para cima e vejo que ele tem seis janelas no teto, mostrando o céu.

Seu edredom branco parece uma nuvem. Eu passo por ele, arrastando minha mão nele enquanto caminho até a parede de janelas. As portas se abrem e eu olho para ele. — Tem sensor de movimento.

Eu balanço minha cabeça, rindo. — Isso é como um esconderijo secreto.

— Quase, — diz ele, inclinando-se contra o batente da porta, com os pés cruzados no tornozelo. Ele toca o interruptor, escurecendo as luzes do quarto, e noto que uma luz está vindo da área de estar e, além disso, algumas luzes vêm de trás de sua cabeceira. — Você parece um anjo parada no meio do quarto sob esta iluminação.

Eu cruzo meus braços na minha frente. Minhas mãos vão para o elástico do vestido, e eu o retiro sobre a cabeça, jogando-o para o lado. Eu observo como ele se endireita agora. — Eu ainda pareço um anjo? — Eu pergunto e giro em um círculo para que ele possa ver tudo de mim. Eu não tenho tempo para fazer um círculo completo antes de senti-lo nas minhas costas.

— Última chance, — ele diz entre dentes, e eu não digo nada. Em vez disso, fico nas pontas dos dedos dos pés e remexo minha bunda nele, me inclinando para trás e envolvendo uma mão em volta do seu pescoço.

— Você está usando muitas roupas, — digo a ele, e sua boca bate contra a minha.

Capítulo Dez

Hunter

Ela está de pé no meio do meu quarto usando uma maldita renda preta, e a única coisa que posso pensar é em saboreá-la, adorá-la, reivindicá-la e fazê-la minha. Toda. Minha.

Eu me aproximo dela por trás, e minhas mãos vão para os seus quadris quando tudo que quero é segurar os seios dela em minhas mãos. — Você está usando muitas roupas, — ela sussurra sedutoramente enquanto sua mão se move para o meu pescoço. Eu explodo, batendo minha boca na dela.

Minha língua desliza em sua boca e eu sinto o gosto de sal e frutas cítricas. Eu gemo, e minhas mãos vagam de seus quadris para seus seios segurando-os em minhas mãos. Sua bunda se move contra o meu pau, e agora eu estou tão duro quanto uma pedra. O beijo vai de suave a necessitado quando ela se vira, e nossas bocas nunca se separam. Eu a pego e ela envolve suas pernas ao redor da minha cintura enquanto a levo para a cama.

Coloco meu joelho na cama e lentamente a deito de costas. Eu solto seus lábios enquanto seu peito sobe e desce. Seu cabelo se espalha na cama. Suas pernas caem da minha cintura enquanto estou entre elas. Eu me inclino para frente quando vejo um de seus mamilos enrijecidos e meio para fora, e usando minha língua, desço até a renda e ao redor do mamilo, sugando-o profundamente em minha boca. Suas costas arqueiam-se quando faço a mesma coisa com o outro mamilo. Eu então me inclino para trás e tiro a camisa da minha calça enquanto ela me

observa. Suas pernas se abrem e vejo que ela já está molhada através da renda.

Desabotoo minha camisa e tiro-a, mostrando-lhe meu peito. Ela se senta. — Puta merda, — diz ela, tocando o músculo ao lado do meu quadril. — Eu achei que o músculo V fosse um mito.

Eu rio para ela. — Deite-se, — digo, e ela faz. Eu abro minha calça e a deixo cair no chão. Eu fico ali na frente dela em minha cueca boxer Hugo Boss preta, meu pau empurrando o tecido para sair. Rastejo pela cama, afastando as pernas dela. Sua respiração sai em um suspiro suave. Eu empurro suas pernas para trás e desço entre elas. Ela está aberta para mim. A única coisa entre minha boca e sua boceta é a renda. — Porra, — eu digo e uso minha língua para lamber sua fenda. Uma de suas mãos voa para minha cabeça. Eu faço isso de novo e de novo até a renda estar encharcada com seus sucos. Puxo a renda para o lado com minha mão, e sua boceta agora está aberta para mim. — Vou fazer você gozar com a minha boca e depois com o meu pau, — digo a ela, inclinando-me e provocando seu clitóris. Eu sugo em minha boca ao mesmo tempo em que deslizo um dedo nela.

Suas costas arqueiam-se e suas pernas apertam minha cabeça. Eu a dedilho enquanto provoco seu clitóris, e eu sei quando ela goza porque sua boceta aperta meu dedo enquanto pulsa ao redor dele. Eu a dedilho até ela ficar mole na minha cama, então tiro meu dedo e saio da cama indo até a mesa de cabeceira. — Eu preciso agradecer a Anthony pelo presente de inauguração da casa, — digo a ela, pegando a caixa de preservativos e voltando para a cama. Ela se apoia no cotovelo e olha para mim, um tom rosado em suas bochechas.

— Eu nem o vi nu, — diz ela, e eu tiro minha boxer pelas minhas pernas. — Puta merda, você tem um pau grande.

Eu fecho meus olhos. — O quê?

— Sandy disse que você tem que ter um P grande pela maneira como anda.

— Eu não vou discutir isso agora, — eu digo, abrindo a embalagem do preservativo com os dentes. Observo-a levantar-se de joelhos e tirar a lingerie. Deitando-se, ela joga bem ao lado dos meus pés. Ela finalmente está nua na minha frente e é deslumbrante. Está perfeita, deitada no meio da cama, e eu vou até ela, meus olhos nela o tempo todo. Eu rolo o preservativo no meu pau, levando-o na minha mão, as pernas dela abrem mais para mim. Esfrego meu pau para cima e para baixo em sua fenda, uma vez, duas vezes, três vezes e, em seguida, deslizo lentamente para dentro dela. Inclino-me para frente uma vez que estou profundamente dentro até as bolas e tomo sua boca.

Eu giro minha língua com a dela enquanto a fodo lentamente; tão devagar, acho que vou morrer antes dela. Ela é tão apertada. Ela solta a minha boca para jogar sua cabeça para trás e gemer. Observo-me desaparecer dentro dela, seu corpo me levando, tudo de mim. Sua mão vai para a parte de trás do meu pescoço e inclino-me para frente, chupando seu pescoço. — Mais forte, — diz ela, e eu sei que ela está no limite. Eu saio e, desta vez, bato com força, ainda lento, mas forte. Ela me encontra em cada impulso e, finalmente, ultrapassa seu limite e goza no meu pau. Eu espero por ela até que não possa mais respirar e finalmente entro dentro dela e gozo, gemendo em seu pescoço. Eu tento não esmagá-la, rolando para o meu lado e trazendo-a comigo, meu pau ainda dentro dela. Eu tento recuperar o fôlego e ela dá beijinhos no meu

peito. — Humm. — Ela geme enquanto continua me beijando, e meu pau nunca tem a chance de amolecer. Eu saio dela enquanto ela geme em protesto e então eu tiro o preservativo. — Volte, — diz ela, fechando os olhos, e a observo na cama com a mão entre as pernas.

— Você está se masturbando, esperando por mim? — Eu pergunto, pegando outro preservativo. Ela abre os olhos e me observa. Eu rolo o preservativo, em seguida, vou para a cama. Ela me empurra de costas e depois sobe em cima.

Passamos quatro horas fazendo sexo, repetindo várias vezes. — Eu não posso me mover, — diz ela, deitada de barriga para baixo, — mas estou morrendo de fome.

— Eu vou aquecer a comida e trazer para você, — eu digo a ela, me levantando e vestindo minha boxer.

— Já percebi, — diz ela, com a voz abafada no travesseiro. — Estou totalmente viciada no P.

Eu olho para ela e rio. — Eu realmente espero que seja apenas o meu P e não o de outra pessoa.

Ela ri, levantando a cabeça do travesseiro e virando para o lado. — Definitivamente o seu.

— É bom saber, — eu digo, saindo do quarto. Um segundo depois, ouço seus pés me seguindo. — Eu achei que você não pudesse se mover? — Eu pergunto quando ela desce as escadas, com o cabelo preso na cabeça, usando minha camisa social branca.

— Eu não quero comer na cama e espalhar migalhas em todos os lugares, — diz ela, vindo para a cozinha e sentando em um banquinho enquanto eu aqueço o tal taco.

— Meu corpo parece ter corrido uma maratona, — diz ela, esticando os braços sobre a cabeça. — Quero dizer, se as maratonas fossem tão divertidas, eu seria a pessoa mais em forma que já existiu.

Eu rio para mim mesmo. — Por que você me faz rir tanto? Eu acho que nunca ri tanto assim, — digo a ela, pensando em como isso é diferente e refrescante.

Coloco o prato de tacos na ilha e pego um banquinho para sentar na frente dela. — Puta merda, — ela diz, mastigando, — isto está tão bom.

Eu concordo enquanto mastigo. — Ninguém faz prato mexicano como Guadalupe, — eu digo.

— Você ainda quer fazer um piquenique neste fim de semana? — Ela me pergunta enquanto dá outra mordida.

— Sim, se você quiser, — eu digo, mastigando minha segunda mordida.

— Ou, — diz ela, pegando uma garrafa de água e bebendo um pouco, — nós poderíamos apenas acampar aqui e fazer um piquenique na sua praia. — Ela pisca para mim. — Só uma ideia.

— Eu gosto muito dessa ideia, — eu digo, terminando meu taco.

Nós terminamos de comer e limpar antes de ligar o alarme, e então subimos as escadas de mãos dadas. — Devemos tomar um banho, — diz ela, entrando no quarto, — juntos. Sabe, para preservar a água.

— Obviamente, — eu digo a ela, levando-a para o banheiro e acendendo todas as luzes. Ela para na porta e assimila o banheiro. Bem, certo, eu posso ter exagerado. O ambiente claro é bege, luzes colocadas na moldura do teto. O chuveiro é todo bege com cinco luzes embutidas e doze saídas de água, e a coisa toda é cercada por vidro, mostrando o banco em forma de L.

— Oh, meu Deus, — diz ela, entrando no banheiro e olhando em volta. — Eu mudei de ideia. Vamos fazer um piquenique aqui dentro. — Ela caminha em direção à banheira elevada. Um degrau acima e você verá a banheira ao nível do chão que fica bem em frente a uma lareira na parede.

Ela se aproxima do chuveiro, onde abro a porta e regulo a temperatura. — Seu chuveiro é do tamanho do meu armário, — diz ela, tirando a camisa e entrando. — Na verdade, é do tamanho do meu quarto *e* closet, — diz ela, e eu a sigo. — O banco é aquecido? — Ela me pergunta, e eu apenas aceno com a cabeça.

— Sim, por quê? — Eu respondo, indo até a parede e apertando o botão.

— Eu quero que esteja quente quando fizer você sentar e montá-lo. — Ela pisca para mim por cima do ombro. Eu ando até ela, virando-a e empurrando-a de volta para o banco. A parte de trás dos joelhos dela bate primeiro, e ela usa as mãos para se sentar.

— Está quente? — Eu pergunto-lhe quando ela se senta.

— Sim, — diz ela.

— Você está confortável? — Eu pergunto, e quando ela balança a cabeça, eu me ajoelho na frente dela. — Eu quero que você esteja muito confortável mesmo.

— Estou confortável, — ela diz suavemente. Eu vejo seu peito subindo e descendo, minhas mãos sobem para beliscar seus mamilos perfeitamente duros. Gotas de água escorrem pelo seu peito, e eu a empurro suavemente até que seus ombros encostem-se à parede do fundo.

— Eu quero você o mais confortável possível, porque, — eu digo, inclinando-me para frente e tomando o mamilo na minha boca, — estou prestes a comer minha sobremesa. — Sua respiração fica presa. Eu beijo seu peito e lentamente dou-lhe beijos até chegar ao seu umbigo. — Tenho que dizer, poupei o meu apetite para isso aqui, — eu digo, afastando seus joelhos. — Eu acho que vejo exatamente o que quero comer, — eu digo, piscando para ela antes de enterrar meu rosto entre suas pernas. Seus gemidos enchem o chuveiro, seus joelhos abrindo ainda mais, e sua mão pega meu cabelo enquanto ela me empurra mais fundo nela. Eu a saboreio até ela gozar na minha língua. Nós dois pegamos o que queremos um do outro, e quando finalmente desmoronamos na cama, acho que o sol está nascendo.

— O que é esse barulho? — Eu a ouço murmurado ao meu lado enquanto me sento imediatamente. — Desligue isso.

Olhando ao redor da sala, eu acho a origem do toque vindo da minha calça. Saio da cama, tiro da minha calça e saio do quarto para não acordar Laney.

— Olá, — eu digo, e ouço a voz de Anthony, que está tão grogue quanto a minha, e ele está sussurrando também.

— Nós temos um problema, — diz ele, e eu já estou alerta e pronto. Todo o sono desapareceu de mim no minuto em que ouço essas quatro palavras.

— O pacote que entregamos no mês passado quer voltar e nos visitar, — diz ele, e me viro para olhar para a porta, certificando-me de que ainda estou sozinho.

— Você está dizendo que Kelly Taylor está voltando? Por que o pessoal dela não nos ligou ontem? — Pergunto a ele. Kelly é o maior nome

da música. Ela é conhecida por pular de cara em cara, mas ela quer manter sua última conquista romântica discreta, então ela vem para a cidade e nós a esgueiramos de um lado para o outro.

— Ela mesma me ligou, — diz ele. — Vem em um jato particular, chegando às três da tarde. Ela vai direto para o nosso escritório.

— Tudo bem, — eu digo a ele. — Vou encontrá-lo no escritório as duas e podemos discutir um plano no escritório.

— Vejo você então, — diz ele, desligando o telefone. Volto para o quarto e vejo Laney no meio da cama de barriga para baixo com o lençol até o pescoço. Eu sorrio enquanto vou para o meu armário, coloco meu short e desço as escadas para começar o café. Pegando meu iPad, volto para o andar de cima e vejo que ela não se moveu, então vou até a sala de estar e a porta se abre quando chego na frente dela. Saio para o pátio depois de colocar meu iPad no sofá e olhar para a praia. Famílias prepararam-se para o dia, e os corredores já estão acelerando pra cima e pra baixo pela praia. Eu olho para cima e não vejo uma nuvem à vista, então vai ser um dos quentes. Eu me viro e sento no sofá, pegando meu iPad e café.

Passo pelas notícias na CNN e na Fox, verifico minhas ações e vejo alguns casos chegando nas próximas semanas. Vai começar a ficar movimentado; o festival de música vai nos matar porque eles adicionaram mais três atrações, e a filha do presidente virá para a cidade também. — Aí está você. — Eu ouço da parte do quarto quando Laney sai vestindo meu robe. — Eu estava procurando por você, — diz ela, caminhando para mim e esfregando seus olhos sonolentos.

— Eu recebi um telefonema sobre o trabalho, e não voltei para a cama, — eu lhe digo e estendo meu braço para ela. Ela vem e senta no

meu colo e se recosta em mim, beijando meu pescoço. — Bom dia, — eu digo baixinho enquanto a abraço e observamos a água. Eu sento aqui, completamente contente com tudo pela primeira vez. Minha mente está no trabalho, mas não está me empurrando para sair do sofá, e não está repassando repetidamente em minha mente. Em vez disso, eu vivo este momento.

— Você quer que eu faça café da manhã? — Ela pergunta do meu pescoço, me beijando novamente.

— Claro, — eu digo a ela. Ela sai do meu colo e nós descemos as escadas. — Fiz um café quando logo que acordei; quer que eu faça um para você?

— Sim, por favor, — diz ela e prende o cabelo para cima da cabeça.

Eu me inclino e beijo seus lábios, levando minha mão ao seu rosto. — Eu amo quando você prende seu cabelo, — eu digo a ela. — Torna mais fácil para eu fazer isso. — Eu me inclino, mordendo o pescoço e depois o beijando. — Como toma o seu café?

— Apenas preto, — ela me responde, e me viro para fazer seu café na cafeteira. — Como você gosta de seus ovos? — Ela me pergunta, indo até a geladeira para abri-la e olhar para dentro. — Nós temos um pouco de bacon de peru, bacon regular, um pouco de salsicha. — Ela me olha da geladeira. — Alguém realmente esperava uma festa do pijama, — diz ela, rindo.

Eu dou de ombros. — Eu tinha esperança mesmo.

— Como você quer seus ovos? — Ela diz, abrindo o armário até encontrar o que estava procurando e tirar uma frigideira. Ela coloca no queimador e depois procura nas gavetas por uma espátula.

— Eu realmente não tenho uma preferência, contanto que eles estejam cozidos. — Ela pega o bacon, em seguida, vira e começa as coisas. Eu me sento na ilha, vendo-a me fazer o café da manhã. — Eu poderia me acostumar com isso.

— O quê? — Ela pergunta, voltando-se para olhar para mim enquanto mistura os ovos.

— Você cozinhando para mim. — Eu sorrio para ela.

— Eu te devo, — diz ela, encolhendo os ombros.

— Pelo quê? — Eu pergunto a ela.

— Cerca de doze orgasmos na noite passada, — diz ela, sorrindo. — E pela visita lá embaixo, — diz ela, apontando a espátula para sua vagina. — Dá um novo significado as trovoadas lá embaixo[9].

Eu rio para ela. — É bom saber, e a propósito, — eu pego meu próprio café, levando-o aos lábios — catorze, — digo, — mas ei, quem está contando.

— Tenho certeza que foram doze, — diz ela, olhando para cima e contando. Eu vejo-a movendo os lábios enquanto conta, e depois os dedos. — Sim, quatorze.

— Viu, — eu digo a ela com uma piscadela. Estou prestes a tomar um gole do meu café quando meu telefone toca. Eu olho para baixo, vejo que é Anthony, e então olho para ela de novo enquanto ela me observa.

— Eu já volto, — eu digo, pegando o telefone e indo para o deck de trás.

— Ei, sou eu. Mudança de planos. Ela conseguiu um voo mais cedo.

— O quê? — Eu pergunto. — Como isso é possível?

---

[9] Aqui foi feita uma brincadeira com “thunder down under” que é um grupo de dança masculino australiano. Thunder= trovões. Down under= australia.

— Bem, quando você tem um jato particular à sua disposição, não precisa realmente esperar. Encontre-me em noventa minutos, — diz ele.

— Porra, tudo bem. Eu estarei lá assim que puder, — eu digo, desligo, e então olho para Laney lá dentro, que ainda está cozinhando. Eu volto e ela olha para mim.

— Está tudo bem? — Ela pergunta, e eu olho para baixo e depois para cima novamente.

— Sim, é apenas uma mudança de planos, na verdade. Eu tenho que ir. Não deve demorar muito, e podemos nos encontrar depois, — eu digo para ela e algo nos olhos dela muda, mas eu não posso identificar isso.

Ela pousa a espátula. — Oh, sim. Sinto muito. — Ela balança a cabeça. — Eu vou sair do seu caminho. — Ela coloca todos os ovos em um prato e, em seguida, olha para mim, dando-me um sorriso falso pra caralho. — Sim, ok. Eu tenho coisas para fazer em casa de qualquer maneira.

Eu ando até a ilha, e ela coloca o prato de ovos na minha frente e depois se vira para mim. Eu noto a mudança nela imediatamente.

— Coma. — Ela sorri, apontando para os ovos. — Eu vou tomar banho e então posso pegar um Uber. — Ela caminha até as escadas quase como se estivesse correndo para sair.

— O caralho que você vai, — eu digo, e ela para nos degraus, olhando para mim e depois para longe. — Eu vou te levar para casa.

Ela simplesmente sobe as escadas, e ouço o chuveiro ligar. Nem me incomodo em comer a comida. Em vez disso, vou para o andar de cima, dois degraus de cada vez. Entro do quarto indo até o banheiro e, vendo que a porta está fechada, estendo a mão para girar a maçaneta e encontro-a trancada. — O que aconteceu? — Eu me pergunto e depois

vou para a cama com meu celular na mão. Minha perna começa a saltar para cima e para baixo, e a água finalmente desliga. Eu não tenho que esperar muito antes que ela saia do banheiro completamente vestida. Seu cabelo ainda está empilhado no alto da cabeça. — Está acontecendo alguma coisa? — Eu lhe pergunto, e ela apenas balança a cabeça.

— Só estou cansada, — ela diz e então olha para mim. — Eu vou pegar meus sapatos lá fora. — Ela sai do quarto e desce as escadas. Eu verifico o horário e amaldiçoo por ter mesmo que ir, o que significa que não posso ficar aqui e descobrir o que diabos aconteceu.

Eu pego jeans, uma camiseta e meus tênis de corrida. Desço as escadas, e percebo mesmo antes do meu pé atingir o chão da sala que ela não está aqui. — Laney. — Eu chamo seu nome, e ela não está em lugar nenhum. Olho para fora e vejo o papel na mesa embaixo da luminária.

Ei, não queria incomodar você. Obrigada pela noite passada. Até a próxima.

— Até a próxima? Que porra é essa? — Digo e pego meu telefone para ligar para ela, mas caí direto no correio de voz. Eu espero apitar antes de falar, e quando faço isso é com dentes cerrados.

— Laney, é melhor você ter uma boa desculpa para me abandonar e sair sem dizer nada. Estarei na sua casa o mais rápido que puder, — eu digo e depois paro por um segundo. — Por favor, me ligue. — Minha voz fica suave no final, e lanço meu telefone no sofá e sento-me, passando as mãos pelo meu cabelo. Levanto-me, pego minhas chaves e óculos de sol e saio, a única coisa que passa pela minha cabeça é encontrar Laney.

Capítulo Onze

Laney

Quando saí do banheiro e o vi sentado na cama, fiquei quase tentada a ir até ele, mas não o fiz. Eu fugi. Corri para pegar meus sapatos lá fora e, felizmente, o motorista do Uber estava me esperando. Eu sabia que tinha apenas alguns minutos de vantagem, mas quanto mais rápido me afastasse dele, melhor seria para minha cabeça. O borrão da verdade estaria lá.

Quando meu telefone toca quatro minutos depois, não é necessário ser um cientista de foguetes para saber quem seria. Eu olho para baixo e vejo seu nome aparecer - serial killer -, mas meu dedo não se demora sobre o botão verde antes de apertar o vermelho imediatamente. Eu o envio direto para o correio de voz enquanto olho pela janela. Meu telefone toca novamente e, desta vez, é Sandy.

— Olá, — eu respondo imediatamente.

— Onde você está? — Ela sussurra.

— Eu estou em um Uber, por quê? — Eu digo a ela e pergunto: — Por que você está sussurrando?

— Estou, — diz ela, — estou escondida no banheiro de Anthony.

— Ele está em casa? — Eu pergunto, toda confusa.

— Sim, — diz ela, — mas acho que ele vai a um encontro com outra pessoa.

— O quê? — Agora, estou muito confusa. — Você não está na casa dele neste momento? — Então eu ouço Anthony ao fundo gritar seu nome. — Oh, meu Deus, ele sabe que você está aí?

— Hey, — diz ela em uma voz normal. — Você vai sair? — Ela deve estar perguntando a ele, e eu ouço-o dizer a ela que estará de volta assim que puder. — Tudo bem, tchau.

— Esse filho da puta, — ela diz, voltando ao telefone, e eu a ouço correndo pela sala. — Ele acha que pode me trair.

— Sandy! — Eu grito: — Do que diabos você está falando?

— Eu não posso falar agora. Eu tenho que segui-lo.

Eu reviro meus olhos. — Oh, Jesus, mulher, você pode se acalmar antes de sair precipitadamente?

— Eu não vou me acalmar, — diz ela, e ouço a porta do carro bater, e os pneus cantarem. — Eu tenho que ir. Eu tenho que ver aonde ele vai.

— Como você vai fazer isso? — Eu pergunto a ela.

— Eu coloquei um rastreador em seu telefone, — ela me diz, e eu grito.

— Você enlouqueceu?

— Eu nem sei por que você me faria essa pergunta. Você me conhece. Claro que sou louca. Você age como se fosse novidade.

— Ok, me escute. Eu vou para casa e depois vou até você. Por favor, peço pelo amor de Deus, não faça nada para ser presa novamente.

— Aquilo não foi culpa minha! — Ela grita. — Aquela ciclista não obedeceu ao seu sinal de parada. Como eu poderia saber que iria bater nela? — Eu coloco minha mão na testa, pensando no momento que recebi um telefonema para ir tirá-la da cadeia. Ela não só bateu na ciclista, mas também chutou sua bicicleta.

— Tanto faz. Você pode se acalmar?

— Eu não posso garantir nada, — diz ela, desligando. Assim que o Uber para na frente do meu condomínio, eu entro correndo para pegar as chaves do meu carro e depois ligo de volta.

— Onde você está? — Eu pergunto a ela, entrando no carro.

— Estou estacionada em frente a uma casa. Ele já estava lá dentro quando cheguei aqui, então uma senhora chegou aqui com um grande chapéu e óculos. Ela manteve a cabeça baixa quando entrou.

— Oh, meu Deus, — eu digo, mapeando sua localização. — Eu devo estar aí em sete minutos. Aconteça o que for, não saia do carro.

Desligo e corro para lá, chegando em cinco minutos. Estaciono atrás dela do outro lado da rua da mansão. Eu saio, caminho até o carro dela, e a vejo abaixada no banco do motorista usando binóculos. — Sandy, — eu digo, e ela se vira e grita.

— Abaixe-se, — diz ela. — Eu não quero que ele te veja. — Eu fico agachada e me posiciono no banco do passageiro. Ela olha para mim confusa. — Você veio para uma tocaia de vestido e saltos?

— Eu estava indo para casa do meu encontro quando você ligou, — eu lhe digo, e ela sorri para mim.

— Você teve um P, não é? — Ela pergunta, e eu reviro os olhos. — Ele era tão grande quanto eu te falei que era? Aposto que era.

— Eu não vou discutir isso com você, — eu digo a ela, e então nós ouvimos uma voz, e ela olha para fora, e fico chocada por ela. Anthony está saindo da casa e está de mãos dadas com uma mulher com um grande chapéu de palha e óculos. — Oh, foda-se não. — Eu ouço Sandy dizer quando ela sai do carro, não me dando um segundo para pensar no próximo passo, antes que ela esteja no meio da rua gritando.

— Você está me traindo, filho da puta! — Ela grita do outro lado da rua, e Anthony e a mulher se detém. O rosto de Anthony mostra um completo choque. Eu saio do carro e atravesso a rua enquanto Anthony coloca as mãos para cima.

— O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta, e Sandy tenta contorná-lo para chegar à mulher e arrancar o chapéu da sua cabeça, sem dúvida, mas Anthony a protege, o que enfurece Sandy ainda mais.

— Você está protegendo-a? — Sandy grita. — Você está protegendo essa cadela?

— Como? — Diz a mulher. Eu finalmente a olho, e ela parece familiar, mas não penso muito nisso. Eu ando até Sandy, agarrando seu braço.

— Sandy, — eu digo a ela, esperando conseguir falar com ela.

— Essa... — ela diz, agora saltando em seus pés, soltando-se da minha mão. — É esta a mulher com quem você está me traindo? — Ela aponta para ela. — Senhorita chapéu grande e óculos de sol, está nublado, cadela, — diz ela, e a mulher coloca a mão em seus quadris.

— Eu não estou traindo você, — ele diz repetidas vezes, e eu olho para trás e vejo Hunter saindo de casa.

— O que está acontecendo aqui fora? — Ele diz e então olha para todos e para em mim. — Laney, o que você está fazendo aqui?

— Ela está aqui comigo, — diz Sandy para ele e depois olha para Anthony. — Eu segui esse canalha traidor até aqui. E o que é isso, um trio?

— Eu te disse antes. Eu não estou traindo você, — Anthony diz novamente, agarrando seus braços em suas mãos.

— Mentiroso! — Sandy grita. — Você é um mentiroso.

— Eu juro por Cristo, mulher, eu não estou te traindo, — diz ele, balançando a cabeça e, em seguida, inclinando-se para olhar em seus olhos, sua voz suave, — Eu juro para você, baby. Eu não estou traindo você.

— Então por que você não quis que eu chupasse o seu pau esta manhã, hein? — Ela pergunta a ele, sacudindo as mãos dele de seus braços, e eu abro minha boca. — Ontem à noite, só fizemos sexo por duas horas, — ela diz, olhando para mim. — Duas.

— Puta merda, — diz a mulher, e Sandy vira-se para encará-la.

— Sim, vadia, nosso máximo foi de seis horas, — diz Sandy, cruzando os braços sobre o peito, orgulhosa desse fato. — Aposto que você não pode superar isso? Você pode?

— Chega! — Hunter grita, e então Anthony interrompe.

— Eu não queria que você me chupasse esta manhã porque tenho certeza que meu pau não tem mais pele sobre ele, — diz ele, jogando as mãos para cima.

Eu pressiono meus lábios antes de rir, e Sandy descruza os braços e olha para ele. — O quê? — Ela pergunta suavemente.

— Meu pau está sensível, baby, — ele diz enquanto ela vai até ele e toca sua mão. — Honestamente, nós tivemos mais sexo do que eu pensava ser humanamente possível.

Eu reviro meus olhos e a mulher parada ali coloca a mão na boca. — Estou seco, baby, — ele diz a ela, tomando-a em seus braços. — Honestamente, não há uma gota de fluido em mim. Hulkster[10] precisa de um descanso.

[10] Hulk Hogan é um lutador de luta livre americano, grandalhão, com mais de 2 metro também conhecido como Hulkster, que deve ser o apelido do pênis dele.

— Ok, — Hunter finalmente diz. — Isso é mais informação do que precisamos ter, — diz ele, então olha para a mulher. — Kelly, eu realmente sinto muito sobre tudo isso.

— Está tudo bem, — diz ela, sorrindo, depois olha para Anthony. — Seis horas?

— Cuidado, — diz Sandy ao mesmo tempo em que me ocorre.

— Você é Kelly Taylor. — Eu aponto para ela, e a boca de Sandy abre em choque e depois salta para cima e para baixo.

— Puta merda. Puta merda, puta merda, — diz Sandy, rindo.

— Eu sou, — diz ela e, em seguida, olha para Hunter e Anthony. — Acho que você pode me levar até o meu cara agora, para que possamos tentar bater seis horas?

— Anthony, leve Kelly, — diz Hunter, então se vira para Sandy. — Você o encontra mais tarde. Você — ele diz, apontando para mim — no meu escritório.

— Como? — Eu digo, cruzando os braços sobre o peito, e não acho que seja a coisa certa a dizer a ele. Ele parece louco, e a veia na sua testa tem batimento próprio.

— Como você pode ser tão imprudente? — Ele diz, colocando as mãos nos quadris, e as três pessoas param e olham para nós.

— Ser tão imprudente? — Eu pergunto a ele. — Eu vim para me certificar de que Sandy estava bem e não seria presa por espancar alguém.

— Então, você achou que se colocar em perigo seria melhor? — Ele me pergunta, e eu paro e olho para ele.

— Ajudando minha amiga. Sim, achei que foi uma ótima ideia.

Ele sacode a cabeça. — Bem, colocar sua amiga antes de você é... — Ele ri amargamente

— É o que, Hunter? — Eu pergunto a ele.

— É estúpido, — diz ele, levantando as mãos para o ar. — É estúpido, e é imprudente e infantil, e você poderia ter se matado, porra. — Ele grita na última linha.

— Hunter, — diz Anthony, e ele balança a cabeça.

— Ela nem sequer pensou antes de sair do carro. Ela acha que é absolutamente invencível, — ele diz, sua voz ficando mais alta.

— Eu saí do carro para ajudar minha amiga, — digo a ele.

— Sim, e se ela tivesse uma arma e atirasse em você? Quanta ajuda você seria? Você faz ideia das coisas que eu vejo, que uma pequena ação às vezes pode tirar a vida de alguém em um piscar de olhos? — Ele pergunta, balançando a cabeça. — Estúpido. — Sua voz é baixa como se ele estivesse falando consigo. — Sair correndo como se nada pudesse impedi-la. — Paro de ouvi-lo, então o ouço perguntar: — Como você teria parado uma bala? — E a única coisa que passa pela minha cabeça é que ele pensa que sou uma criança e minhas ações são imprudentes.

— Bem, você nunca vai saber agora, vai? — Eu digo a ele, e ele apenas olha para mim. Sandy vem e segura minha mão.

— Você é um idiota, — ela diz a Hunter. — Ela é a pessoa mais leal que eu já conheci, e veio aqui para me ajudar e me proteger.

Eu sacudo minha cabeça. — Está tudo bem, Sandy. Eu estou indo embora. Eu não quero fazer algo estúpido ou infantil enquanto estou aqui, defendendo meu comportamento imprudente, — eu digo, voltando-me para ela. — Me ligue mais tarde.

Eu me viro e caminho até o carro, o tempo todo esperando que ele chame meu nome, o tempo todo tentando não ficar triste que essa coisa acabou. Eu o conheço há uma semana. Nós estivemos juntos uma noite,

então isso não é nada. Eu sobrevivi a coisas piores. Eu entro no carro, me afasto do meio-fio, e não faço contato visual com ninguém, sabendo que os quatro estão me observando. Dirijo para casa, o tempo todo tentando não pensar sobre o que aconteceu. Eu tento não pensar que esta manhã, quando acordei, poderia honestamente dizer que foi uma das melhores noites da minha vida. Mas em um piscar de olhos, desabou.

Saio do carro, subo as escadas e fecho a porta atrás de mim. Eu não me incomodo em abrir as cortinas antes de tirar meus sapatos e vestido. Tirando a lingerie de peça única, eu a atiro no lixo. Eu ando até o quarto nua, carregando o vestido na minha mão. Jogo-o no cesto de roupa suja do meu armário, então pego calças de yoga e uma camiseta. Eu vou para a minha cama e estou prestes a subir quando ouço meu telefone tocar na sala de estar.

Saio em direção a ele e vejo que é Sandy.

— Ei, — eu digo, voltando para o meu quarto e entrando debaixo das cobertas.

— Ei, — ela diz suavemente, — estou ligando para ver como você está.

Eu expiro. — Eu estou bem, — digo, mentindo.

— Você quer que eu vá para uma noite de garotas? — Ela pergunta, e é por isso que eu faria qualquer coisa por ela. Ela largaria qualquer coisa e qualquer um por mim.

— Não, — eu digo. — Eu vou assistir um pouco de televisão e depois relaxar. Talvez tirar um cochilo, ir para a cama cedo.

— Ok, — ela diz suavemente. — Se você mudar de ideia, me liga, — diz ela, e eu concordo. — Promete?

— Prometo, — digo a ela, e nos despedimos. Jogo meu telefone na mesinha de cabeceira e olho para a parede, então tiro as cobertas de cima de mim, me levanto e caminho até a varanda. Sentada no sofá do lado de fora, enrolo meus pés embaixo de mim e vejo a água e o céu ficarem cada vez mais escuros. Não sei quanto tempo fico aqui fora. Honestamente, nem sei se adormeci ou não.

Eu me levanto e entro, fechando a porta e trancando-a. Então só para irritá-lo, eu destranco. Vou até a cozinha, pego uma garrafa de água e vou para a cama. Não acendo nenhuma luz enquanto me apronto para dormir.

Eu ligo a televisão no meu quarto e fico ali mudando os canais. Adormeço no meio de *Notting Hill* e acordo no dia seguinte, alongando-me. Meu corpo dói em certos lugares e, então, penso nele. Seu rosto, seu sorriso, seu ar superior, suas sobrancelhas franzindo. — Ele foi um idiota com você, — eu digo em voz alta, tentando argumentar com o meu coração. Eu bufo e saio da cama, arrumando-a, e então me visto para o almoço de domingo na casa dos meus pais.

Eu pego shorts pretos e uma camisa jeans azul. Arregaço as mangas da camisa jeans e coloco a frente para dentro. Eu pego meu All Star preto e uma grande bolsa preta. Abro a porta e paro quando vejo uma rosa azul. Eu me inclino para pegá-la e trazê-la ao meu nariz.

Uma fita azul amarrada em volta contém uma nota.

Esta era a cor da sua roupa no nosso primeiro encontro.

Eu sinto muito.

H

Eu olho em volta para ver se o encontro e, embora não o veja, não posso deixar de sentir que estou sendo observada. Entro novamente,

olhando para o lixo, mas não consigo, então coloco a flor em um vaso simples. Eu pego meus óculos de sol e caminho para fora, e a sensação ainda está lá. Mas quando me afasto do meio-fio para ir até a casa dos meus pais, ainda não o vejo e acho que está tudo na minha cabeça.

Capítulo Doze

Hunter

Eu a vejo descer o degrau do seu apartamento, o cabelo dela um pouco para trás, os óculos escuros escondendo os olhos. Sento-me do outro lado da rua em um Audi, para que ela não me veja.

Fiquei aqui a maior parte da noite também. Eu pedi que Sandy ligasse para ela e a checasse já sabendo que ela não atenderia minhas ligações. Essa conversa foi ótima. Foi-me dito em todas as línguas conhecidas pela humanidade o babaca que eu era. A única razão pela qual ela ligou para Laney foi porque, no final, eu estava preocupado com ela.

Ela nem me ligou para me contar como ela estava; só me enviou uma mensagem com o emoji do dedo do meio. Fui para casa naquela noite, a casa abafada e escura. Eu andei até a geladeira, abrindo e pegando uma garrafa de água. Sem perder um minuto no primeiro andar, fui até o quarto, que cheirava exatamente a ela.

Eu deitei na cama sobre as cobertas, peguei o travesseiro que ela dormiu e cheirei, as palavras ecoando em minha mente, estúpida e infantil. Eu me encolho só de pensar nisso, mas caramba, ela simplesmente saiu correndo. No minuto em que disse as palavras, sabia que me arrependeria delas. Eu sabia que era um erro, mas vê-la ali, colocando-se em perigo me empurrou. E se Kelly tivesse uma arma? E se alguém estivesse vigiando? Os 'e se' passaram pela minha mente.

O pensamento de segurá-la em minhas mãos com uma bala nela passa repetidamente em minha mente, e não consigo impedir. Eu não esperava que o sono viesse até mim, então não foi nenhuma surpresa

levantar às cinco e ir para a casa dela com a rosa azul que comprei ontem, caso ela abrisse a porta para mim. Coloquei-a na porta dela com um bilhete e voltei para o meu carro do outro lado da rua. Eu observei, e quando ela saiu, meu fôlego ficou preso no meu peito enquanto meu coração batia apenas por ela. Eu a segui até a casa dos seus pais. Quando a vi entrar, estava prestes a sair e tocar a campainha, mas pensei na cena que causaria.

Afastando-me do meio-fio, dirijo até minha casa de infância. Manobrando na entrada da garagem, não me surpreendo ao ver minha mãe do lado de fora ajoelhada em frente ao jardim. Ela vira a cabeça para ver quem entrou na garagem e sorri quando me vê. Ela fica de joelhos quando saio do carro, tirando as luvas de jardinagem. Um sorriso enche todo o seu rosto. Eu olho para ela de jeans apertado e camiseta; olhando para ela, você pensaria que ela ainda está na casa dos trinta. Um chapéu de sol na cabeça cobre o cabelo ruivo. — Aí está o meu menino, — diz ela, e seus olhos são da mesma cor que os meus.

— Ei, mãe, — eu digo, abraçando-a e cheirando-a. Ela foi uma mãe adolescente, engravidando de mim aos dezesseis anos. Meu pai foi embora assim que ela descobriu que estava grávida e nunca olhou para trás. Meus avós também não ficaram entusiasmados, mas aceitaram como era. Ela se recusou a abandonar a escola; se recusou a tirar um ano de folga. Em vez disso, ela estudou em casa e se formou junto com sua turma com uma criança de um ano de idade. Em vez de ir embora, ela foi para a faculdade da comunidade em tempo parcial enquanto trabalhava em um emprego em tempo integral. Ela derrotou as probabilidades e se formou com uma licença em contabilidade. Ela comprou a casa no mesmo dia em que abriu seu próprio escritório.

— Eu não sabia que você me faria uma visita, — diz ela, olhando para mim. — Qual é o problema? — Ela pergunta, tirando os óculos do meu rosto.

— Eu fodi tudo, mãe, — eu digo, e ela olha para mim.

— Cuidado com a boca, por favor, — diz ela e depois se vira para entrar na casa. Eu a sigo, indo direto para a cozinha e abrindo a geladeira para pegar uma garrafa de água. Ela senta na ilha e olha para mim enquanto fico parado na cozinha. — Então o que você fez?

— Eu conheci alguém, — eu digo, olhando para ela, e vejo seu sorriso e, em seguida, o brilho em seus olhos. — Antes de você começar, nem sei se ela vai falar comigo de novo.

— Oh, vamos lá. Não pode ser tão ruim assim, — ela diz, mas quando lhe conto o que aconteceu, sua boca cai mais e mais. — Jesus, Hunter, como você pode ser tão... tão... tão... — Ela se levanta então, vai até a geladeira e pega a garrafa de vinho branco para servir-se de um copo. — Tão estúpido.

Eu rio para ela e do jeito que ela diz isso. — Eu sei mamãe. Confie em mim, eu sei.

— Ok, primeiro, — ela diz, pegando a taça de vinho, — o fato de você ter ido ao encontro de outra pessoa é ridículo.

Eu respiro fundo e exalo; desde que me lembro, minha mãe se certificou de que eu tivesse o mais profundo respeito pelas mulheres. Quando comecei a namorar, ela me sentou à mesa e me entregou uma caixa de preservativos; foi o momento mais desconfortável da minha vida. — Hunter, — ela disse, — só porque você está com tesão não significa que precise fazer sexo com essas garotas. — Eu pensei, ou pelo menos esperei que o chão se abrisse e me engolisse todo. — Não

tome a virgindade de uma menina só porque precisa, sabe. É uma coisa especial.

Eu me levantei da mesa naquela noite e deixei os preservativos sobre ela, mas durante a semana seguinte, os encontrei em lugares diferentes - minha mochila, minha mesa de cabeceira, no estojo de lápis.

— Eu te eduquei melhor do que isso, — diz ela, e não tenho nenhum argumento para isso. Nenhum.

— Eu sei, mamãe, — digo, e ela senta- se então, olhando para mim.

— Então, — ela diz, e a encaro.

— Então? — Eu digo, encostado no balcão.

— O que você vai fazer sobre isso? — Ela faz a pergunta complexa.

— Eu não tenho ideia, — eu digo, cruzando os braços sobre o peito.

— Você simplesmente vai desistir? — Ela sorri para mim.

— O que você quer que eu faça, mãe? — Eu digo. — Ela nem atende ao telefone.

— Há outras maneiras de entrar em contato com ela, — ela começa. — Vá até a casa dela e bata na porta.

— Mãe, ela não quer me ver.

— Eu não quero te ver, mas aqui está você em minha casa, — diz ela, e reviro os olhos.

— A única vez que você sentiu raiva de mim foi quando me alistei, — eu digo, e ela olha para mim.

Ela bate o balcão na frente dela. — Eu não estava com raiva. Eu estava com medo de te perder. Seu merdinha, — ela diz, e eu rio, indo até ela e abraçando-a. Seus braços envolvem minha cintura.

— Eu sei, mãe, — digo a ela e beijo sua cabeça.

— Você gosta dessa mulher? — Ela olha para mim e eu assinto. — Eu sei que você nunca magoaria intencionalmente alguém, então a grande questão é se você quer que ela te perdoe porque quer ser um bom rapaz, ou quer que ela te perdoe porque deseja vê-la novamente? Segurar a mão dela novamente, sorrir para ela de novo?

— A segunda, — digo a ela honestamente, e ela sorri, e aquele olhar está de volta.

— Bem, então você precisa começar a agir como adulto que usa cuecas.

— Boxers, — eu digo.

Ela revira os olhos. — Um adulto que usa boxers e faça ela te ouvir. Quero dizer, você é um SEAL da Marinha. Você salva o mundo, então pode conseguir que uma mulher fale com você, — ela diz, e eu sorrio. — Agora, você vai levar sua mãe para almoçar ou o quê? — Ela me pergunta, e eu apenas concordo. — Eu tenho que me trocar, — diz ela e sai do banco e corre os degraus para se trocar.

Eu pego meu celular e envio uma mensagem para Laney.

Ei, querendo saber se você tem um minuto para conversar.

Eu pressiono *enviar* e vejo que diz *entregue*. Olhando para as escadas, vejo minha mãe descendo. — Jesus, mãe, — eu digo a ela, assimilando seus shorts largos de linho rosa e camisa solta de alcinhas. Seu cabelo vermelho agora está pendendo numa trança lateral.

— O quê? — Ela diz, olhando para baixo e não vendo nada de errado com sua roupa.

— Você tem muita pele aparecendo, — eu digo com as minhas mãos apontando para os ombros e depois para as pernas dela com os chinelos brancos.

— Você acha? — Ela sorri para mim. — Bom. Espero que possa conseguir um encontro, — ela diz, e eu gemo. — Sou uma mulher saudável de quarenta e poucos anos, — ela começa e, em seguida, pega sua bolsa enorme, — com necessidades. — E eu coloco minha mão na cabeça e paro no caminho.

— Eu acho que estou enjoado, — digo, colocando a mão no meu estômago antes de sairmos.

— Oh, pare com isso, — diz ela. — Eu tenho que terminar a jardinagem quando voltar, — diz ela, observando o jardim que ela estava capinando quando cheguei. — Então, aonde você vai me levar? — Ela pergunta, entrando no carro.

— Quer mexicana? — Pergunto a ela, sabendo muito bem que ela nunca dirá não à comida de Guadalupe.

— Sim, — diz ela, pegando seu telefone e tirando uma foto de nós juntos. — Vou postá-la no Instagram.

— Você tem Instagram? — Eu lhe pergunto desde quando, e ela diz: — As garotas no trabalho me colocaram nisso e no Tinder.

Eu viro minha cabeça para ela. — Você jamais deve entrar no Tinder. Porra, mamãe, você sabe o perigo de usar o Tinder?

Ela olha para mim, rindo. — Cuidado com a boca. — Ela balança a cabeça enquanto olha para o telefone e digita alguma coisa. — Há perigo lá, — diz ela com um sorriso. — Eu vi Anthony lá.

— Oh, meu Deus. — Eu fecho meus olhos.

— Não se preocupe, eu só espiei. — Ela ri. — Mas mandei uma mensagem direta dizendo-lhe para mudar a foto dele.

— Posso ter uma conversa de mãe normal pela primeira vez na vida? — Pergunto. — Tipo uma conversa em que soo como a criança e você parece o adulto?

— Do que você está falando agora? — Ela pergunta, largando o telefone.

— Instagram, mensagem de Tinder. — Eu conto nos meus dedos. — Mães não devem saber disso.

Ela revira os olhos. — Oh, por favor, — diz ela, e eu nem sequer me incomodo em respondê-la ou conversar com ela enquanto dirijo para o restaurante de Guadalupe. Ela recebe minha mãe de braços abertos, dizendo-lhe que parece muito bem e sexy. Ela nos traz toda a comida - literalmente toda a comida que tem. E quando dou o beijo de despedida na minha mãe no final da noite, ela me faz prometer voltar no próximo domingo com Laney. Eu prometo, mesmo sabendo que talvez não consiga mantê-la.

Capítulo Treze

Laney

O almoço na casa dos meus pais passa como um caracol em uma maratona. Minha tia Martha está fazendo perguntas sobre Hunter. — Então, onde está o seu homem?

— Não tenho homem, tia Marta. Ele não era meu homem. Ele era um amigo — digo enquanto minha mãe me olha do outro lado da sala.

— Deixe-a em paz, Martha, — minha mãe diz, e então apenas saio da sala. Mamãe me deixa até que somos apenas nós duas. Estou sentada no quintal observando meu pai caminhar ao redor da piscina e tirar as folhas quando minha mãe sai carregando uma bandeja com um jarro de chá doce e três copos.

Ela senta em uma das cadeiras e me serve um copo. — Então, — diz ela, entregando-me um copo de chá com limão. — Qual é a história?

Eu olho para o meu pai ainda na piscina. — Ele era apenas um amigo, — eu digo, e minha mãe se recosta.

— Oh, por favor, — diz ela. — Apenas amigos, uma ova. Você literalmente tocou-o da cabeça aos pés na semana passada, — ressalta.

— Eu estava procurando por sua arma, — digo a ela honestamente.

— Isso é um código para pau? — Ela pergunta, e eu quase cuspo meu chá da minha boca. Mas eu engulo, e então engasgo com isso, tossindo.

— Mãe! — Eu grito. — O que você está dizendo? — Eu olho para ela, meus olhos piscando.

— Estou perguntando se você estava tentando... — Ela move as mãos quase como se estivesse emoldurando algo. — Tentando chegar ao pacote.

— Que pacote? — Meu pai pergunta quando se aproxima da mesa e senta conosco, minha mãe lhe serve um copo de chá doce.

— Nenhum pacote, — eu digo, olhando para a minha mãe sentada apenas movendo o pulso.

— Então, onde está Hunter? — Meu pai pergunta, recostando-se em sua cadeira. — Ele machucou você? — Pergunta ele. — Quero dizer, eu acho que posso pegá-lo se tiver que fazer. — Ele olha para a minha mãe que joga a cabeça para trás e ri. — Eu teria que fazer isso à noite, e provavelmente teria que pegá-lo desprevenido. Mas — ele aponta para mim — eu poderia pegá-lo.

Minha mãe inclina-se para frente na cadeira e beija sua bochecha. — Claro que você poderia querido.

— Ele era apenas um amigo.

— Era? — Meu pai é rápido em notar isso.

— É, — eu digo. — É um amigo. — Eu os vejo me observando, e sei que eles não vão deixar passar. — OK, tudo bem. Ele me chamou de estúpida, infantil e impulsiva.

Eu não sei por que espero que eles fiquem do meu lado. Não sei por que espero que meu pai jogue sua cadeira para trás e grite, mas nada disso acontece. Em vez disso, eu recebo olhares atentos. — Por quê?

— Perdão? — Eu digo-lhes, olhando primeiro para meu pai e depois para minha mãe.

— Por quê? — Meu pai começa. — Por que ele te chamou assim?

— Isso importa? O fato de que ele disse isso é o suficiente. — Eu olho para ele.

— Querida, — ele começa, e eu reviro os olhos e gemo, — ele parece uma pessoa razoável.

— Ok, — eu digo, jogando as mãos para cima.

— Então, uma pessoa razoável não vai simplesmente chegar e xingar as pessoas. O que aconteceu antes para fazê-lo tomar essa atitude?

— Essa atitude? — Eu digo, minha voz ficando mais alta enquanto minha mãe olha para mim, tentando imaginar. — O que importa o que eu fiz? O que ele disse não foi bom, e não é verdade.

— Eu concordo, — diz meu pai, — você não é estúpida.

— Eu sei, — Concordo e espero que ele continue.

— Você pode ser infantil, quero dizer, dependendo e, querida, você é tão impulsiva.

— Não foi minha culpa, — eu digo, batendo minhas mãos na mesa. — Foi Sandy, ok? Ela estava seguindo seu namorado, que, a propósito — eu olho para minha mãe — é Anthony. — Sua boca cai. — Sim. — Eu aceno. — Porque ela pensou que ele estava traindo-a.

Meu pai sacode a cabeça. — Eu sabia que isso tinha que ter algo a ver com Sandy.

— Não importa com quem ou o que tenha a ver. Ele me xingou e eu não gostei disso.

— Então, você partiu e não deu a ele uma chance de pedir desculpas? — Minha mãe diz. — Querida, você sabe que queremos apenas o seu melhor. Mas…

— Mas nada, mãe, — eu digo baixinho. — O que ele disse me machucou.

— Querida, — minha mãe diz, — ele não ficaria tão chateado se não se importasse.

— Não importa, — eu digo, balançando a cabeça. — Não importa. — Eu me viro para olhar para a piscina, e ninguém diz nada.

Eu os beijo em despedida, e eles me fazem prometer ligar-lhes esta semana. De volta em minha casa, tiro meus sapatos e saio. Ando até o corrimão e me inclino, observando a água. Sinto-me observada novamente. Eu examino as pessoas na praia, mas é tarde e a maioria das pessoas está embalando as coisas. Eu procuro o carro dele e não está lá. — Está tudo na sua cabeça, — digo a mim mesma, virando e indo direto para a cama.

Eu tiro meu rabo da cama na manhã seguinte, pegando o uniforme e nem mesmo faço um café. Convenço-me de que meu humor é só porque estou cansada, mas estou mentindo. Quando abro a porta para ir trabalhar, há outra rosa; desta vez, uma amarela.

Olho em volta, tentando ver se ele está aqui, mas não o vejo. Eu me inclino para pegar a rosa. Levando-a ao nariz, eu sinto o cheiro antes de ler a nota pendurada nela.

No segundo dia que passamos juntos, o sol estava brilhando, mas tudo que vi foi o seu sorriso.

Eu sinto muito.

Hunter

Eu pisco para eliminar a repentina comichão em meus olhos, então viro e entro em casa para colocá-la no vaso com a azul. Deixo as notas penduradas nelas.

Eu olho para baixo o tempo todo que ando até o carro, e então vou para o trabalho. — Hora do show, — eu digo, pegando minha bolsa e

entrando no trabalho. Eu sorrio para todos e finjo que nada está errado. Mesmo quando Teressa me pergunta sobre o meu fim de semana, acabo dizendo que foi ótimo.

Depois do trabalho, em vez de dirigir para casa e sentar no meu apartamento, dirijo-me ao parque. Saindo, eu ando pelo caminho pavimentado que serpenteia ao redor da grama verde e das enormes árvores. Carrinhos de crianças estão por toda parte porque as pessoas estão aproveitando o bom tempo. Eu vejo algumas pessoas sentadas juntas. Uma turma de ioga está no lado direito e uma de tai chi no outro. Vejo um banco de madeira vazio, então sento nele e olho em volta, observando a aula de ioga. Quando acaba, vejo alguns deles permanecer ali rindo. O que diabos há de errado comigo? Eu o conheço há uma semana - uma - e parece que perdi um pedaço de mim, como se estivesse faltando algo.

Os próximos cinco dias são praticamente os mesmos. Depois do terceiro dia, me dei até sexta-feira para sair dessa ou chutaria minha própria bunda. Mas parece que toda vez que acho que tudo vai ficar bem, abro a porta de manhã e, vejo colocada no degrau uma rosa com uma nota diferente. Eu continuo colocando-as juntas, dizendo a mim mesma que não importa.

A última foi uma rosa negra.

A cor que você usava quando me apaixonei por você.

Eu sinto muito.

Hunter

Eu vou deixá-la em paz.

Eu não sei se foi o fato dele ter dito que me deixaria em paz, ou o fato de ter dito que se apaixonou por mim, mas eu entro

novamente. Fechando a porta, eu pressiono minhas costas nela, deslizando para o chão, e um soluço irrompe por mim enquanto seguro a rosa no meu peito. Talvez seja isso o que eu preciso – chorar para tirá-lo da cabeça.

Eu choro por cinco minutos, depois me levanto e olho no espelho. Nada vai tirar as olheiras que tenho, ou o fato de que meus olhos estão injetados e meu nariz vermelho. Coloco meus óculos de sol e vou para o trabalho.

— Ei, você está bem? — Teressa pergunta quando saio do meu consultório.

— Sim, — eu digo, — eu acho que estou pegando um resfriado.

— Bem, você tem o fim de semana para relaxar, — diz ela, sorrindo. Eu passo de paciente a paciente, o tempo todo meu coração doendo, minha mente vazia.

Eu olho o próximo prontuário e vejo que é Anthony. Eu analiso e entro na sala de exames. — Olá, — eu digo, e então vejo Sandy sentada no canto.

— Ei, — diz ela, olhando para mim, e eu tento evitar fazer contato visual com ela. Se alguém pode ver além da minha mentira, é Sandy.

— Vamos ver o que temos, — eu digo, olhando para os raios-X. Eu trabalho em seu dente e, quando termino, sorrio para ambos. — Você vai ficar bem.

— Muito obrigado, — diz Anthony. — Te devo uma.

— Não se preocupe com isso, — digo a ele e depois olho para Sandy. — Ligue para mim mais tarde. — Eu tento me virar, mas o tom em sua voz me impede.

— Oh, foda-se não, — diz ela, e sei pelo tom que teremos esse papo aqui. — Parece que você perdeu uns bons cinco quilos, e considerando que você era magra pra caralho antes, você parece horrível.

— Uau, — eu digo, — obrigada. — Eu cruzo os braços sobre o peito. Ok, talvez eu tenha perdido um pouco de peso, mas não cinco quilos.

— Eu sei o que você precisa, — diz ela, e eu fecho meus olhos, sabendo que isso não vai ser bom. Ela vai apresentar um plano que eu não vou gostar, mas vou adiante com isso para calar sua boca. Como a tocaia. — Você precisa voltar lá. Você teve um gostinho do P e precisa de mais dele. — Ela então se vira para Anthony. — Seu amigo Dante, ligue para ele. Nós iremos a um encontro duplo. Esta noite.

— Oh, não, — eu digo, levantando minhas mãos. — De jeito nenhum.

— Anthony, ligue para ele, — diz ela, e ele pega o telefone e começa a digitar. — Por que você não está ligando para ele?

— Porque somos homens; nós mandamos mensagens, — ele diz a ela, então olha para mim. — Você sabe que ela vai persegui-la se não concordar. Pode muito bem ceder agora e aguentar por uma hora.

— Veja, — ela diz, apontando para ele, — meu homem me entende.

— Seja como for, — eu digo, sabendo que ela não vai desistir. — Eu vou por trinta minutos, então tenho coisas para fazer.

— Como o quê? Passar fome, assistir Netflix? — Ela diz, cruzando os braços sobre o peito.

— Eu nem sei por que somos amigas, — digo a ela e, em seguida, viro-me para sair quando ela começa a rir. Trinta minutos e ela vai sair do

meu pé. Trinta minutos sentada em uma mesa em outro encontro às cegas. *Eu posso fazer isso.*

Capítulo Quatorze

Hunter

— Onde diabos está todo mundo? — Eu digo, gritando do meu escritório, e ouço Rachel gritando de volta.

— Longe do seu rabo irritado! — Ela grita, e eu reviro os olhos.

— Há uma reunião de pessoal às três! — Eu grito de volta.

— Oh, bom, mal posso esperar! — Ela grita novamente, e eu fecho meus olhos. Eu estive no inferno esta semana. Não consigo dormir, não posso comer, não posso fazer nada além de ver o rosto magoado de Laney na minha cabeça girando e girando em replay. Eu tentei ligar para ela, mas vai direto para o correio de voz, então sei que ela bloqueou meu número. A única coisa que posso fazer é deixar as notas, mas até eu posso entender a indireta.

Toda noite, vou para casa exausto, esperando adormecer. Esperando que o maldito sono chegue e me leve. Em vez disso, fico revirando na cama a noite toda porque os lençóis ainda cheiram a ela.

Ela está ao meu redor. Segunda de manhã, deixei a primeira rosa à sua porta. Então fui até meu Audi e a observei. Ela não sabe que este é o meu segundo carro, então não me viu. Observei-a pegar a rosa e levá-la ao nariz; a necessidade de segurar seu rosto em minhas mãos quase me fez subir as escadas. Eu esperava que ela me mandasse uma mensagem. Eu esperava algo, mas não consegui nada, então todas as noites, comprei uma rosa e escrevi minha nota, colocando-a do lado de fora da porta.

Hoje, coloquei a última rosa em sua porta. Talvez ela não se importe. Talvez ela tenha seguido em frente. Talvez eu tenha sentido mais do que ela.

Eu pego o arquivo na minha mão e desço as escadas, vendo todos reunidos para a reunião da equipe. Dante e Brian sentam-se juntos e estão analisando o jogo de basquete da noite passada. Dominic está olhando para alguma coisa com Rachel, e Anthony está sozinho enquanto digita em seu telefone, e eu sinto vontade de dar um soco em sua garganta.

Se não fosse por ele e seu pau, eu não estaria nessa situação. — Ok, vamos acabar com isso, — eu digo, e todo mundo olha para cima. — Acabei de saber que o vice-presidente virá para a cidade de férias com a família, por isso temos muito trabalho pela frente. Nós lidaremos com o exterior; sua equipe cuidará do interior. — Eu passo a Rachel o endereço do local, e ela digita. A casa aparece na grande tela de projeção.

Revisando os planos, olhamos para as imagens projetadas enquanto Rachel muda de ângulo para ângulo. Quando achamos que cobrimos tudo, Rachel ri e todos nós olhamos para ela.

— Senhores, — diz ela. Pressionando as teclas em seu computador, ela mostra a planta. — Aqui, aqui e aqui, — diz ela, apontando três falhas separadas em nosso plano, então tomamos notas para ajustar. Outra razão pela qual não posso demiti-la.

— Boa sacada. — Eu aceno, e ela apenas dá de ombros. — Então, se isso é tudo, — eu digo, concluindo a reunião, — acho que terminamos. Tenham um ótimo fim de semana porque a próxima semana vai ser louca. — Rachel se levanta, subindo as escadas. Eu a observo, mas também noto Dante observando-a. Ele espera até que ela esteja fora do alcance da voz antes de se virar para os caras. Algo está acontecendo, mas

não quero ultrapassar nenhuma linha. Estou juntando o arquivo quando ouço Dante falar primeiro, a voz dele mais baixa que o normal. — Então, essa garota com quem você está me arranjando um encontro é realmente gostosa?

Eu olho para Anthony, que olha para mim, e então olha para Dante imediatamente. — Ah...

— Ela é uma dentista mesmo? — Ele diz, e eu bato minha mão na mesa.

— Você está arranjando um encontro de Laney com Dante? — Eu grito com ele.

— Não, — diz ele, balançando a cabeça. — OK, tudo bem. Talvez.

— Você não vai tocá-la. — Eu aponto para Dante, então me viro para Anthony. — Você não vai lhe arranjar porra nenhuma.

— Eu não estou, — diz ele, levantando as mãos em sinal de rendição. — Sandy está.

— Você está indo em um encontro às cegas? — Eu ouço Rachel dizer por trás dele, e seu rosto fica branco. — Realmente.

Ele olha para os caras que estão olhando para ele com uma sobrancelha levantada.

Eu nem me incomodo em esperar que o que está acontecendo ali se desenrole. Em vez disso, eu me volto para Anthony. — Aquela mulher, — eu digo, fechando os olhos e segurando a ponte do meu nariz.

— Ela não aceita um não como resposta, — Anthony começa. — Nós fomos arrumar meu dente, e bem, Laney parecia horrível, então Sandy pegou no seu pé. — Eu olho para Dante, que está olhando para Rachel, que está olhando para ele. Se olhares pudessem matar, Dante seria bicho morto.

— Eu posso explicar. — Dante agora se levanta e olha para Rachel.

— Isso é muito melhor do que eu pensava que seria, — diz Dominic, batendo no braço de Brian. — Nós deveríamos ter trazido pipoca, — diz ele, e Brian apenas sorri e balança a cabeça.

— Eu realmente não preciso ouvir sua explicação sobre como você vai a um encontro às cegas hoje à noite. Hoje à noite, — ela diz, caminhando para sua mesa e jogando seu fone de ouvido nele.

— Rach, — diz ele, e agora até eu observo quando ele a chama assim. Ninguém a chama de Rach. — Ele me encurralou, — Dante começa. — O que eu deveria fazer?

— Minha irmã me encurralou, — ela começa, e Dante agora volta a olhar feio para Anthony.

— Sua irmã me odeia, — ele aponta.

— Minha mãe me encurralou, minha tia me encurralou, minha avó me encurralou, — ela grita, — mas eu fui nunca fui a encontro às cegas! — Ela pega sua bolsa, olhando para mim. — Estou fora.

— Onde diabos você está indo? — Dante grita.

— Não é da sua conta, — ela diz a ele. — Aproveite o encontro. — Ela tenta passar por ele, e ele pega o braço dela. Dominic e Brian agora ficam alertas. — Tire suas mãos de mim.

— Foda-se isso, — diz ele, e sua outra mão agarra o rosto dela. — Chega, — ele diz antes de beijá-la. Ficamos parados esperando para ver se ela quer isso ou não, prontos para pegar os pedaços das bolas de Dante se ela não quiser.

Levantando-se, Dominic enfia a mão no bolso e tira uma nota de vinte, entregando-a a Brian. — Acertou, — diz Dominic quando Brian agarra os vinte e coloca no bolso da frente de sua jaqueta.

Dante solta Rachel e depois pega a mão dela, olhando para nós. — Estamos juntos.

— Verdade? — Anthony finalmente diz. — É por isso que você estava chupando o rosto dela?

Dante revira os olhos para ele, mas não libera Rachel. Anthony agora olha para Dominic e Brian. — Algum de vocês está livre para um encontro às cegas? — Ambos sorriem, balançando a cabeça. — Ela parece horrível, — diz ele, olhando para mim, depois de volta para os rapazes, esperando que um deles caia nessa. Os caras evitam contato visual. — Me sinto mal.

— Ela não parece horrível, — digo a ele, e ele vira a cabeça para mim interrogativamente.

— Como você sabe? — Pergunta ele.

— Eu... — eu digo, batendo com os dedos na mesa, — Posso tê-la seguido de manhã.

— Oh, meu Deus, — diz Dante e olha para os outros dois caras que apenas ficam lá com os olhos arregalados.

— Você a segue? — Anthony diz, batendo a mão na mesa. — Você a segue? — Ele repete.

— Eu não teria que segui-la se não fosse por você e seu pau esfolado! — Eu grito para ele.

— Oh, não, — diz ele, balançando a cabeça. — Você não vai me culpar por isso. Você e essa sua boca sem-filtro o colocou nessa bagunça. Meu pau talvez seja dez por cento responsável por isso.

— Se não fosse pelo seu pau, Sandy não teria pensado em segui-lo e fazer Laney vir também, — indico para ele.

— MEU PAU ESTAVA EM CARNE VIVA! — Ele grita. Quando eu ouço a risada de Rachel ao meu lado, olho para ela, para vê-la parada na frente de Dante com as mãos dele ao redor dela, puxando-a para perto. Anthony levanta-se então, mas segue falando. — Você sabe quanto sexo um cara tem que fazer para seu pau doer? — Quando ele olha ao redor da sala para ver se alguém vai responder, ele se vira. — Uma tonelada. — Eu reviro meus olhos. — Eu nunca pensei que seria possível, mas sete horas de sexo literalmente farão seu pau sangrar.

— Você usou alguma coisa? — Pergunta Dominic. — Eu acho que o máximo de tempo que transei foi por três horas, mas foi com interrupções.

— Não. — Anthony balança a cabeça. — Meu pau só precisa vê-la e boom, bate continência. — Ele usa o braço para apontar para cima.

— Estamos fugindo do assunto aqui, — digo a eles.

Anthony se vira para mim. — Hã, não, acho que estamos no assunto certo. Você é um stalker assustador. E precisa de uma intervenção.

— Eu não sou um stalker, entendeu? Eu só queria ter certeza de que ela estava bem. — Eu digo a eles e aguardo.

— Bem, ela não está, — diz Anthony. — Ela parece horrível. — Eu olho para ele. — Sandy disse isso, não eu.

— Bem, eu vou jantar com você hoje à noite, então Dominic e Brian, vocês estão fora, — eu digo a eles. Dominic apenas levanta as mãos e Brian assente. Então eu olho para Anthony. — Você não virá também.

— Bem, então como diabos você planeja falar com ela? — Ele pergunta, e eu faço um plano.

— Você manda uma mensagem para Sandy e diga que vamos para Guadalupe, — digo a ele.

— Ótimo, — diz ele, recostando-se em sua cadeira. — Eu estou morrendo de vontade de mexicano.

— Você não virá, — digo a ele, e ele levanta uma sobrancelha. — Você manda uma mensagem para Sandy e diga para ela pedir a Laney para nos encontrar lá, mas você não vai. Eu estarei lá esperando por ela.

— Eu não sei, — diz Anthony. — Sandy vai ficar chateada.

— O que de pior pode acontecer? Ela te nega sexo, e seu pau se recupera? — Ele dá de ombros. — Agora, mande uma mensagem para Sandy e garanta que Laney chegue lá as sete, — eu digo, saindo da sala e colocando o plano em movimento. Anthony me manda uma mensagem de que foi feito. Saio do escritório e vou para Guadalupe e conto-lhe meus planos. Ela não fica feliz comigo quando lhe conto por que estou de castigo, mas ela entende.

Veja, Guadalupe e eu nos conhecemos quando participei de uma missão no México para resgatar uma garota que foi sequestrada, e ela estava na mesma cela com a garota. O que ela não sabia era que o marido dela era um dos informantes do cartel de drogas. Ela achou que ele fosse um policial, mas quando descobriu que ele estava sujo, ela ia até a polícia, mas ele a pegou antes que ela tivesse a chance.

Quando desembarcamos, ela deu ao governo dos EUA algumas informações importantes sobre as coisas e eles a colocaram no programa de proteção a testemunha. Ninguém realmente sabe do restaurante, exceto os homens que a trouxeram aqui e alguns surfistas locais.

Eu pego um cobertor e uma esteira de madeira, colocando-os na praia. Rodeando-a com luminárias, pego algumas almofadas e coloco-as em ambos os lados da esteira. Guadalupe sai e começa a colocar algumas

rosas na mesa e uma luminária no meio. — A comida está pronta, — ela me diz às seis e meia. — Boa sorte, Sr. Hunter, — diz ela e se afasta.

Sento-me no cobertor, tirando meus sapatos e meias. Tiro meu casaco e arregaço as mangas da minha camisa azul bebê. Olho para o relógio a cada segundo até ouvir o ruído do carro dela nas pedras. Eu respiro fundo e exalo. — É isso, — digo a mim mesmo, meu coração de repente batendo mais rápido do que nunca. Minhas mãos ficam suadas e úmidas, e eu as esfrego na frente das minhas calças.

— Lá vamos nós, — digo para mim mesmo. Eu não tenho ideia do que diabos direi a ela, e de repente estou arrependido por não ter escrito um discurso ou algo assim.

Levanto-me e volto a olhar para a parte de trás do restaurante. Eu vejo a sombra dela andando pelo restaurante e olhando em volta. Vejo-a caminhar até a parte de trás do restaurante e abrir a porta de vidro. Ela não me vê até que anda até a beira do terraço. Eu a observo, e se ela não tivesse me nocauteado antes, o faria agora.

Ela está usando uma saia preta apertada com listras brancas até nos tornozelos, combinando com uma blusa de gola alta de manga comprida, mostrando apenas um pouco da barriga. Os mesmos saltos que ela usou na minha casa há uma semana. Seu cabelo está solto e em cachos, e não quero nada mais do que enterrar minhas mãos nele e beijá-la. Eu levanto minha mão para ela e sorrio um pouco.

Ela fica lá por um tempo que parece uma eternidade, mas é só um minuto antes de ela inclinar-se e tirar os saltos. Ela sai deles e caminha até a praia, olhando para mim da cabeça aos pés. Ela vê meus pés descalços e depois olha para o lado para ver meus sapatos e meias.

— Ei, — eu digo quando ela chega perto o suficiente.

— Você não é Dante, — diz ela, e eu balanço a cabeça.

— Não. — Eu coloco minhas mãos nos bolsos porque elas coçam para tocá-la. — Eu não sou Dante.

— O que você está fazendo aqui? — Ela me pergunta, agora de pé ao lado da imitação de mesa que montei para nós na praia bem na minha frente.

— Bem, além de roubar o seu encontro, — eu tento fazer uma piada, — eu queria ver você.

— Sério? — Diz ela, cruzando os braços sobre o peito. — E por que isto?

— Eu quero me desculpar e dizer-lhe que sinto muito na sua frente, — eu digo a ela. Estou tão nervoso agora que talvez ela não se importe mais.

— E você não poderia ter feito isso ontem, ou talvez no dia anterior?

— Eu não sabia como, — digo-lhe a verdade.

— Você deixou todas aquelas rosas, todas aquelas notas. Nem uma vez pensou em bater na minha porta, mas agora você sabe?

Eu respiro fundo. — Hoje foi a última rosa que deixei você, — eu digo a ela, e vejo algo passar em seus olhos. — Todos os dias, eu deixei a rosa e esperei no carro, na esperança de ter coragem de sair e falar com você, mas não tive. — Desta vez, eu me aproximo dela, esperando que ela não me afaste. — Eu não pude, ou fui, porque não queria ouvi-la dizer que não queria mais me ver. Eu não queria pensar em ser incapaz de vê-la novamente. — Paro na frente dela agora. — Eu sinto muito por te chamar de estúpida e imprudente, — eu digo, e ela olha para baixo e afasta uma

lágrima que começou a rolar pelo seu rosto. Eu coloco minha mão sob o queixo dela, levantando seu rosto para olhar para mim. — Eu sinto tanto.

— Eu não sou imprudente, — diz ela, e eu apenas a observo. Eu memorizo seu rosto, então me certifico de nunca esquecer. — Eu admito que não foi o meu melhor momento, e que não deveria ter deixado Sandy sair daquela maneira. Mas...

Eu a cortei. — Eu não sei o que faria se algo acontecesse com você por estar no lugar errado na hora errada, — digo a ela, e ela apenas olha para mim. — A primeira garota que tivemos que resgatar estava no Panamá com sua melhor amiga, que decidiu ter uma noite divertida e despreocupada. Bem, foi ela que foi levada e espancada e estuprada repetidamente por três dias seguidos. Quando finalmente a resgatamos, ela mal se aguentava.

— Oh, meu Deus, — diz ela e se aproxima de mim, estendendo a mão para tocar meu rosto. — Hunter.

— Eu sei que não é a mesma coisa, — digo a ela. — Eu sei que Sandy nunca faria isso. — Minha mão cai de seu rosto, pousando em seu quadril. — Eu só… fiquei possesso. Tanta coisa poderia ter acontecido. Ver você lá, ver Sandy pulando e saltando, se Kelly tivesse uma arma e atirasse nela ou em você por acidente. — Eu balanço minha cabeça. — Eu não consigo.

Ela fica na ponta dos pés, inclinando-se para mim. — Senti sua falta, — diz ela suavemente, as ondas quebrando no fundo, quase inaudível.

— Eu observei você de sábado até domingo à noite, — eu digo a ela. — Eu fui até a casa dos seus pais com você. — Ela engasga. — Eu sei que é assustador, mas tive que ver se você estava bem.

— Ninguém nunca se importou o suficiente para fazer isso, — diz ela. — Eu terminei com Trevor, e ele nem sequer mandou uma mensagem. Ele enviou um entregador com minhas coisas no dia seguinte.

— Ele é um idiota, — eu digo a ela, meus braços envolvendo sua cintura para trazê-la para perto de mim. — Você vai me perdoar? — Eu pergunto a ela e prendo a respiração.

Suas mãos vão para o colarinho da minha camisa. — Você tirou seus sapatos e meias, — diz ela, sorrindo e olhando para baixo. — Você fez isso por mim.

— Eu não vou te dizer o quanto isso está me matando. — Eu rio. — Mas sim.

— Você vai me levar para casa? — Ela me pergunta. — Para a sua casa? — Eu olho para ela. — Para o fim de semana.

— Pelo mês, se você quiser, — eu digo a ela, inclinando-me e curvando a cabeça. — Pelo ano, pelo tempo que você ficar, — eu digo logo antes de beijar seus lábios, meu coração finalmente, batendo normal.

Capítulo Quinze

Laney

No minuto em que o vi, meu coração literalmente pulou uma batida, deu um salto e fez cambalhotas. Pense numa reação, ele teve. Tirei meus sapatos e caminhei até ele na praia.

Ele estava ali ao lado do que parecia um piquenique na praia. Almofadas ao redor da caixa de madeira. Ouvir as coisas que ele me disse, ouvi-lo contar seus medos deixaram tudo claro.

— Você vai me levar para casa? — Eu pergunto a ele. — Para sua casa? — Ele olha para mim, seus olhos brilhando. — Para o fim de semana.

— Pelo mês, se você quiser, — ele me diz imediatamente, inclinando a cabeça para mim e descansando a testa na minha. — Pelo ano, pelo tempo que você ficar, — ele sussurra para mim antes de beijar meus lábios. Minhas mãos envolvem seu pescoço, meu corpo finalmente relaxando contra ele.

— Essa coisa toda poderia ter sido evitada se você tivesse simplesmente batido à minha porta e falado comigo, — digo a ele.

— E se você me recusasse? — Ele diz, o medo em seus olhos.

— E se eu não recusasse e evitássemos isso? Sim, eu estava com raiva e, sim, posso ter exagerado um pouco, mas o que você disse me machucou, — digo a ele.

— Sinto muito, — ele sussurra. — Perdoe-me e volte para casa comigo.

— Podemos comer primeiro? — Eu digo a ele quando o solto. — Eu meio que não tive fome ultimamente, mas de repente... — Eu não digo mais nada porque ele beija meu pescoço e corre de volta para o restaurante.

— Sente. Vou buscar a comida — diz ele por cima do ombro. Eu me sento na manta com os pés ao meu lado. Observo a água e depois ouço a porta fechar. Virando, vejo-o saindo com duas bandejas. — Eu acho que peguei tudo, — diz ele, e eu me levanto para ajudá-lo. Eu pego uma bandeja e o cheiro das especiarias me atinge imediatamente.

— Ela fez tamales frescos esta manhã e tentou uma nova receita, ela disse, para a tigela de burrito. Ela quer que você diga se está bom, — ele diz, e eu coloco minha bandeja na mesa de madeira improvisada. Hunter se ajoelha, colocando a bandeja sobre a mesa, e quando vejo tacos e enchiladas, minha boca fica cheia d'água.

— Eu quero toda a comida, — eu digo quando ele se senta ao meu lado, e se inclina e me beija. Ele me entrega um prato e eu o encho com mais comida do que posso comer, mas vou me esforçar.

Nós comemos enquanto ele me informa sobre como esteve infeliz a semana inteira. Eu olho para ele. — Eu não estava muito melhor, — eu lhe conto sobre como fiquei animada com as rosas, mas tudo o que eu realmente queria era que ele viesse e falasse comigo.

Eu termino de comer e me inclino nos travesseiros. — Eu acho que vou explodir, — eu digo, e ele se levanta, empilhando os pratos nas bandejas. — Qual é a pressa?

Ele olha para mim. — Eu não tive você por sete dias; essa é a pressa. — Ele simplesmente empilha tudo e depois se levanta. — Pegue suas coisas.

Eu rio dele. — Sete dias não é muito, — indico a ele.

— É quase como se fosse um ano, — diz ele, e eu me levanto e o ajudo a carregar os pratos. Leva-nos três viagens, mas finalmente limpamos tudo. — Tudo bem, — ele diz enquanto eu coloco meus sapatos, — onde estão as chaves do seu carro?

— Na minha bolsa, — eu digo a ele. — Por quê?

— Eu vou dirigir, — ele me diz, estendendo a mão.

— Onde está o seu carro? — Eu pergunto a ele, entregando-lhe as chaves.

— Anthony me deixou aqui, — diz ele, sorrindo quando pega minha mão e leva meus dedos a boca, onde me beija.

— Eu estava esperando que você me perdoasse.

— Você fez isso a si mesmo, — digo a ele. — Da próxima vez, supere e venha me ver.

— Não vai ter uma próxima vez, — ele me diz, abrindo a porta para mim e me beijando antes de eu entrar. Ele tem que colocar o assento todo para trás quando entra, e eu rio dele.

— É muito apertado, — diz ele, ligando o carro e indo para sua casa. Quando chegamos, vejo o Audi branco que esteve estacionado na frente da minha casa a semana inteira.

— Aquele é o seu carro? — Eu digo, apontando para ele, e ele concorda.

— Sim, é o meu carro à paisana, — diz ele, saindo e batendo o joelho no volante. — Filho da puta, — ele diz, e eu rio, saindo do carro e encontrando-o.

— Você está bem? — Eu pergunto enquanto ele faz uma carranca para mim. — Não se preocupe, eu vou beijar para sarar. — Eu pisco quando ele pega a minha mão e me puxa para a porta da frente.

— Você quer ir lá fora ou...? — Ele diz, destrancando a porta. Eu não lhe respondo. Em vez disso, entro, espero que ele siga, e então pego sua mão. Eu largo minha bolsa no chão e vou direto para as escadas. Subo as escadas em direção ao seu quarto.

Entro em seu quarto, a luz fraca brilhando atrás de sua cabeceira. Os lençóis estão uma bagunça, parecendo quase como se tivessem sido emaranhados. — O que aconteceu? — Eu pergunto, caminhando para sua cama e vendo a coberta torcida em uma bola, o lençol puxado para fora e revirado.

— Eu, — ele começa a dizer, e olho para ele e vejo que todas as almofadas estão em cima umas das outras. — Eu tive dificuldade em dormir, e eu só queria sentir seu cheiro.

— Oh, meu, — eu sussurro e pego um travesseiro e o levo ao nariz. — Isso é meu.

— Eu sei, — diz ele, vindo até mim. — Eu ia para a cama com isso em meus braços.

Eu pouso o travesseiro e vou até ele, minha mão indo até o seu rosto. Ele vira o rosto para beijar minha palma, sua mão indo para o meu quadril. — Eu senti sua falta. — digo-lhe a verdade. — Tanto, — eu digo a ele e me inclino, beijando seus lábios, sua boca se abrindo para mim, e minha língua encontrando a dele. Nós dois gememos na boca um do outro. Suas mãos vão dos meus quadris para meus seios. Ele os cobre, e meus mamilos endurecem sob o seu toque. Ele empurra a minha camisa

para cima, pegando meu sutiã entre os dedos e rolando meus mamilos enquanto o faz.

Minhas mãos vão para os quadris dele. Eu movo meu dedo indicador descendo do cós dos seus quadris para frente de suas calças, roçando meu dedo contra a ponta de seu pau. Eu sei imediatamente que o excitei porque ele aperta meus mamilos ainda mais forte, e o sentimento atinge direto no meu núcleo.

Eu não posso mais esperar, então me afasto dele e abro o seu cinto. O som de eu puxando o seu zíper ecoa no quarto. Empurrando sua calça para baixo em torno de seus quadris, eu caio de joelhos e olho para ele um pouco antes de lamber o pré-gozo de seu pau, seus olhos me observando quando tomo sua cabeça na minha boca.

Eu vejo seus olhos se fecharem quando o levo mais e mais fundo em minha boca. — Foda-se, — ele sussurra, agarrando meu cabelo. Eu o levo em minha boca uma e outra vez. Seus olhos se abrem e ele olha para mim enquanto lentamente fode meu rosto. Minha mão o agarra na base, e eu o manipulo enquanto ele fica cada vez maior na minha boca. — Porra, eu vou gozar, — diz ele. Ele tenta tirar o pau da minha boca, mas eu o impeço e o levo mais fundo até que ele joga a cabeça para trás e goza na minha garganta. — Laney. — Eu engulo tudo dele, deixando-o sair quando sei que acabou. — Isso foi... — ele diz, seu peito arfando. — Isso foi …

— Bom? — Eu rio para ele, tentando ajudá-lo a preencher o espaço em branco.

— Melhor do que bom, — diz ele, puxando o resto de sua camisa e, em seguida, desabotoando-a lentamente. — Mas você sabe o que é melhor? — O olhar que ele me dá faz meu estômago sentir todas as

borboletas do mundo. — Reciprocidade, — diz ele, jogando a camisa no chão e tirando os sapatos.

Quando ele está nu, anda até mim. Agarrando minha camisa, ele puxa com o sutiã sobre minha cabeça. — Humm, — diz ele, inclinando-se e tomando um mamilo em sua boca, em seguida, indo para o outro e cantarolando também. Ele dá uma pequena mordida e minhas costas arqueiam. Suas mãos vão para os meus quadris, e ele tira minha saia, deixando-me na pequena calcinha de renda, e eu digo pequena mesmo. Ele corre um dedo pela frente; arrepios enchem meu corpo inteiro, e então ele agarra os lados e a rasga do meu corpo. Eu olho para ele chocada, e tudo o que ele pode fazer é sorrir para mim. — Oops, foi mal, — diz ele um pouco antes de me empurrar na cama e enterrar o rosto entre as minhas pernas.

Capítulo Dezesseis

Hunter

Algo faz cócegas no meu nariz, fazendo-me abrir os olhos lentamente. Eu olho para baixo e vejo que o cabelo de Laney está meio no meu rosto. Ela se move como um ninja quando dorme. Eu afasto o cabelo do meu rosto e olho.

Depois que a fiz gozar na minha língua, a fiz gozar no meu dedo e depois no meu pau. Então aproveitamos a banheira, ela se inclinou para o lado, com espuma de sabão por toda parte... só de pensar nisso faz meu pau subir. — Nenhuma chance no inferno. — Eu ouço um grunhido ao meu lado.

— O quê? — Eu pergunto, olhando para ela. Quando saímos da banheira, ela nos fez arrumar a cama. Eu não entendi desde que íamos dormir nela, mas teria saído e pendurado à porra da lua se ela pedisse.

— Eu sinto um taco de beisebol na minha perna, — diz ela, e eu rio porque estou de costas e sua perna está jogada sobre meus quadris e também a sua mão.

Eu rolo para o meu lado, agarrando-a em meus braços. Sua perna ainda está sobre meu quadril, mas sua vagina está exatamente onde precisa estar. Está aberta e esperando, mas não sou eu quem faz nada. Ela é aquela que lentamente inclina seus quadris. Eu gemo quando ela faz isso de novo. — Eu estou tomando pílula, — ela diz, — e depois de Trevor, tenho feito o teste a cada seis meses.

— Estou limpo, — digo a ela. — Fazemos exames de sangue a cada seis meses. — Eu não digo mais nada quando ela desliza para cima de

mim. Nós dois gememos quando finalmente estou todo enterrado nela. Nós não dizemos nada um ao outro enquanto nossos quadris balançam lentamente em sincronia, e quando ela goza, enterra o rosto no meu pescoço, e eu a sigo.

— Eu posso me acostumar a acordar assim todos os dias, — eu digo enquanto ela se aconchega em mim, meu pau ainda enterrado nela.

— O que você quer fazer hoje? — Ela me pergunta.

— Hum, ficarei muito feliz fazendo exatamente isso hoje, — eu lhe digo, e ela inclina a cabeça para trás, rindo. Eu me inclino para frente e beijo seus lábios.

— Eu preciso de comida, e você precisa de comida, — ela diz, — então que tal você preparar o café e eu tomo um banho?

Eu aceno, e ela rola para longe, levantando da cama e indo para o banheiro. Levanto-me e a sigo até ao banheiro, encontrando-a no chuveiro com o cabelo amarrado no alto da cabeça. Ela me vê entrando. — Oh, não, você não pode. — Ela ri quando eu abro a porta.

— Há espaço suficiente aqui para dois, — digo a ela.

— Há espaço suficiente aqui para um time de futebol, — diz ela.

Eu fico do meu lado, saindo do chuveiro primeiro.

— Você tem alguns shorts e uma camiseta que eu possa pegar emprestado? — Ela diz. Saindo do chuveiro, envolve uma grande toalha branca ao redor dela enquanto eu estou vestindo minha boxer e shorts.

— Eu gosto de você assim, — eu digo a ela, piscando. — Na verdade, — eu digo, pegando-lhe shorts, — eu gosto de você sem a toalha.

— Sim, bem, eu não acho que me sentar totalmente pelada lá fora vá pegar bem com seus vizinhos.

Eu ando até ela com shorts nas mãos, estendendo-o para ela. — Ninguém pode ver você nua, a não ser eu, — eu digo, beijando seus lábios. — Você precisa trazer roupas. — Eu me viro para pegar uma camiseta. — Eu vou abrir espaço hoje, e podemos ir até sua casa e pegar algumas coisas.

— Ou, — diz ela, — posso pegar as suas emprestadas até a próxima vez.

— Não, — eu digo, balançando a cabeça, — prefiro o meu plano.

Eu beijo seu pescoço e saio do quarto para descer e abrir as janelas traseiras. Eu inicio o café, fazendo o meu primeiro e depois o dela. No momento em que termino seu café, vejo-a descendo as escadas, usando meu short enrolado na cintura algumas vezes, a camiseta preta amarrada em um nó ao lado e o cabelo ainda preso.

— Esse é meu? — Ela diz, apontando para a xícara cheia de café.

— Sim, — eu digo e me inclino para beijá-la, e então ouço a fechadura da frente sendo aberta. Viro minha cabeça, sabendo que apenas três pessoas têm meu código - Anthony, Rachel e minha mãe.

Laney olha por cima do meu ombro, e meu palpite está correto quando vejo minha mãe entrar. Exceto que ela não se veste como uma mãe. Ela está vestindo shorts verdes enrolados, tornando-os ainda mais curtos, e uma camisa de seda preta com as mangas arregaçadas. Um colar grosso está pendurado no pescoço dela, e ela está usando um relógio enorme com duas pulseiras, e os saltos de tiras bege e preto formam a roupa toda. Laney ofega ao meu lado. — Oh, meu Deus.

— Oh, meu Deus, — minha mãe diz com um sorriso. — Não é uma surpresa agradável? — Ela fecha a porta, colocando a bolsa na

mesa. Entrando, ela bate os calcanhares no chão, seu longo cabelo vermelho fluindo.

Ela vem sorrindo. — Mãe, — eu digo, então olho para Laney, que abre os olhos ainda mais. Minha mãe vem até mim e beija minha bochecha. — Você nem ligou.

Ela me ignora como só minha mãe pode. — Laney, é tão bom finalmente conhecê-la. — Ela anda ao meu redor, agarrando Laney pelos ombros e beijando suas bochechas. — Eu sou Joanna.

Laney ainda parece em choque. — Hum, olá, — diz ela.

— Ela é absolutamente deslumbrante, — continua minha mãe.

— Mãe, ela está bem aqui, — digo, e minha mãe ri.

— Eu não disse nada de errado, — diz ela. — Vocês já comeram? — Ela olha para nós, então caminha até o balcão e senta em um dos bancos. — Parece que você acabou de se levantar.

— Sim, — eu digo, encostado no balcão. Eu olho para Laney, que tem os braços em volta da cintura. Eu me inclino, abraçando seus ombros e trazendo-a para perto de mim, em seguida, beijando o lado de sua cabeça. Ela olha para mim e sorri, envolvendo os braços em volta da minha cintura.

Minha mãe sorri para nós e bate palmas. — Devemos sair para o brunch, — diz ela, e eu olho para Laney.

— Quer sair para um brunch? — Eu pergunto a ela.

— Claro, isso soa ótimo. — Ela sorri para mim e depois para minha mãe. — Eu vou me vestir, — diz ela, afastando-se de mim e quase sobe correndo as escadas.

— Ela é linda, — diz minha mãe. — Ainda bem que você abriu os olhos.

Eu balanço minha cabeça para ela, beijando sua bochecha novamente, então subo as escadas para o quarto. Entrando no quarto, vejo Laney andando pelo cômodo. — Ei, — eu digo, e ela se vira para mim.

Ela levanta a mão com o pedaço preto de renda que tirei dela. — Como diabos devo ir para o café da manhã com sua mãe quando eu não tenho calcinha? — Ela diz, e não me dá uma chance de responder, porque anda ao redor do quarto, pegando suas roupas. — Isso é quase tão ruim quanto fazer a caminhada da vergonha na manhã seguinte.

— Laney, — eu digo, sorrindo para o seu nervosismo, mas ela não olha para mim enquanto tira a camiseta e fica na minha frente sem ela. Eu olho para ela e lambo meus lábios.

— Você está fora de si? — Ela diz. Eu olho para ela confuso. — Você não pode nem pensar em me tocar com sua mãe no andar de baixo. Sua mãe que não se parece com uma mãe, a propósito. Ela parece uma maldita modelo de passarela. — Ela continua falando, prendendo o sutiã e virando-o para colocá-lo sobre os braços. — Eu pensei que ela fosse uma ex.

— Eu nunca trouxe ninguém aqui, — digo a ela. — Eu nunca tive um relacionamento.

Ela para de se mexer. — O que você quer dizer? Tipo você nunca teve uma namorada?

— Não me entenda mal, — eu digo, indo até ela. — Eu namorei, apenas não exclusivamente. — Eu agarro seus quadris. — Agora não enlouqueça. Se vista, e vamos tomar um café com minha mãe.

— E se ela não gostar de mim? — Ela sussurra. — E se ela achar que eu sou uma vadia?

Eu jogo minha cabeça para trás e rio. — Você não é uma vadia.

— Eu estou usando suas roupas no dia seguinte. — Ela coloca os braços em volta da minha cintura. — Isso grita vadia.

— Vista-se, Laney, — digo, e ela apenas acena para mim. — Depois do café da manhã, iremos para sua casa e pegaremos algumas coisas.

— Tudo bem, — diz ela e anda até a saia, pegando-a e vestindo-a. Eu ando até o meu armário e pego jeans azuis rasgados nos joelhos e uma camisa azul clara. Eu deixo os primeiros três botões abertos e arregaço as mangas, colocando meu cinto marrom e pegando meus tênis brancos. Saio e vejo Laney sentada na cama curvando-se e prendendo os sapatos.

Ela sacode a cabeça. — Eu vejo agora de onde você tirou seu estilo.

— Eu puxei a minha mãe. — Eu brinco com ela, indo ao banheiro e arrumando meu cabelo.

Laney enfia a cabeça no banheiro. — Estou pronta, — diz ela.

Eu olho para ela, e ela está vestida exatamente como estava na noite passada com o cabelo em grandes cachos. Eu ando até ela, beijando-a e, em seguida, pego sua mão. — Vamos lá.

Desço as escadas e encontro minha mãe sentada do lado de fora em uma das espreguiçadeiras. — Mãe! — Eu grito da cozinha.

Ela balança as pernas para fora da espreguiçadeira e caminha até nós. — Quantos anos ela tem? — Laney sussurra para mim.

— Quarenta e poucos anos, — eu digo. — Ela foi uma mãe adolescente. — Eu sorrio.

— Eu acho que ela parece mais jovem do que eu. — Ela sorri.

Eu reviro meus olhos. — Eu não posso te dizer quantas vezes fui questionado se ela era minha irmã.

— Laney, você está maravilhosa, — ela diz, entrando. — Eu amo essa saia.

— Obrigada, — diz ela, olhando para baixo.

— Eu vou dirigir, — eu digo, pegando as chaves do meu carro. — Onde devemos ir?

— Oh, vamos para o Ivy. Eles fazem mimosas incríveis, — minha mãe diz quando pega sua bolsa e coloca seus óculos aviadores.

— Oh, eu gostaria de uma mimosa, — diz Laney, — ou um martini. — Eu olho para ela, e ela pisca para mim.

— Podemos fazer as duas coisas, — diz minha mãe, caminhando na nossa frente. — Eu nem sequer tenho um encontro hoje à noite, — diz ela, e Laney tenta esconder sua risada quando eu gemo. — Ele fica irritado quando eu menciono namoro e sexo.

— Mãe, sério, — eu digo em voz alta, abrindo a porta para Laney e depois para minha mãe. — Podemos maneirar?

— Não, — diz ela, entrando na parte de trás e sorrindo. — Nem um pouco.

Laney fica na ponta dos pés e ri, me beijando. — Isso vai ser divertido depois de tudo.

Eu fecho as duas portas, em seguida, contorno o carro e entro. Eu dirijo para o Ivy, e me lembro de parar aqui há duas semanas em um estado de espírito totalmente diferente. Quando paro próximo ao manobrista, Laney se vira para minha mãe. — Tivemos nosso primeiro encontro aqui.

— Sério? — Minha mãe diz. — Que divertido.

— Bem, foi divertido até ele estragar a festa, dizendo-me os perigos de beber sozinha, — menciona Laney.

— Ele é tão estraga-prazeres, meu filho, — diz ela, rindo quando o manobrista abre a porta para Laney e depois para minha mãe. — Obrigada, — minha mãe diz, saindo do carro e indo para o balcão da recepcionista enquanto Laney espera por mim.

— Três para o jardim. — Eu ouço minha mãe dizer, e então ela se vira para mim. — No jardim está tudo bem, certo?

— Sim, tudo bem, — diz Laney, e eu apenas sigo as mulheres enquanto conversam no caminho para a mesa. Minha mãe se senta primeiro, e Laney se senta na cadeira em frente a ela, então me sento entre elas.

— É um lugar tão bonito, não é? — Pergunta Laney, enquanto eu olho em volta, examinando o restaurante. Dois homens no bar se viraram, mas metade das mesas do lado de dentro estão vazias, já que o tempo está bom. A maioria das mesas do lado de fora está cheia.

Minha mãe pega o cardápio e está lendo quando o garçom chega à mesa para nos dar as especialidades. Minha mãe pede uma garrafa de champanhe e uma jarra de suco de laranja espremida na hora.

— Mãe, uma garrafa inteira?

— Oh, aqui vem ele, — diz Laney, olhando para o cardápio.

— Querido, — diz ela, olhando para mim, — você é o ex-fuzileiro naval fodão com uma empresa de segurança. Se não estamos seguras, temos problemas.

Eu gemo alto quando Laney concorda com ela, balançando a cabeça. O garçom vem com um balde prata e coloca entre minha mãe e eu. — Aqui está, — diz ele, mostrando-lhe a garrafa de champanhe. Ela apenas balança a cabeça e sorri. Ele tira o lacre metálico, depois desenrola o nó torcido que segura a cortiça. Ele lentamente vira a rolha, e depois

que ela estala com um som suave, ele enche cada uma das nossas taças de champanhe pela metade. Colocando a garrafa de champanhe no balde prata, ele a move para o lado, e outro garçom vem com um jarro de suco de laranja para encher o copo até o topo.

— Obrigada, — Laney e minha mãe dizem ao mesmo tempo.

— Vamos brindar? — Minha mãe diz, pegando seu copo. Laney agarra a dela. — Ao amor.

Laney olha para baixo e depois para cima de novo para mim. — Ao amor. — Elas batem suas taças e olham para mim.

— Eu não vou beber quando tenho que cuidar de vocês duas, — eu digo, e Laney joga a cabeça para trás e ri. — O quê? É verdade.

— Ele definitivamente não puxou a mim, — minha mãe diz, e eu ouço meu nome sendo chamado. Eu olho e vejo Dominic caminhando até nós.

— Eu achei que fosse você, — diz Dominic, dirigindo-se a mim, seu cabelo preto caindo em sua testa. Seus óculos escondendo seus olhos azuis. Seus jeans apertados com uma camiseta branca.

— Ei, você está aqui sozinho? — Eu pergunto a ele, levantando-me e apertando sua mão, e ele assente.

— Você tem que se juntar a nós, — eu digo e depois olho para Laney. — Laney, este é Dominic. Ele trabalha para mim. — Laney ergue-se levemente da cadeira e estende a mão para apertar a dele. — E esta é minha mãe, — começo a dizer, e depois fico chocado quando Dominic fala.

— Joanna, — diz ele, olhando para ela. Minha mãe sorri, levantando-se e virando-se olhando para ele.

— Dominic, é tão bom ver você de novo, — diz ela, agarrando seus braços e beijando sua bochecha.

— Vocês se conhecem? — Eu pergunto e Dominic não responde, mas minha mãe fala.

— Sim. — Ela se vira para se sentar. — Nós saímos ocasionalmente.

Eu olho para Dominic, que abre a boca para dizer alguma coisa, mas nada sai. — Quero dizer, sair é um exagero. — Ela sorri e toma um gole de sua mimosa.

— Eu não tinha ideia, — diz Dominic, e eu apenas olho para ele.

— Isso vai ser divertido, — diz Laney, pegando sua própria mimosa e drenando-a. — Posso tomar outra?

— Claro, — minha mãe diz, nem mesmo se importando que ainda estou de pé e tendo um confronto com Dominic.

— Eu posso explicar, — ele começa, e eu apenas balanço minha cabeça. As perguntas estão passando pela minha cabeça.

— Sente-se, — eu digo a ele, e ele caminha até o assento vazio, na minha frente.

— Explique, — digo a ele, e Laney morde o lábio.

— Absolutamente não, — minha mãe diz. — O que Dominic e eu fazemos não está em discussão. E francamente, — ela diz, enchendo seu copo ainda mais, — se eu tiver que explicar o que fazemos, nós teremos mais problemas. — Eu gemo, Laney e minha mãe riem, e Dominic parece que quer morrer. — Além disso, o que fazemos em nosso tempo livre é privado. — Ela olha para Dominic. — Não é verdade, Dom?

— Ele odeia esse apelido, — digo a ela, e ele apenas dá de ombros. — Isso não está acontecendo. Como diabos vocês se conheceram?

Dominic começa a falar e minha mãe fala antes dele. — Tinder.

Eu olho para eles. Ele vira a cabeça para olhar para a minha mãe que olha para ele, quase como se estivesse desafiando-o a dizer algo de outra forma. Ele não faz nada disso. Em vez disso, ele empurra a cadeira para trás com tanta força que guincha. Levantando-se, ele diz: — Vamos. — Ele estende a mão para minha mãe, e espero que ela o chute nas bolas, mas ela empurra a cadeira para trás, depois estende a mão e pega a dele. Ela pega a mão dele de uma forma que me mostra que não é a primeira vez. — Chega dessa merda, — diz ele. — Sem mais brincadeiras, baby. Sem mais fingir me afastar. — Ela sorri para ele enquanto ele a puxa para longe.

— Eu te ligo amanhã, — diz ela por cima do ombro.

— Eu acho que vou vomitar, — eu digo para Laney, que olha para mim e ri.

— Seu amigo está namorando sua mãe, — ressalta. — Oh, meu Deus, isso deve estar matando você.

— Oh, eu vou matar alguém. Você pode apostar nisso, — eu digo, pegando minha mimosa e drenando-a.

Epílogo Um

Hunter

Sete meses depois.

Eu pego minha colher e clico no copo de vinho na minha frente, a tagarelice das pessoas ao nosso redor para quando me levanto. Eu olho em volta da área da recepção e vejo todo o trabalho duro que fizemos nos últimos dias. Dois dias empurrando as mesas e cadeiras por todo o lugar. Nós mudamos de um lugar para outro até que a noiva estivesse feliz, e levou cerca de cinquenta tentativas. Ok, bem, três, mas quando você está movendo todas as mesas, parece cinquenta.

Dez mesas redondas se alinham em três fileiras ao redor de uma pista de dança de madeira improvisada. As toalhas brancas de linho cobrem as mesas brancas de plástico. Arranjos florais brancos com velas é a única coisa agora nas mesas ao redor.

Dez postes de madeira fincados no chão seguram fios de luzes ziguezagueando por toda a volta para nos dar alguma luz na praia. Se achei que mover as mesas foi demais, vejo as luzes e penso na merda que foi pendurá-las. A escada realmente não funciona na areia irregular, tentando martelar os pregos para poder pendurá-las. Então, chegar uma das garotas e dizer que você deveria ter martelado antes de fincá-los na areia. Todos os cinco homens, só olharam para os postes dando de ombros e se afastando. Nenhum de nós admitiu que deveríamos ter feito exatamente isso. Em vez disso, reclamamos, gememos e xingamos o tempo todo.

Mas eu apenas sorrio e olho para a noiva, tentando o meu melhor para não irritá-la. — Então, é hora do discurso do padrinho, — eu digo.

Eu olho para Anthony, que está sentado ao lado de sua esposa, o braço em volta do ombro dela, suas costas no peito dele, enquanto uma mão segura sua barriga grávida.

— Obrigado a todos por terem vindo para celebrar com Anthony e Sandy, — eu começo, e toda a multidão aplaude. Sorrio, olhando para todos quando sinto uma mão segurando minha perna e olho para Laney. Ela está sentada em seu vestido rosa e dourado com o cabelo preso na base do pescoço, sorrindo para mim. — Esses dois... eu nem sequer acho que o Tinder sabia o que fazer com eles, — eu digo, olhando para eles, — exceto combiná-los.

Todos riem, especialmente Anthony e Sandy, que joga a cabeça para trás. — Eu nunca pensei que iria vê-lo se acalmar, nunca pensei que ele iria encontrar alguém, mas ele fez. — Eu sorrio e olho para Laney.

— Sandy, ele é um cara de sorte, — digo a ela, e olho para Anthony, que apenas concorda, — por encontrar alguém que é exatamente, e quero dizer, exatamente como ele. — Algumas pessoas pegam suas taças de vinho e brindam. — Eu sei que ele vai ser o melhor marido e o melhor pai, e se ele não for... — Eu olho para baixo e depois para Sandy. — Tenho certeza que você vai orientá-lo na direção certa, — eu digo. — Aos recém-casados. — Eu levanto o meu copo. — Que seu amor nunca morra.

Eu tomo um gole e me sento ao lado de Laney. — Odeio discursos, — eu digo a ela. — Odeio.

— Você se saiu muito bem, — diz ela, inclinando-se, e eu a beijo. — Então, bem, eu posso ter uma surpresa guardada para você quando chegarmos em casa. — Ela levanta as sobrancelhas.

Eu pisco para ela, meu coração se enche quando ela diz a palavra casa. Casa. Nosso lar. Levei duas semanas inteiras para pedir que ela fosse morar comigo; Demoraram duas semanas inteiras esgueirando silenciosamente suas coisas de sua casa e colocando-as na minha. Nós parávamos na casa dela, e ela arrumava uma pequena mala, mas sem que ela soubesse, eu também estava enchendo uma sacola do lado. Até que ela finalmente não tinha mais nada em seu apartamento. Não foi como se eu tivesse que torcer o braço dela; ela estava praticamente lá o tempo todo. Todas as noites, jantávamos juntos, conversando sobre nosso dia enquanto sentávamos do lado de fora, observando as estrelas antes de irmos dormir juntos. E quando não estava, bem, eu iria para onde ela estivesse e me certificaria de que ela viesse comigo.

Eu ouço a música "Meant to Be" tocar, e levanto. — Você vai dançar comigo? — Eu digo, estendendo a mão para ela. Ela balança a cabeça, virando na cadeira e se levantando. Ela coloca a mão na minha e caminhamos até a pista de dança improvisada, ninguém nos segue. Em vez disso, todo mundo parece estar interessado em suas próprias conversas. Anthony e Sandy visitam cada mesa, agradecendo aos convidados por terem vindo. Algumas pessoas em pé no bar improvisado estão bebendo.

Eu coloco minhas mãos ao redor de sua cintura enquanto ela coloca uma mão no meu pescoço e uma no meu peito bem sobre o meu coração. Eu me pergunto se ela sente sua batida errática. — Eu gosto dessa música, — eu lhe digo, e ela apenas olha para mim, seus olhos brilhando, envolvendo as duas mãos em volta do meu pescoço. Minhas mãos ficando úmidas, curvo meus dedos em volta da sua cintura.

— É cativante, — diz ela, e eu começo, meu batimento cardíaco ecoando em meus ouvidos.

— Se você ouvir a letra, é meio que a nossa música-tema, — digo a ela enquanto giramos em um pequeno círculo. Todos nos observam, fingindo que não estão. Laney não percebe nada enquanto olha para mim.

— Sério? — Ela diz, e inclina a cabeça, ouvindo a letra. Ela não percebe que parei de dançar e agora estou parado na frente dela. Ela olha para mim agora, e então faço o que estava morrendo de vontade de fazer desde que ela foi insolente comigo pela primeira vez.

Quando me ajoelho, as mãos dela voam para a boca enquanto ela olha para mim. — Eu não tenho ideia do que o futuro reserva, e não tenho ideia de como o caminho será. — Eu sorrio e engulo, minha boca tão seca. — Eu não tenho ideia se vai ser difícil ou se vai ser tranquilo, mas tenho certeza de uma coisa, e é isso que eu quero você ao meu lado em tudo isso, — digo, e ela chora e ri — Eu quero que você esteja lá segurando minha mão, gritando comigo por não ouvir, e revirando os olhos para mim - meu favorito de todos, — eu digo, pondo a mão no bolso do terno e tirando o anel de noivado que comprei quando ela se mudou. — O que você diz, Laney? Você quer vir comigo?

Ela olha para mim, sem dizer nada, até que Sandy grita: — Você vai responder para que possamos continuar com o meu casamento? — Ela se vira para olhar sua melhor amiga que está agora na pista de dança com todos os nossos amigos. Minha mãe está lá abraçando Corina enquanto ambas choram. Gary está lá orgulhosamente; ele era a única outra pessoa que sabia. Eu fui tradicionalmente pedir sua mão em casamento. Sandy foi quem disse que eu tinha que fazer isso hoje.

— Sim, — diz ela com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Sim, eu vou casar com você. — Ela se abaixa, tomando meu rosto em suas mãos e me beijando. — Você é tão romântico. — Ela ri, e eu finalmente deslizo o anel de diamante de dois quilates em seu dedo, pegando-a em meus braços e girando-a.

Epílogo Dois

Laney

Três anos depois

— Eu não posso acreditar que vamos realmente vender esta casa, — eu digo, olhando para Hunter parado no meio da cozinha vazia. Eu estou do lado de fora no deck, olhando para o oceano.

— Baby, — diz ele, — nós superamos essa casa há dois anos. — Ele sai e coloca as mãos no meu estômago cada vez maior, nossa filha chutando suas mãos no minuto em que ele me toca.

— Ela está acordada. — Ele sorri para mim, e eu observo seu rosto, as pequenas rugas que estão ao redor de seus olhos, vincando cada vez que ele sorri. — Olá, princesa, — diz ele, inclinando-se para falar com a minha barriga. Ela já o tem enrolado no dedo mindinho e nem sequer nasceu. — Mal posso esperar para conhecê-la, — diz ele, e eu corro minhas mãos pelos seus cabelos.

Três anos atrás, quando ele propôs, e eu disse sim, pensei que ficaríamos noivos por um tempo antes de nos casarmos. Eu estava errada. No dia seguinte, minha mãe e Joanna apareceram com sete livros de noiva. *Sete.* Elas entraram e planejaram tudo, nenhuma surpresa aí. Elas tinham um plano em andamento e uma data de casamento marcada para três meses depois. Eu ri delas, pensando que não havia como planejar um casamento nesse tempo.

Joanna olhou para mim com um sorriso, quase como um sorriso sacana, e eu sabia que estava em apuros. Ela sentou-se à minha mesa de fora e fez perguntas.

— Qual o tamanho do casamento que você quer? — Ela perguntou, recostando-se na cadeira.

— Eu não tenho certeza, — eu respondi honestamente.

— Bem, você quer quatrocentas pessoas? — Minha mãe perguntou. — Ou você quer mais íntimo?

— Definitivamente íntimo, — eu disse a verdade e olhei para cima para ver Hunter balançar a cabeça, quase dizendo que eu estava me metendo em confusão. Minha mãe fez anotações.

— Você quer um casamento fechado ou um casamento ao ar livre? — Joanna então perguntou. Eu olhei para minha mãe para ela me ajudar, mas tudo o que ela fez foi tocar sua caneta no bloco.

— Hum, — eu disse, — Hunter? — Eu me virei para olhar para ele. — O que você acha?

— Eu não dou à mínima, contanto que me case com você, — disse ele, e eu olhei para ele e fiz uma nota mental para machucá-lo bastante quando sua mãe não estivesse por perto.

— Se eu tivesse que escolher, adoraria me casar na praia ao pôr do sol, mas ter a recepção no ar condicionado.

— Sim, — disse Joanna. — Ninguém precisa suar em um belo vestido.

— Que tal aquele hotel na praia com restaurante com vista panorâmica? — Perguntou minha mãe. — Como se chama?

— 777, — disse Joanna. — Eu conheço os donos. Eu faço a contabilidade deles, então farei uma ligação. Eles me devem um favor.

— Oh, perfeito, — minha mãe disse e fez mais anotações.

— Pare de tomar notas, — eu disse a ela, e ela só olhou para mim.

— É meu trabalho tomar notas, — ela disse, e eu não tinha ideia do que diabos ela estava falando. — Durante essa conversa, meu trabalho é fazer anotações, e o de Joanna é fazer as perguntas.

— Por quê? — Eu perguntei.

— Porque sua mãe parece pensar que você não vai mandar eu me foder, já que sou a mãe de Hunter, — disse Joanna, rindo, depois se inclinou para colocar a mão na minha. — Eu disse a eles que era apenas uma questão de tempo. — Ela piscou para mim, e tive que dizer que ela era a pessoa mais realista que já conheci. Às vezes, esquecia que ela era a mãe de Hunter e não apenas mais uma das minhas amigas.

— Agora a grande questão, — disse minha mãe. — Vestido.

— Eu não vou usar um vestido feio de mãe do noivo, — Joanna disse imediatamente, — e não vou fazer sua mãe usar qualquer coisa apagada também. — Ela olhou para a minha mãe que assentiu. — Somos mulheres jovens e independentes que criaram duas crianças incríveis. Não devemos usar mangas compridas e saltos baixos.

— Sim, — minha mãe concordou. — Nada de marrom feio para mim. Eu quero fúcsia.

— Essa é uma ótima cor com seu cabelo, — disse Joanna, depois olhou para mim. — Eu conheço a designer de casamento daquele reality show da TLC "Diga sim ao vestido"[11]*, — diz Joanna.*

— Pnina? — Minha mãe pergunta, e Joanna assente.

— Sim, eu faço seu imposto de rendas, — disse ela.

— Oh, meu Deus, — minha mãe diz, — você acha que ela desenharia o vestido?

---

[11] **Diga sim ao vestido** é uma série de televisão de realidade americana no TLC que segue eventos em Kleinfeld Bridal em Manhattan.

— Eu não vejo porque não. Posso ligar e lhe perguntar. Por que não pedimos nossos vestidos também? — Perguntou Joanna.

Foi assim que a noite toda passou e, na semana seguinte, tudo estava reservado. Tinha minha cerimônia na praia, e o restaurante seria fechado naquela noite só para nós. Joanna disse que foi cortesia. Eu não acreditei nela, mas Hunter apenas disse para deixar para lá.

Duas semanas depois, fomos a Nova York e eu tive o vestido dos meus sonhos criado.

Eu soube imediatamente que era o vestido quando andei pelo corredor dois meses e meio depois e Hunter tinha lágrimas descendo pelo rosto. Foi perfeito, nosso casamento foi perfeito, e também foi perfeito o fato de que eu estava escondendo o segredo que estava carregando seu filho. Uma surpresa que lhe contei naquela noite quando ele me tirou do meu vestido de noiva. Lá no meio do meu estômago estava uma tatuagem removível de um laço.

— O que é isso? — Ele perguntou com um sorriso, sentando na cama enquanto eu estava entre suas pernas em minha liga e sutiã.

— É o seu presente de núpcias, — eu lhe disse, e ele olhou para mim. — Vamos ter um bebê, — eu sussurrei as palavras antes de vê-lo chorar pela segunda vez naquela noite.

Oito meses depois, dei à luz ao nosso filho, que saiu com a cabeça cheia de cabelos negros e olhos exatamente como o pai.

— Mamãe, mamãe, mamãe. — Eu ouço Logan enquanto ele corre pela casa para a qual nós o trouxemos. Eu me viro para observá-lo, seu cabelo voando por toda parte enquanto ele pula nos braços do pai.

— Eu tomei sorvete, — diz ele, e não preciso perguntar-lhe de que tipo, porque ele tem chocolate no nariz.

— Onde está a vovó? — Eu pergunto a ele e olho por cima do ombro deles para ver Joanna entrar, ou realmente gingar um pouco. Sim, minha sogra, avó de quase dois, está grávida de seis meses de gêmeos.

— Não me culpe, — diz ela, e eu olho para ela. Mesmo grávida, ela arrasa; nada de roupas de maternidade para ela. Não, ela recusou. Então, ela está usando uma saia longa que flui ao seu redor com um top apertado. — São eles. — Ela aponta para sua barriga. — Você pode culpá-los. Tudo o que fiz esta semana foi comer sorvete. Potes e potes deles. Estou surpresa que minha bunda passe pela porta, — diz ela, indo até Hunter e beijando seu rosto. — Oi querido.

— Onde está Dominic? — Hunter pergunta.

— Quantas vezes já pedi para você me chamar de papai? — Dominic diz, entrando com um sorriso enquanto Hunter geme.

— Tio Dom é seu pai? — Logan pergunta, e Hunter balança a cabeça enquanto todos nós rimos.

— Você disse a mamãe e papai que fomos fazer compras para o seu novo quarto? — Joanna diz, e Logan balança a cabeça. — Compramos para ele um tapete com uma espaçonave e compramos um telescópio para que ele possa ver as estrelas. — Ele apenas balança a cabeça.

— Nós compramos coisas de menininhas também, — diz ele sobre sua irmã. — Mamãe, a menininha vai fazer cocô nas calças? — Ele me pergunta, e Hunter responde.

— Sim, assim como você fez. — Hunter se inclina e beija seu pescoço enquanto ele ri.

— Vocês estão prontos para ir? — Pergunta Dominic. — Os novos donos disseram para vocês pegarem os f... — ele quase disse fodido, mas parou quando olhou para Hunter, — sair para que eles possam entrar.

— Rachel nunca iria me dizer para sair da minha própria casa, — diz Hunter.

— Não é mais a nossa casa, — digo a ele. — Vamos lá. Estou cansada e preciso colocar meus pés para cima e agora estou com vontade de tomar sorvete.

Nós saímos da casa, olhando para trás mais uma vez, e sorrimos um para o outro.

Naquela noite, quando entro em nossa nova casa, sorrio enquanto olho em volta da casa dos meus sonhos. Em frente à praia como a outra, mas com mais cinco quartos. Eu ando pela casa que já foi arrumada, graças a todos os nossos amigos e familiares. Eu pego uma garrafa de água e subo as escadas, indo direto para o quarto de Logan. Eu paro na porta e vejo meu marido ler uma história para dormir. Logan está tentando lutar contra o sono, mas ele está perdendo a batalha. Eu bebo a água, observando-os, e Hunter termina toda a história, mesmo sabendo que Logan há muito tempo adormeceu. Ele o beija na testa e apaga a luz antes de vir até mim.

— Você está bem? — Ele me pergunta, e eu apenas sorrio enquanto ele pega a minha mão, e nós caminhamos para o nosso quarto.

A imagem de nós na praia comigo em seus braços na noite em que ele me propôs, paira sobre nossa cabeceira. Essa foi a primeira foto que penduramos quando entramos na casa, e depois adicionamos outras fotos ao lado dela. O dia do nosso casamento, a primeira foto de ultrassom. Meus olhos vão para a próxima foto; é a nossa primeira foto em família. Logan está no meu peito, meus olhos nele enquanto choro de alegria, e Hunter olha para nós dois enquanto derrama suas próprias lágrimas. Mais duas fotos estão penduradas ali. Uma é a imagem o

ultrassom da nossa filhinha e a outra é uma moldura vazia para uma foto que espera ser adicionada.

Um mês depois, eu coloco a foto na moldura, e é quase idêntica à de Logan, exceto que Logan está nos braços de Hunter enquanto ele aponta para sua irmã, Corina Joanna.

Eu penduro a foto e olho para a parede. Quem diria que ser jogada naquele encontro às cegas me ajudaria a encontrar o amor?

FIM